ANNO XXXI. N. 10.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

SABBADO 13 DE JANEIRO DE 1855.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.

Sobre Londres, a 28 1/4 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 1/2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . . . 29$000
Moédas de 6$400 velhas . . 16$000
» de 6$400 novas . . 16$000
» de 4$000 . . . 9$000
Prata.—Patacões brasileiros . . . . 1$940
Pesos columnarios . . . 1$940
» mexicanos . . . . 1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira 0 e 30 minutos da tarde.
Segunda 0 e 54 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.

Janeiro. 2 Lua cheia as 5 horas, 48 minutos e 33 segundos da manhãa.
» 11 Quarto minguante ás 2 horas, 7 minutos e 38 segundos da tarde.
» 18 Lua nova as 6 horas, 17 minutos e 36 segundos da manhãa.
» 24 Quarto crescente a 1 hora, 48 minutos e 32 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.

8 Segunda. S. Lourenço Justinianno Patriarca.
9 Terça. Ss. Julião e Bazilissia, sua esposa.
10 Quarta. S. Paula primeiro Erimita.
11 Quinta. S. Hyginio p. m.; S. Salvio.
12 Sexta. S. Satyro b. m.; S. Arcadio m.
13 Sabbado. S. Hilario b.; S. Hermillo.
14 Domingo. 2.º depois de Reis; O SS. Nome; S. Felix m.; S. Macrina v.; S. Malaquias.

EXTERIOR.

Está em vesperas de realisar-se em Portugal um daquelles maximos melhoramentos, cujas consequencias os mais ousados espiritos apenas podem prever. Fallamos do projecto da carreira de navegação entre o continente e os Açores, se porventura se quizer estender até aos portos da Africa occidental, o que dará á empreza proporções economicas e civilisadoras de um poderoso alcance.

Apezar da nossa decadencia, somos ainda, depois de Inglaterra, a nação que possue mais vastas colonias. He dellas que pode porvir o nosso engrandecimento, e a nossa prosperidade futura. São grandes mercados abertos á crescente vitalidade da nossa industria, e aos acrescimos da nossa população. Mas em quanto não podemos applicar ao fomento colonial grossas verbas do orçamento, cumpre-nos procurar os meios de as ligarmos com a metropole, dando regularidade ás nossas transacções, e aproximando os productos coloniaes do consumo europeu.

Suppor que as communicações obram sobre o desenvolvimento da riqueza com uma força desmedida e intensa, não he mais do que affirmar um vulgar axioma economico. Cada anno que decorre, he uma prova exuberante da potencia productiva da viabilidade. Sem a descoberta do vapor, sem a sua applicação aos transportes maritimos e terrestres, nenhuma das nações europeas, e muito menos os Estados-Unidos, nos apresentariam os incriveis progressos, que deslumbram a imaginação. Os desertos povoam-se, as florestas desbravam-se, e as cidades surgem por encanto do solo primitivo, patria recente dos selvagens, e dos animaes ferozes.

Qual deve ser pois o pensamento constante do governo, em relação ás nossas colonias? He dota-las de communicações, e transformar os thesouros perdidos e jacentes, em capitaes uteis, mudando as condições da sua existencia industrial. A viabilidade he a um tempo o principio e o termo de toda a modificação economica. Indicia os povos na civilisação e como completa os seus destinos, quando elles se emancipam progressivamente do estacionamento e da miseria.

Todo o pensamento de melhoramento colonial, não pode tomar como base senão o estabelecimento das communicações. Leis administrativas, reformas economicas, tudo será esteril sem esse impreterivel fundamento. As transacções com a Europa, promovidas e estimuladas pela navegação a vapor, serão o germen fecundo do seu futuro renascimento industrial. He assim, e só assim, que a canna do assucar, que o algodoeiro, e o café se ergueram como por encanto naquelles vastos terrenos, aonde a vista se perde. O problema da emigração, e o da escravatura poderão aproximar-se de uma solução honrosa para a nossa dignidade nacional. Os esforços do trabalho, o pedido crescente de braços para as tarefas agricolas, terão mais poder do que os dispendiosos cruzeiros, e as leis restrictivas. O negro não será transportado para longe da sua terra: o colono branco poderá encontrar seguro emprego da sua actividade, sem reproduzir o destino do servo da gleba, arrendado á omnipotencia do insaciavel capitalista.

Um dos que primeiro propoz a idéa de estabelecer a carreira para os Açores, e elaborou importantes trabalhos economicos e estadisticos, para dar seguro penhor da excellencia da especulação, foi o Sr. Simone Gattai. Durante a sua permanencia em Inglaterra, aonde tratára de fundar uma companhia, apoiado de uma concessão provisoria do ministro da fazenda, instituio-se em Lisboa uma associação com o mesmo fim, e que he justo se diga, deveu muito ás luzes que o Sr. Simone Gattai derramára sobre o assumpto.

De volta a Lisboa, o Sr. Gattai propoz fundir os capitaes das duas emprezas, da portugueza e da ingleza, alargando a esphera da sua iniciativa até á navegação da Africa occidental.

Este novo proposito concede á futura companhia uma importancia incalculavel, em relação á civilisação, e progresso das nossas colonias. A navegação a vapor restricta ao movimento dos Açores, era uma empreza util: estendida á Africa, he uma empreza eminentemente nacional, e cujos resultados terão echo não só nos mercados da metropole, como tambem na industria, e commercio das nossas possessões.

A commissão que a empreza portuguez elegeu para tomar em consideração as propostas do Sr. Gattai cremos que está animada do melhor espirito, a favor da conveniencia desta fusão de capitaes. Assim, dará seguros fundamentos a um tão vasto e fecundo plano, salvando-se da concurrencia que em emprezas nascentes pode ser fatal.

Os preconceitos contra a intervenção dos capitaes estrangeiros, não influirão de certo em caracteres illustrados e cultos. O ponto de honra nacional não ha de insinuar-se em assumptos desta ordem, contrariando as prescripções da sciencia e do senso commum. Poderá haver no paiz abundancia de capitaes, mas não he essa a questão. O que cumpre indagar he se elles são emprehendedores e activos, se buscam as applicações mais uteis á communidade social, se deixam fecundos rastros da sua existencia, aproveitando o e desenvolvendo as forças productivas.

Sabemos que o governo ajudará esta empreza com um subsidio, no caso que ella estenda a navegação á Africa occidental. Será comprehender com intelligencia e largueza os interesses das colonias, e o seu auxilio se tornará dos mais fecundos para beneficios das nossas possessões.

Não nos alargamos por em quanto a este respeito. Esperamos que idéas sensatas, e não paixões mesquinhas, decidam as condições de uma empreza eminentemente proficua a civilisação e progresso da nossa terra.

Lopes de Mendonça.

Participam de Vienna em de 26 de novembro a *Gazetta de Colonia*. — São-nos communicadas informações authenticas acerca da attitude do governo austriaco para com a Russia. No meado deste mez o principe Gortschakoff entregou ao nosso gabinete um despacho em que o conde de Nesselrode declarava, que o czar estava prompto a aceitar os quatro pontos propostos e entrar em negociações com estas bases. Naquelle documento se fazem as declarações seguintes:

« 1. O governo russo consente em exercer em commum com as outras grandes potencias europeas o protectorado sobre os principados com todos os direitos que pertenciam á Russia em virtude dos seus tratados com a Turquia. He sabido que em consequencia da guerra, a Porta declarou nullos e sem effeito todos os tratados celebrados com a Russia.

« Nas negociações que poderiam ter lugar não se trataria, pois, de saber quaes eram os direitos que a Russia possuia, mas sim quaes são os privilegios que a Porta concedeu aos principados. As grandes potencias não podem ter outra missão por este lado, que não seja asegurar esses privilegios.

« 2. A Russia esta prompta a reconhecer a liberdade da navegação do Danubio.

« Esta concessão não pode ser de grande importancia, tendo feito a Russia as mesmas promessas nos tratados de Vienna. A questão principal será sempre saber, qual a garantia que se ha de dar contra a renovação dos impedimentos postos á navegação na foz do Sulina.

« 3. A Russia promptifica-se á revisão do tratado de 13 de julho de 1841, que fecha os Dardanellos aos navios de guerra estrangeiros, presumindo que a Porta o consente.

« Estas concessões fizeram-se na supposição de que: — 4.º e em ultimo lugar, as grandes potencias europeas assegurarão e consolidarão os direitos dos christãos subditos da Turquia.

« O governo austriaco encarregou-se de dar conhecimento destas propostas aos gabinetes de Londres e de Paris; e he muito provavel que a presença de lord Palmerston nesta ultima capital fosse motivada pela communicação importante.

« Todavia, seria possivel falhar toda a negociação por causa da questão do pagamento das despezas da guerra; pois não he provavel que as potencias occidentaes renunciem neste ponto. Alem disso a attitude pacifica do nosso governo permitte á Russia metter ainda mais tropas na Crimea. »

(*Revolução de Setembro.*)

« Escrevem-nos de Villa Nova d'Ourem em data de 19 de novembro de 1854:

Personagem mysterioso.

« No dia 16 do corrente, passando o Sr. conde de Thomar n'um corredor escuro da sua habitação, no convento de Christo, d'aquella cidade, avistou no fundo d'elle um figurão de manta e bonet, cuja presença, figura, e feições lhe causaram desconfiança e receio; e querendo reconhecer o mal encarado homem que tão sem-ceremonia se lhe introduzio em casa, dirigio-se para elle, e perguntou-lhe quem era, e o que queria. O sugeito em vez de responder, perguntou se era o Sr. conde de Thomar; a que o Sr. conde respondeu que não era elle, e que elle estava lá em cima, que o iria chamar, mas que descesse. Seguio-o até ao pateo, a tempo que ahi vinha chegando o hortelão com um machado ás costas, aquem o Sr. conde recommendou que vigiasse o desconhecido, e inquirindo o criado quem era, e o que alli viera fazer, respondeu que viera entregar uma carta, e que esperava a resposta.

« Não tinha entregado a carta, mas sim um memorial em que se intitulava o tenente Silveira, e pedia esmola; mas averiguado o caso não comprovou o que disse.

O Sr. conde fe-lo então conduzir á administração do conselho, onde deu parte do acontecido, e procedendo-se ahi ao interrogatorio do desconhecido, foi este achado em grandes contradicções, reconhecendo-se todavia que se de todo não mente, tem viajado as sette partidas do mundo.

« Declarou chamar-se José Maria de Carvalho, solteiro, de 48 annos de idade, natural de Lisboa, sem saber onde, ao presente, reside a sua familia.

« Que fóra cabo de engenheiros no tempo de D. Miguel, e tenente de cavallaria em 1847.

« Que estivera na Hespanha para onde fóra na convenção d'Evora Monte.

« Que estivera na França, para onde foi, no convento de Bergara.

« Na Belgica, para onde foi de França e onde se demorou seis mezes.

« Em Roma, para onde foi da Belgica, e onde se demorou um anno.

« Em Portugal, para onde veio de Roma ha 2 annos, vindo por Campo Maior, villa Viçosa, Borba, até ao Cartaxo, onde se estabeleceu com loja de marcineiro.

« Que esteve no Alemtejo, para onde foi do Cartaxo, demorando-se em Beja, trabalhando pelo mesmo officio, depois em Cuba onde se demorou dous annos.

« Que passou á Hespanha em 1850, e residio em Badajoz um anno trabalhando pelo seu officio.

« Que de Badajoz passou á Belgica, e alistou-se no serviço estrangeiro.

« Que em 1542 veio para Portugal, trabalhando pelo officio em varias terras, e com especialidade em Salvaterra e ultimamente vem de Coruche.

« Apalpando-se este homem acharam-se-lhe varios papeis, em um dos quaes, pela sua lettra que he excellente, descompõe horrivelmente a rainha, o rei e o conde de Thomar, e termina por vivas a D. Miguel: traz adresses a varios legitimistas bem conhecidos no paiz, e uma demonstração dos direitos de D. Miguel, etc.

« Ignora-se o modo porque se introduzio no interior da residencia do Sr. conde, mas sabe-se que ha dias andava pelas cercanias do convento, não fazendo os criados de S. Exc. caso d'elle, por julgarem que pertencia a uns laranjeiros, que alli andavam encaixotando a laranja.

« A justiça de Thomar a quem o negocio está confiado, procede nas suas investigações, para ver se descobre a verdade, e quem era o mysterioso personagem.

« Será o homem apenas um falso mendigo? Será um impostor? Será um demente? Será d'algum bando de ladrões? Será algum assassino? He o que só o tempo e ulteriores investigações poderão descobrir.

(*Do Leiriense.*)
(*Imprensa e Lei.*)

LISBOA

4 de dezembro de 1854,

QUESTÃO IBERICA.

Meu charo amigo.—Vejo-me forçado de novo a entrar nesta questão, e a desenvolver as idéas que primeiro havia emittido. Tenho que responder a um artigo do *Progresso* assignado pelo meu amigo Souza Brandão, e alguns trechos do jornal realista a *Nação*.

Acceitam os democratas a união iberica seja qual for a forma de governo que tenha de reger a Peninsula? Nesse caso, eu declaro-os inconsequentes com as suas doutrinas, e abjurando todas as suas tradições. Involuntariamente, não pedem a federação, decidem a incorporação de Portugal a Hespanha. He uma absorpção completa e decisiva, a que tendem os seus esforços: e nesse caso sem invocar os manes dos heroes de Aljubarrota, e do Montijo, eu tenho o direito de não sympathisar com similhantes idéas.

Pois he crivel que no seculo XIX, mesmo sem ler a historia, sem querer extrahir do passado austeros ensinos para o futuro, que se faça depender do matrimonio de um principe a solução de um tão grande problema? Não he irrisorio, ver que para um facto de tanta transcendencia se inculcam as virtudes e dotes pessoaes de um individuo, e se discutem gravemente os conhecimentos que elle adquirio, e as prendas litterarias que realçam o seu entendimento?

Eu não tenho odio a nenhum monarcha, e acho de máo gosto as odes bombasticas, e os versos tyrannicidas com que nos principios deste seculo se exterminavam theoricamente todos bons, homens ás vezes, que não tinham culpa de terem nascido n'um palacio, em vez de haverem recebido a luz n'uma choupana. Mas a instituição da monarchia tem leis, derivadas da sua indole, que se não podem preterir, que se hão de forçosamente acceitar, em despeito muitas vezes da vontade do proprio monarcha. A monarchia he a formula mais concreta da autoridade; quem diz autoridade, affirma virtualmente a concentração dos poderes, e com ella a federação desapparece, para dar lugar a' unificação administrativa, que exclue o equilibrio das nacionalidades.

Os *ibericos* regeitam a philosophia da politica, e os exemplos da historia, em nome de uma hypothese. Deploravel contradicção! Quem nos diria que homens sisudos e serios, que espiritos elevados e cultos, se deixariam allucinar pelo enthusiasmo tributado a um mancebo, de grandes esperanças he verdade, mas cuja vida está sujeita como a dos outros mortaes, a ser cortada em flor?

He exactamente porque a monarchia he apenas e quasi sempre, um accidente feliz, que não depositamos nella a confiança necessaria para uma evolução de tanta magnitude. Aos Vespasianos e Titos, succedem os Domicianos: aos Adrianos e Marcos Aurelios, os Commodos, aos Septimio-Severo, os Caracallas. He pelo culto das idéas, pela appropriação habil de instituições fecundas, que se decidem os problemas de organisação social. Attribuir aos factos individuaes uma tão decisiva influencia he materialisar as aspirações da sociedade e aproximarnos das eras primitivas da superstição e do obscurantismo.

He porventura secundaria a questão da formula politica, perguntarei eu de novo? He essencial, e desprezada ella, teremos todos nós mais uma destas deploraveis decepções, que tantas vezes adormecem as sociedades, para as acordarem depois, ao clamor funesto da guerra civil.

Se he verdade que os homens pervertem ou utilisam as instituições, não he menos evidente tambem que ellas possuem uma força virtual e propria, que tende a dominar os homens. Um monarcha, por mais virtuoso, por mais illustrado, por mais philantropico, por mais amante da humanidade, ha de representar d'um modo ou de outro o seu principio. A não se tomar o *porc á engraisser* da constituição de Syeis, utopia ridicula, ha de aspirar a usar do poder, a engrandece-lo, a fortifica-lo, a torna-lo poderoso e energico; e se não for elle, hão de ser os ambiciosos, os cortesãos, que o rodeiam, e que o dominem. Como se ha de resistir a esta tendencia, essencialmente contraria a descentralisação administrativa? Que meios ha a oppor contra a monarchia, instituição estavel, abastecida de recursos, rodeada de prestigio, em luta com os poderes constitucionaes, essencialmente transitorios, e mais de uma vez interpretes, pelo desalento publico, da vontade governativa? As insurreições: direito sempre perigoso, e que nunca pode ser encarado senão como um estado anormal e violento. E as antinomias, que podem dar-se, de provincia a provincia, não poderão ser especuladas pelo poder permanente, que tem tempo e ensejo de desenvolver o seu systema, e de proseguir a sua missão?

Custa-me realmente a descer a estas considerações, fallando com homens democratas, que as devem ter meditado e previsto. E se ellas não fossem verdadeiras, ao menos para os individuos da nossa opinião politica, deviam-se condemnar como absurdas as aspirações da democracia moderna.

De duas uma: ou o estado politico actual europeu persevera, e então a Peninsula será, debaixo da forma monarchica, uma nação unificada, e nunca uma federação; ou muda, e he inutil por isso gastar esforço e actividade em crear um acontecimento, que se impora' pela força das idéas, pelo desenvolvimento natural da civilisação e da liberdade.

E se as evoluções que nós prevemos, sugeitas ás acções e reacções do pensamento e das paixões, se adiarem indefinidamente? Teremos, he muito provavel, uma tribu de principes lusos-hespanhoes, e uma serie de revoltas, que sem attingirem porventura a uma solução definitiva, serão outros tantos obstaculos ao nosso progresso civilisador, e a' nossa transformação economica.

Caso notavel! estas tentativas de approximação pelo matrimonio, ainda em tempos rudes e incultos, não produziram senão catastrophes para ambos os paizes. A dignidade do povo repellia nobremente a idéa de disporem da sua sorte, em nome de communhões conjugaes, e suppunha que as soluções politicas de uma questão ponderosa, se não podiam procurar no mero accordo de duas vontades, por mais valiosas, que a sua posição as tornasse.

Ao casamento de D. João I de Castella com D. Beatriz, filha de D. Fernando e de D. Leonor Telles, succedeu uma longa luta, que immortalisou o nome de D. João I, que illustrou a espada de D. Nuno Alvares Pereira, e a eloquencia e sciencia de João das Regras. D. Affonso V desposando a infeliz Joanna-a-Louca, tentou de balde, penetrando na Hespanha, rehaver a successão daquelles reinos. D. Manoel para alcançar a mão de D. Isabel de Castella, teve a fraqueza deploravel, contra os votos do seu conselho, de desterrar do seu reino os mouros e judeos, e sendo reconhecido legitimo herdeiro do reino de Aragão em 1499, vio em breve os Aragonezes negando-lhe o juramento de fidelidade, e apenas obteve com custo para seu filho, o infante D. Miguel, o reconhecimento dos seus vassallos.

Dir-me-hão talvez que as épocas são diversas, que a illustração do nosso seculo não he comparavel de nenhum modo á dos seculos 14 e 15?

Mais uma razão ha em não plagiar ridiculamente os expedientes que nem mesmo então foram fructiferos. Os grandes resultados de uma idéa só se obtem pela efficacia e abundancia da opinião: e essa não se conquista senão na área das doutrinas, que traduzem no mundo superior da philosophia, as tendencias e aspirações de um povo.

Resolve a encorporação monarchica da Peninsula o problema federativo? Demora-o, desfigura-o, difficulta-o, annulla-o por alguns annos pelo menos. Como idéa politica, a monarchia he a centralisação administrativa: como idéa economica, he a côrte, he a immolação systematica do imposto ás ostentações da realeza, ás necessidades da etiqueta, aos desperdicios da falsa grandeza e da vaidade.

Socrates ou Platão sentados no throno haviam de ceder forçosamente á energia do proprio principio, que representavam.

O *Progresso* apresenta a revolução de Hespanha como um exemplo que demonstra a transformação rapida do espirito hespanhol. Não antecipemos os acontecimentos. Praza ao céo que todas as opiniões possam respirar desaffrontadas no generoso ambiente do liberdade: que as armas só se empunham nos combates, e não sirvam nunca para exercer vinganças, depois da victoria. Mas a revolução, para mim, existe em embrião apenas. Por em quanto, só ouvi os gritos de enthusiasmo e o ruido das acclamações. Tenho-a visto appellar para o passado, apoiando-se na tradição: erro profundo; por que denuncia a um tempo menos fé no seu principio, e renova as divisões fataes que haviam fraccionado o partido liberal. A revolução de julho escusava de se lembrar de 1837 e de 1843. Com as idéas que essas datas recordavam, vinham tambem de envolta os cadaveres dos martyres, que a voz omnipotente do triumpho não podia resuscitar. As revoluções, quando são tão unanimemente abraçadas pelo paiz, como foi aquella, não carecem de titulos nobilitarios, e de procurar a sua genealogia historica. De que precisam he de iniciativa; o que exigem he coragem e illustração para resolver os problemas, que a sua apparição naturalmente desenvolve.

Penso que um facto de tal ordem, nunca he inutil; mas o que pode acontecer he que os seus resultados se adiem, se por ventura se desvairar em hesitações medrosas. Se a revolução de julho offender os principios humanitarios do nosso seculo com alguma scena de sangue; se ao mesmo tempo não destruir razoavelmente o mechanismo governativo, que a reacção creára, he uma revolução morta. Se for cruel com os homens, e branda com as instituições, latitudinaria com os abusos, terá demonstrado de certo o poder da generosa indignação de um grande povo, mas voará para o limbo, esperando que revolucionarios de outra tempera, lhe encarnem o espirito em mais poderosa organisação.

Mas em todo o caso, não supponho que ella signifique muito para a questão iberica. O *Progresso* conhece bem que não he della que se podem derivar as modificações decisivas, que transformam a sociedade, e lhe determinam uma nova existencia.

A' *Nação* responderemos em breves e concisas palavras. Jornal que representa as tradições, ha de aceitar todas as que comporta o seu principio. Não teve a usurpação de Filippe II o assentimento da classe aristocratica? Vio-se já no regimen liberal corrupção mais descarada, do que a que levou uma grande parte da nobreza a vender a sua adhesão por uns tantos mil cruzados?

Nós, homens das idéas novas, podemos placidamente discutir, em nome da felicidade, do bem estar e do futuro de um grande povo, a conveniencia da união iberica. Elles, os cortezãos da velha realeza, não se deram a esse trabalho: estenderam a mão sordida ao ouro do despota Hespanhol, em quanto a *vil ralé*, como lhe chamavam por escarneo, sellava com o seu sangue na ponte de Alcantara o amor á independencia e á patria.

Não se aterre a *Nação* com este debate. He a prova solemne dos progressos doutrinarios do nosso seculo. Demonstra evidentemente que os grandes problemas de organisação politica, não se podem decidir nem pela conquista, nem pela corrupção. São os concilios da intelligencia que preparam as idéas: he a omnipotencia do espirito publico que as realisa.

Lopes de Mendonça.
(*Revolução de Setembro.*)

Se he verdade, como se lê na correspondencia que recebemos de Berlim e Vienna, que o gabinete de S. Petersburgo annunciou o seu consentimento em receber as quatro condições da nota de 8 de agosto como base de negociação, não ha difficuldade em penetrar o motivo de semelhante communicação no tempo presente. Não duvidamos, que tanto na recente conferencia do ministro da Russia em Vienna com o conde Buol, como pelo intermedio do ministro da Austria em S. Petersburgo, semelhante intimação tenha actualmente tido lugar, e os boatos que tem circulado ácerca deste objecto durante estes ultimos dias foram provavelmente espalhados pelos agentes da Russia, afim de preparar o publico para este passo, da parte do seu governo. Se suppozessemos que esta proposta do imperador Nicoláo procedia de uma intenção sincera e deliberada para abandonar todas as pretenções que tem motivado esta guerra, e para submetter o estabelecimento de uma nova ordem de cousas, baseada sob garantias solidas, nas relações da Russia com a Porta, nos principados, na navegação do Danubio, do mar Negro, indubitavelmente saudariamos com satisfação a mudança na politica da Russia calculada para acabar essa contenda sanguinaria. Mas não temos a menor razão para acreditar que semelhante disposição exista da parte do governo da Russia, e o unico objecto que podemos descobrir em tal communicação, se por ventura tem ella sido feita, he para alcançar novos materiaes para discussões de palavras que formam o deleite dos casuistas na Allemanha, e paralisar quanto for possivel a acção militar da corte de Vienna. Esta aceitação hypothetica das quatro proposições tem ultimamente sido considerada e descripta por diplomatas de segunda ordem na Allemanha, como a contingencia que havia de limitar a independencia e reprimir a actividade das principaes potencias. Grande uso ja tem sido feito desta manobra pelos agentes da Russia, que professam obrar em nome de duas ou tres cortes pequenas da Allemanha, e de maneira alguma ficamos admirados de ver que o governo russo está agora se esforçando para aproveitar o laço que armou. Uma das questões que tem sido proposta em differentes formas á Austria pelos outros estados da Allemanha que cabalam contra ella era se, no caso da Russia aceitar as quatro proposições se absteria de entrar em hostilidades, e até lançar toda sua força contra os estados do Occidente. O gabinete de Vienna positivamente recusou contratar semelhante promessa, cujo effeito a obrigaria aceitar o systema de neutralidade pelo mero recebimento de certas proposições da Russia.

O theor das quatro proposições da nota de M. Drouyn de Lhuys de 8 de agosto era necessariamente indefinido, pois, ainda que estabelecesse os principaes principios, pelos quaes os estados occidentaes pelejam, não definia a applicação destes principios. Isto conheceu-se, que só podia alcançar-se pelos resultados praticos da guerra. As condições estão por consequencia sujeitas á um vasto campo de interpretações em ambos os lados, e, alem disso, tem sido expressamente prevenido pela França e a Inglaterra, e até pela Austria, que não deviam de maneira alguma ser consideradas como para pôr obstaculo á qualquer pretenção ou estipulação que por ventura appareça no progresso das hostilidades. Continham, com effeito, o minimo de concessão, sem o que negociação alguma podia se entabolar, mas deixaram um grande vacuo para as circumstancias e considerações que não podiam deixar de apparecer no estado presente de agitação no Oriente da Europa. Expressando sua promptidão em aceitar estas condições como base de negociação, a Russia não dá garantias bastantes solidas aos outros estados, pois que tudo depende da significação que ella consentir dar á estas proposições. O mundo ainda esta lembrado do exemplo notavel occurrido no curso destas negociações, quando a Russia annunciou receber as condições prescriptas pela nota de Vienna; mas, como depois mostrou por um despacho dirigido á um dos seus agentes diplomaticos, ter aceitado aquella nota em um sentido inteiramente differente da pretenção original do principe Monschikoff, e com tal dissimulação e interpretações pervertidas que encontrou uma completa recuza nas mesmas pessoas que haviam traçado o documento. Se, portanto, se disser que a Russia está prompta para receber as quatro proposições da nota de 8 de agosto, deve ser respondido sinceramente em linguagem clara e exacta se ella recebe a abrogação dos seus antigos tratados com a Porta, o estabelecimento de um protectorado unido nos principados em vez da sua primitiva e isolada convenção, a sincera navegação do Danubio, e a revisão da convenção de 1841, com o fim de limitar o seu poder maritimo no mar Negro. A frôxa e obscura linguagem em que os diplomatas frequentemente, costumam esconder a real significação de suas palavras, he unico abrigo para ambiguidades, e as expressões em que a paz do genero humano depende, não podem ser demasiadamente claras nem peremptorias.

A pretendida aceitação d'estas proposições pela Russia não he por conseguinte dirigida directa ou indirectamente aos Estados do Occidente, mas só á Austria, por quem foram originalmente communicadas á S. Petersburgo. Qualquer que seja o valor de semelhante declaração, he impossivel duvidar que o principal, senão até ou unico objecto, he prolongar este estado de neutralidade que por essa maneira tem assegurado á Russia tudo quanto podia esperar obter dos estados da Allemanha, e, se for possivel, tirar á esta neutralidade o caracter hostil e ameaçador que havia assumido no lado da Austria. Damesma sorte que a evacuação dos principados ha tres mezes, esta concessão apparente he sem duvida alguma feita pela Russia para impedir a tendencia da corte de Vienna a unir-se com as potencias occidentes; e pelo menos poderá servir para aquilatar-se a sinceridade do governo austriaco. He impossivel que o gabinete de Vienna possa acreditar em semelhante manobra; e não podemos duvidar que o conde Buol, que até aqui tem resistido e derrotado uma serie interminavel de intrigas da parte da Russia, esteja perfeitamente sciente do grão de confiança que deve prestar a' uma proposta de semelhante natureza. Se, portanto, esta communicação foi considerada ou representada em Vienna como a base de alguma negociação provavel de paz, nos permittirá inferir que os ministros austriacos estavam, no fim de tudo isto, esperando sómente por algum pretexto plausivel para prolongar a sua neutralidade em detrimento dos grandes interesses da Europa. Se, pelo contrario, a Austria está resolvida em perseverar na carreira da politica que tem professado, esta tentativa da Russia em seduzir e diverti-la com novas negociações, só appressará a sua resolução. Em qualquer dos casos, a decisão da Austria em tal circumstancia não póde influir de maneira alguma na carreira dos estados belligerantes.

Para aquelles que se acham seriamente empenhados n'esta grande contenda he ridiculo e até revoltante ver as tentativas officiosas que uma multidão de vis intrigantes faz para dominar os destinos das cousas humanas d'esta ou d'aquella maneira segundo o seu modo de pensar. As questões que esta guerra tem patenteado e desenvolvido são d'uma magnitude e gravidade que estes negociadores secretos não podem comprehender, pois involvem a posição e poder relativo dos tres maiores imperios do mundo e a futura condição d'um outro, que nem póde voltar para o seu antigo estado nem permanecer na situação em que se acha. Não podemos prever o prospecto da paz, senão quando a fortuna da guerra haja decidido se a influencia da Russia ou a da Inglaterra e da França será' a preponderante nos negocios do Oriente e nos da Europa. He uma contenda que não póde ser resolvida por negociações, principalmente no momento em que a peleja está na maior força contra o immenso poder da Russia; e a sorte dos exercitos alliados diante de Sebastopol he a eventualidade que determinará o curso das negociações. A victoria he o unico caminho que conduz a paz.

(*Times.*)

DISCURSO DE MR. DE SALVANDY

(Continuação do numero antecedente.)

Senhores:

Quasi cento e sessenta petições nos foram dirigidas. Um exame preliminar reduzio-as a 130. Separamos todas aquellas que não são senão pedidos de soccorros, porque as autoridades e as pessoas de mais alguma consideração são levadas algumas vezes a confundir o soccorro e a recompensa. Solicita-se o premio Montyon para o infortunio: elle não pertence senão ao sacrificio. Algumas vezes tambem os mesmos reclamam, porem a este respeito somos inflexiveis. A academia não reconhece o direito de petição senão a' virtude.

Nesse numero, 26 pertencentes a diversas ordens e com diversos titulos, obtiveram definitivamente os suffragios da companhia. Proclamando os nomes que vão ser collocados nos fastos da virtude, advirtiremos que se não deve esperar estes factos brilhantes, estas scenas dramaticas, que tem algumas vezes dispertado a attenção publica, quando, por exemplo, o neto do grande Sully vinha aqui, ao pé da estatua do avô, lançar-se todo em lagrimas nos braços do servo generoso que o acompanhava na sua infancia, promettendo-nos que honraria um dia o sangue que corria em suas veias. Nesta occasião, o que constitue o merito do heroismo que coroamos, he sua tocante, sua uniforme simplicidade. São pela maior parte pobres mulheres que possuem na sua indigencia a riqueza do coração, a mina enexgotavel do trabalho e da abnegação, para soccorrer os desgraçados que muitas vezes tem tanto de que lastimar-se quanto ellas, com a differença somente que elles não são victimas da dedicação. Nada ha ahi de mais. Contar a historia de um dia, he contar a historia da vida inteira, e descobrir taes vidas, he aprender que a verdadeira fraternidade tão procurada, he a das sociedades christãas. Ella consiste na igual nobreza dos sentimentos, dos sacrificios e das virtudes.

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES. (*)

Por Paulo Feval.

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO UNDECIMO.

O QUARTO DE ASTREA.

(Continuação.)

Havia mais de uma hora que o grande Rostan e a Morgatte tinham chegado ao castello. Quando entraram, os criados começavam a beber na cozinha. Os cantos cessaram, porque todos temiam Astrea; porém ella disse:

— Façam o que quizerem, meus amigos, não sou mais do que vossês nesta casa.

Todas as tigelas esvasiaram-se á saúde de Astrea, e o grande Rostan tambem bebeu.

Ambos subiram para o quarto da primeira, e atravessando o corredor ouviram as primeiras risadas da orgia.

Passando diante da alcova da madrinha, Astrea applicou um olho á fechadura, vio o leito rodeado de velas, e o sobrinho do cura que velava.

— Esse ha de retirar-se, disse ella.

E tomando a espingarda da mão de Rostan bateu tres vezes compassadamente na porta. Depois tornou a olhar. O sobrinho do cura, pallido como o cadaver, estava de joelhos, e parecia já dominado pelo terror. Astrea entregou a espingarda a Rostan, e pegando-lhe da mão, tornou:

— Vamos! Quando voltarmos elle não estará mais ahi.

O subdiacono de Plouesnon, ajoelhado entre as velas junto da caldeirinha de agua benta, olhava para a porta com espanto. Os versos dos sete psalmos misturavam-se, e suffocavam-se-lhe na garganta. Nesse mesmo momento elle teria fugido, se não fôra a paralysia com que o susto atacára-lhe as pernas. Quando o chôro dos patudos entoou o *Dies iræ*, o sobrinho do cura metteu a cabeça entre os lenções e tapou os ouvidos.

O assoalho tremeu porque os criados dansavam em baixo. O subdiacono pedio do fundo da alma o perdão de seus peccados. A illusão veio reunir-se á realidade; elle julgou sentir que a defunta movia-se nos lenções, um suor frio correu-lhe por baixo dos cabellos, e elle ouvindo ranger a porta que dava para o quarto vizinho, balbuciou:

— Retira-te, Satanas!

Mão grado seu, a gente olha; um iman invencivel attrahe a pupilla que quer desviar-se. Elle vio no lumiar uma grande sombra immovel, deixou cahir o psalterio, e lançou-se no corredor como doudo. O corredor estava povoado de espectros, e para passar, foi obrigado a fender essa multidão muda. Um delles o fez cahir da escada a baixo. Ahi o subdiacono entrevio marquezes e marquezas de cabellos polvilhados, vestidos de seda, de velludo e de ouro que faziam um festim infernal.

A estas horas, elle deve correr ainda.

Entretanto a grande sombra passou o lumiar dizendo:

— Ao menos esse mandrião não reclamará o pagamento de sua vigilia.

A grande sombra que era João Touril, dirigio-se para o leito, e apagou as velas por uma instinctiva necessidade de economia. Depois a grande sombra estremeceu, porque João Touril não era inteiramente um espirito forte, sahio do quarto com mais pressa do que entrára, e fechou a porta para ir ao aposento de Astrea buscar luz.

Astrea deu-lhe uma candeia, e disse: Deixe-nos. Touril nem teve o tempo de perguntar ao grande Rostan como estava, tomou a candeia, e foi de quarto em quarto colher reliquias.

O aposento de Astrea era o ultimo quarto habitado do castello. Tinha servido outr'ora a Magdalena e a Victoria, quando a marqueza as recolhêra depois da morte do pai. Via-se ainda na parede a caldeirinha de agua benta em baixo do crucifixo de cobre. A Morgatte limitava-se a não fazer uso desses objectos santos, que não a incommodavam: era uma philosopha.

Ella teria podido mobiliar o quarto segundo seu capricho depois que a madrinha doente a deixava senhora do castello; mas Astrea tinha sonhado em outra parte seu paraizo. Ahi era sua casca de chrysalida, e quando fosse borboleta, ella bem sabia onde a levariam suas azas. Para que ornar esse purgatorio? A Morgatte não se constrangia para vestir o trage das camponezas? Ella que estremecia de prazer ao contacto da seda! Ella cujo coração palpitava contemplando os diamantes da madrinha no fundo do cofre!

Ahi era o tempo e o lugar da incubação, os limbos. Astrea havia de nascer brevemente; era uma dessas predestinadas, que tem a sciencia suprema: sabia esperar.

Dous leitos gemeos, um dos quaes estava vasio, um pequeno toucador de espelho redondo, uma mesa de trabalho e tres cadeiras, tal era a mobilia desse aposento. Astrea tinha-lhe acrescentado um divan macio tirado do antigo quarto do joven marquez Antonio. Amava esse divan, porque era um movel que vinha de Paris.

Havia sobre a mesa um pastel frio, bolinhos, confeitos, muitas garrafas de vinho superior e de licores. Astrea e o grande Rostan estavam no divan, junto do qual tinham posto a mesa. Rostan passava por um vigoroso bebedor; mas nessa noite Astrea lhe fazia frente.

Ao entrar, Astrea havia tirado a coifa de algodão. Era a primeira vez que Rostan via seus bellos cabellos soltos. Desatacou o collete de lãa porque, disse, estava molhado, e como fazia frio lançou sobre os hombros a primeira cousa que achou á mão.

Essa primeira cousa era um chale de crepe da China encarnado, que pertencêra a condessa Rostan do Boscq. O grande Rostan pensou que nunca tinha visto Astrea. Ella vingava os saqueadores. Em baixo os despojos eram aviltados, ahi eram realçados.

O chale macio não teria podido adornar com seus reflexos um colo mais elegante. O disfarce de Astrea era o trage de camponeza.

— Que vê? perguntou ella volvendo-se indolente e graciosa nas dobras do tecido asiatico.

— Vejo como vossê está bella, respondeu Rostan.

Astrea sorrio orgulhosamente e disse:

— Vossê ainda não me conhece.

— Conheço-a agora.

A Morgatte ergueu os hombros, e lançou para trás os anneis maravilhosos de seus cabellos. Depois tocou com o copo no do fidalgote, e disse com um sorriso estranho:

— Aos nossos amores!

— Aos nossos amores! repetio o grande Rostan, o qual tentou abraça-la.

Astrea repellio-o; mas foi para tomar-lhe a cabeça nas mãos, e dar-lhe francamente um beijo na bocca.

Rostan vacillou, como se tivesse recebido um golpe de maça; sua finura de Lovelacio camponez faltava-lhe, e elle estava idiota e confuso.

— A marca de minhas tesouras ainda está entre teus olhos, murmurou a bella rapariga, que o contemplava meditando. Guardei as tesouras... e o sangue metti-o nas minhas veias.

E levantando a manga do vestido, mostrou uma cicatriz que tinha no antebraço. Um cão a tinha mordido nesse lugar, quando ella era vagabunda e mendiga.

Rostan creu, corou, e uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Astrea bebeu no copo delle, e deu-lhe o seu.

O vinho era nada. Astrea bem sabia que não lhe era mister vinho para embriagar um homem.

— Tudo o que tenho feito, tornou ella apoiando sua cabeça pensativa sobre o hombro de Rostan, e tudo o que ainda vou fazer, he para ti!... Quero que sejas o mais rico e o mais feliz, assim como és o mais ousado e o mais bello.

— Para fazer-me rico, minha querida Astrea, respondeu o grande Rostan lembrando-se dos meirinhos de Pleherel, he tempo de cuidar nisso.

— Como me amas? perguntou a Morgatte, cujos dedos delgados brincavam por entre os cabelos rudes de seu companheiro.

— Ah! respondeu Rostan; de boa fé..... loucamente.

— Se não fosses casado, tornou Astrea, casarias comigo?

— Sem demora.

— E se ficasses viuvo?

O grande Rostan franzio as sobrancelhas, e desviou os olhos.

Astrea encheu-lhe o copo, attrahio o rosto do fidalgote ao seu, como fazem as mãis demasiadamente boas aos meninos arrufados, e disse:

— A' nossa ventura!

Rostan bebeu o copo de um trago; mas Astrea conheceu que elle pensava em Magdalena. Soltou o copo sobre a mesa, e tomando-lhe as mãos entre as suas, disse-lhe ternamente:

— Então não me amas tanto quanto a Magdalena?

— Oh! exclamou o fidalgote tornando a encher o copo, deixa Magdalena por favor, minha linda Astrea.

A Morgatte murmurou sempre com o sorriso nos labios:

— Não tenho ciumes; mas não és ainda meu senhor... e agrada-me fallar de Magdalena.

— Se me tornares a fallar de Magdalena, disse Rostan com enfado, deixar-te-hei aqui, e correrei á Casa!

Astrea beijou-lhe a fronte, e replicou:

— Todavia has de conhecer-me... Aquelles que ameaçam-me fazem sempre mal....... posso passar sem ti.

— Irra! exclamou o fidalgote batendo com o pé, sou patife; mas não sou malvado!... e obra como malvado quem deixa sosinha e sem soccorro sua mulher afflicta na vespera de um dia como o damanhãa.

— Já te disse que tua mulher não está sosinha..... pronunciou Astrea lentamente.

Depois continuou sem olhar para o grande Rostan.

— O joven marquez Antonio desembarcou esta noite em frente da Gruta das Gaivotas.

O fidalgote levantou-se pallido.

— Eu mesma o vi, acrescentou a Morgatte.

— Assenta-te aqui junto de mim, tornou ella; és um homem, e posso fallar-te francamente.

— Ouve-me, disse Rostan, cujos punhos fecharam-se involuntariamenta. Já bebi quanto basta para derribar-te como uma cadella, se calumniares Magdalena, minha mulher!

Astrea não agastou-se, e repetio:

— Assenta-te aqui; he um homem igual a ti que quero. Magdalena fez mal enganar-te, porque és melhor do que ella.

Todo o sangue de Rostan subio-lhe ao rosto. Elle agarrou os braços da Morgatte, e os braços estalaram; mas a Morgatte não mudou de semblante, e disse:

— Não me offendes; solta-me, e bebe como um bom rapaz..... Sei onde estão os setecentos mil francos.

Rostan soltou-a; mas disse:

— Metade he de Magdalena!

— E metade de Victoria, acrescentou Astrea com sarcasmo, assim tudo he teu... mas a metade de Victoria e a metade de Magdalena serão nossas, Francisco Rostan, tu o marido, eu a mulher, do contrario não verás nunca um escudo!

A Morgatte encheu os dous copos e disse levando o seu aos labios:

— Ao nosso casamento!

CAPITULO DUODECIMO.

O QUARTO DA DEFUNTA

O tempo corria; Rostan tinha sangue nos olhos, e sua lingua inflammada articulava as palavras difficilmente; a Morgatte risonha e serena brincava-lhe com os cabellos.

A conversação tinha continuado: o que se conhecia pela decomposição das feições de Rostan. Todavia elle não tinha derribado a Morgatte, a qual na verdade tratava-o, apezar de sua estatura de Hercules, e da superioridade de sua idade, como uma castellãa trata ao seu pagem louro.

— Não bebas mais, Francisco, disse ella vendo-o levar outro copo de vinho á bocca, basta. Teremos necessidade de tua cabeça e de teu braço esta noite.

Como Rostan não obedecia promptamente, ella arrancou-lhe o copo das mãos.

— Quando me disseste que Magdalena não estava sosinha, tornou Rostan com olhos espantados e ferozes como os de um lobo, pensavas em Antonio?

— Sim, respondeu Astréa.

Rostan bateu na mesa com a mão fechada, e as garrafas vasias dansaram.

— Ha nove mezes, continuou a Morgatte tranquillamente, o joven marquez Antonio estava ainda aqui.

Rostan contou nos dedos, e disse:

— He verdade.

— Elle voltou justamente ás horas.

Rostan levantou-se vacillando, e tomou a espingarda.

— Onde vás? perguntou Astréa.

— Vou matar Magdalena e Antonio, respondeu o fidalgote.

— Ah! disse a Morgatte retendo-o pelo braço, não he bom matar as mulheres!

Depois continuou levantando-se tambem:

— Eis ahi como eu te queria! aperta-me esta mão, meu grande Rostan.

Francisco deu-lhe a mão machinalmente.

— Antonio, não digo, proseguio a Morgatte. Os guardas deram bastantes tiros... mas tu pagarias muito caro a morte de Magdalena...

— Se Antonio está na Casa, exclamou repentinamente Rostan, não he por Victoria?.... Victoria he bella.

A conducta de Astréa para com Victoria não fôra uma crueldade pura e inutil.

— Quando fôres, respondeu ella, verás se Victoria esta lá. Agora resta-nos outra tarefa.... Tens medo dos mortos?

— Não tenho mais nada, disse Rostan, nem casa nem mulher. Quizera estar tambem morto.

— Has de ter mulheres e um palacio... vem comigo se não temes os mortos.

Astrea tomou a luz e dirigio-se para a porta.

— Traze tua espingarda, acrescentou, não voltaremos mais aqui.

Rostan seguio-a com a cabeça inclinada sobre o peito. Alguma cousa havia ainda no fundo de seu coração.

Astrea abrio uma porta que não dava para o corredor, e atravessou uma longa fileira de quartos desertos e abandonados desde mais de meio seculo. Rostan a seguia: tinha o sangue frio, mas a cabeça ardia-lhe.

— Irene he minha filha? murmurou elle no caminho com voz tremula.

— Não sei, respondeu a Margatte seccamente.

— Esse menino que ha de nascer não vivirá! tornou o fidalgote.

— Isso não me interessa.

A Morgatte parou. A orgia bramia-lhe debaixo dos pés.

— Fica aqui, disse ella ao companheiro; o quarto de minha madrinha he alli... se o sobrinho do cura não se tiver retirado, tu o expellirás.

Rostan encostou-se á parede. Astrea empurrou a porta brandamente, e recuou vendo a profunda escuridão, que reinava nesse quarto; mas serenou-se logo, e murmurou:

— João Touril veio aqui.

— Entremos! disse depois voltando-se para Rostan.

Este adiantou-se como um automato.

Era uma cousa extraordinariamente lugubre esse quarto forrado de preto e allumiado por uma só alampada, a qual mostrava as duas linhas de velas apagadas. A marqueza estava deitada em seu leito de columnas tendo um crucifixo sobre o peito e o rosto coberto.

Entre os cantos que subiam do pavimento terreo, Rostan e a Morgatte podiam distinguir a sinistra zombaria do *Libera*.

Ambos estavam pallidos. Astrea fazia medo ao grande Rostan. A Morgatte depoz a luz sobre uma mesa, e dirigio-se ao leito. Subio os dous degráos, e poz-se a contemplar o semblante immovel da defunta.

— He a unica pessoa que teve piedade de mim, murmurou ella, se todas as outras não me tivessem detestado e repellido, quem sabe?...

Inclinou-se sobre a fronte da marqueza viuva de Maurepar, sua madrinha, e beijou-a dizendo:

— Perdoai-me, boa senhora, eu nada faria contra vós...Agora que dormis para sempre, as cousas da terra não vos importam mais.

E lançando um véo sobre o rosto da viuva, disse a Rostan:

— Ajuda-me.

Rostan hesitava.

— O escondrijo he debaixo do leito, tornou a Morgatte.

Rostan apoiou a espingarda contra a mesa, e chegou-se a Astrea.

— Tremes! murmurou esta tocando-lhe com a mão; eis ahi como são os homens!

Aviemo-nos! disse o fidalgote, a gente suffoca-se aqui!

Astrea mostrou-lhe os pés do leito, e pondo-se á cabeceira, ordenou:

— Empurra ao mesmo tempo que eu. Uma, duas, tres!...

— A' terceira vez seus esforços fizeram mover-se o massiço leito com as columnas, a galeria e o sobrecéo.

— Traze a luz! tornou a ordenar a Morgatte que já estava acocorada sobre o assoalho.

Havia com effeito um escondrijo debaixo do leito da marqueza. Um annel de cobre cravado no assoalho permittia levantar um pequeno alçapão que cobria um buraco quadrado em forma de cofre. Rostan levou a luz. Astrea apalpou ao principio no interior do escondrijo, e depois abaixou-se tanto que seus cabellos varreram o chão.

— Nada! disse ella levantando-se.

Fechou o alçapão, e cruzou os braços sobre o peito.

— Acabaste? perguntou o grande Rostan.

— Não, respondeu a Morgatte; espera.

— Tenho pressa...

— O dinheiro está no colchão.

Os olhos do fidalgote brilharam, e elle balbuciou:

— Os setecentos mil francos!

— Aqui ou lá, disse Astrea, deixa-te guiar por mim e nós os teremos.

Levantou ligeiramente os lençoes.

— Ouço passos no quarto á direita, disse Rostan applicando o ouvido.

— Não te occupes com isso! respondeu Astrea.

O pequeno Sulpicio tinha cahido no quarto vizinho.

A Morgatte mostrou os pés do leito a Rostan, cuja fronte gotejava suor, e disse-lhe:

— Faze como eu, levanta o colchão.

O corpo da defunta cahio para o meio, e Rostan esteve prestes a soltar o colchão.

— Eia! firmeza! exclamou a Morgatte.

Rostan inteiriçou-se e o colchão foi deposto sobre o assoalho. A cabeça da marqueza, que tinha-lhe tocado quasi os joelhos, tornou a levantar-se lentamente e a cahir. Foi nesse momento que o pequeno Sulpicio olhou pela abertura da porta.

A Morgatte e Rostan voltaram o colchão, e procuraram muito tempo.

— Nada! tornou a dizer Astrea assentando-se no canto do leito.

— Acabaste? perguntou Rostan pela segunda vez.

O pastor escutava.

— Os setecentos mil francos estão em Plouesnon, em casa do cura, disse comsigo a Morgatte; ao menos lá estavam outr'ora.

— Tens ahi balas? perguntou ella a Rostan.

— Este respondeu affirmativamente.

A Morgatte levantou-se dizendo:

— Antonio está com tua mulher; uma bala para elle.

Rostan metteu uma bala no cano direito da espingarda!

O pastor não respirava mais.

— O patrão Sulpicio deve ter sahido da casa do cura ás onze horas, tornou Astrea, consulta o relogio.

— Onze horas justamente, disse Rostan.

— Tens tempo...Daqui a uma hora o patrão Sulpicio passará no caminho do Treguz com os setecentos mil francos.

Rostan silencioso e resoluto metteu outra bala no cano esquerdo da espingarda, e disse:

— Dous tiros! Onde estarás?

— Não longe de ti...

Rostan dirigio-se para a porta do corredor e abrio-a.

— Vai a tempo, e faze boa pontaria! disse a Morgatte, ficando sosinha junto da viuva deitada no colchão.

Os passos desiguaes e vacillantes do fidalgote apartavam-se no corredor.

— Se Antonio tivesse querido.. ..murmurou ella meneando a cabeça lentamente.

Depois acrescentou:

— Para fazer alguma cousa deste, he mister torna-lo ebrio ou louco!

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 9.

MUTILADO

ACTOS DE DEDICAÇAO'.

Premios.

A academia concede dous premios de 1,500 fr. a Rosalia Auber, de Bernay, departamento de l'Eure e a Magdalena Adelia Grobet, de Angoulême, departamento do Charenta, a primeira da idade de 72 annos, a segunda de 61, cujas vidas passaram-se inteiramente em semelhantes sacrificios, em semelhante dedicação.

Rozalia Aube, de Bernay, nasceu em 1782, precisamente no anno da fundação dos premios da virtude; ella cresceu dos deveres domesticos mais dolorosos como para preparar-se para exercelos um dia. Depois de ter sustentado com o seu trabalho até a ultima hora, uma tia e uma mãi doentes, as quaes perdeu em 1818, tendo já de idade 36 annos entrou no dia 24 de junho de 1822, no serviço de uma familia, em cujo serviço ainda esta'; porem para ella, servir he sacrificar sua vida inteira. Ella não he alimentada por seus amos, pelo contrario he quem os sustenta; não foi somente a uma geração que dedicou-se: a sua dedicação transmitte-se ha 30 annos de pais a filhos. Apenas entrada nessa casa, seus amos, que eram padeiros, viram o seu commercio decahir e perder-se. Ella podia deixa-los, porem permaneceu e supprio a tudo pela sua actividade, pelo seu trabalho e pela sua abnegação. Ella sustenta Nicolao pai e sua familia na velhice. Depois segue em sua mizeria a Nicolao filho que tem uma familia de nove pessoas que precisam de ser sustentadas. Hoje com 72 annos, ella emprega-se ainda nesse mesmo trabalho; somente a hora da velhice chegou para ella, suas vigilias appressaram-na, Rosalia não pode mais trabalhar de noite para seus amos, não tem senão os dias para sacrificar. Porem estes não bastam. Toda essa gente da qual he a mola principal, enfraquece-se com ella. Porem ao passo que as suas forças vão diminuindo com os annos, sua virtude augmenta com toda a sua obstinação na dedicação e na coragem. A academia julga exercer dignamente a sua missão conferindo-lhe um dos dous primeiros premios. Sabereis com interesse que suas virtudes tiveram por testemunhas quasi todos os dias o nosso eminente collega da academia das Inscripções e Bellas Artes, M. Augusto e uma sobrinha de Gotofredo Saint-Hilaire tambem dedicada a caridade; ellas vivem igualmente sob as vistas de um illustre personagem que vejo nesta sessão (o Sr. duque de Broglie) de todas as pessoas de uma illustre casa onde ella bebe as inspirações de tudo o que he bom e grande. Móro na vizinhança, porem estas acções tão meritorias, mas praticadas em um campo de batalha tão estreito e tão occulto, sendo d'aquellas de que o mundo pouco se occupa, eram por mim ignoradas.

Tive conhecimento dellas no momento em que ia premia-las. Acreditareis sem trabalho que ninguem pode ter a fortuna de premiar em vosso nome, sem que folgue de ver em torno de si taes exemplos, sem que folgue de dar um premio tão honroso ao departamento a que todos estamos ligados. Somos altivos todos, com razão, pelo nosso paiz do soldado que combateu valentemente. Como deixaremos de o ser, por um departamento, de um combate de trinta e dous annos sustentado pela virtude?

O outro primeiro premio acha em Magdalena Grobet, d'Angouleme, a mesma coragem, o mesmo esquecimento de si mesma, emfim a mesma virtude; a unica differença consiste somente em que foi aos membros de sua numerosa familia que consagrou o thesouro de seu zelo e de sua resignação incomparavel. O pai de Magdalena morreu ha quarenta e cinco annos deixando onze filhos ás costas da mãi, a qual fica louca, realmente louca, de dor e de espanto diante deste fardo. O mais velho dos filhos he a intrepida Magdalena, ella tem apenas dezeseis annos, porém cresceu em uma fé viva, unico e feliz patrimonio de onze orphãos. Ella vê o fardo, com uma alma mais submettida e mais corajosa do que sua mãi, apezar desta espantosa doença que vem torna-lo mais doloroso e mais pesado. Aceita-o sem hesitar tal qual Deos o fez. Ella será a mãi de todos comprehendendo nesse numero sua propria mãi, a qual não consente que seja entregue aos cuidados da caridade publica. Ella não quer separar-se da autora dos seus dias. Ainda hoje a conserva sob o seu humilde tecto, tende presentemente a idade de oitenta e oito annos, e ignorando o que, de quarenta e cinco annos a esta parte, a filha tem feito por ella. Durante este tempo Magdalena educa os irmãos e irmãas, com o soccorro do seu trabalho. Ainda faz mais do que educa-los, educa-os religiosa, e santamente; fa-los á sua semelhança, crendo todos em Deos e trabalhando todos na obra commum. Ella os estabelece, casa-os pobres, porém honestos, laboriosos, estimados. Quando o seu trabalho está terminado, então pensa em si mesma, ou antes em outra pessoa, em um honrado homem que a amava ha vinte annos, que tinha permanecido fiel a este amor, cheio de admiração por tantas virtudes, e cuja dedicação ella não aceitou em quanto o seu trabalho não foi terminado, com medo de que os novos deveres a fizessem esquecer os primeiros. Naod a esperava sempre. Ella estabelece como condição que conservavão sua velha mãi, e ambos cuidarão da sua longa infancia.

Ha vinte e tres annos, esta condição he fielmente cumprida. Notamos que Magdalena nasceu durante o Terror, quando os premios Montyon desappareciam com tudo o mais. A academia envia o premio com segurança a essas honradas pessoas; digo, honradas pessoas, porque evidentemente o marido e a mulher são dignos de o receber, e não achais, senhores, que elle não podia ser conferido com mais acerto?

Medalhas de 1,000 francos.

A academia offerece cinco medalhas de 1,000 francos:

A Maria Bourdet, de Navarreux, departamento dos Baixos Pyrineos;

A Maria Dogimont, de Roeux, departamento du Pas-de-Calais;

A Anna Trepsal, d'Aurillac, departamento do Cantal;

A Josephina-Hortensia de Vaugrineuze, de Becherel, no departamento de Ille-et-Vilaine;

A Sabina-Francisca Baumont, em Boulogne-sur-Mer, departamento do Pas-de-Calais.

Maria Bourdet, de idade desessenta e dous annos, a qual teve a mesma vida que Rosalia Aubert. Criada de uma casa pobre onde havia cinco meninos, que acharam-se um dia abandonados pela morte de sua mãi, pelas imprudencias de seu pai e pela sua fuga, ella os conservou durante vinte annos, alimentou-os deu-lhes um officio, e o que vale mais ainda, educou-os com principios excellentes, tanto assim que uma das suas filhas de adopção obteve o premio de virtude da sua communa. O nosso occupará o seu lugar debaixo deste tecto privilegiado.

Maria Dogimont tem os mesmos titulos. De idade de sessenta e nove annos, serve ha quarenta annos na mesma casa; de dezeseis annos a esta parte, trata das molestias de seus amos, molestias que só o referi-las nos seria penivel; ella he a mestra dos seus filhos; e soccorre com o seu trabalho todas estas miserias. A sociedade de agricultura do Roeux já premiou tantas virtudes com uma das suas medalhas. Nada mais podemos fazer de melhor do que imita-la.

A historia de Anna-Trepsal he a mesma. Entrada em 1820, na idade de trinta e cinco annos, em casa de um cortidor de couros de Aurillac, pouco tempo depois tinha toda a familia ás costas. A morte, molestias terriveis, desordens mais terriveis ainda, deixaram-lhe o grande peso da dona da casa doente, do pai incapaz de soccorrer cinco filhos, dos quaes um he mudo e idiota tendo trinta annos de idade. Sua alma não hesitou durante um só dia; suas forças estão proximas a abandona-la. Possa nossa justa homenagem sustenta-las!

Madama de Vaugrigneuze não pertence as classes pobres, o pobreza proveio-lhe das longas desgraças de sua familia, que não enriqueceu-se com a vida militar de seu pai, coronel no tempo do imperio. Ella era a setima filha do valente official, o qual conservou, como lembrança dos melhores dias, o habito da beneficencia. Ella continua. No lugar em que estabelleceu um modico armazem, achou meio de fundar uma obra que he a admiração do lugar pela educação exemplar que ahi recebem á sua custa doze meninas.

Os cuidados que dedica aos doentes são ainda mais sensiveis. Os moradores do lugar pedem para pagar a sua divida, a recompensa que lhe conferimos. Sua comida, diz o conselho municipal de Bechevel, consta de pão mettido algumas vezes no leite, e suas noites passam-se no trabalho da agulha, que asseguram um bom alimento as suas filhas de adopção. A pessoa que honra sua vida com taes acções chama-se Hortensia-Josephina. Vê-se donde lhe vem estes nomes; elles acham-se ligados ao grande drama em que o pai della exerce dignamente o seu papel. Lembramos isso porque esta menção pode ser-lhe util: estou convencido disso vendo que todos prestam-me attenção. (O Sr. marechal Vaillant, membro da academia das sciencias, ministro da guerra, presente a esta sessão manifesta vivos signaes de assentimento.)

Folgo com estas approvações e felicito-me por ter lembrado nomes que despertam a lembrança do que acompanha sempre o poder: sentimentos generosos e de bondade! A este respeito, Madama de Vaugrigneuse honra os seus abonadores. Sua medalha o attestara tomando lugar justamente entre os titulos de honra de seu pai.

Madama Baumont, de Boulogne-sur-Mer, departamento du Pas-de-Calais, he da mesma familia de corações generosos que Madama de Vaugrigneuse. Ella tornou-se pobre exercendo actos de caridade; consagrou sua modica fortuna, renda e capital, a uma boa obra. Brilha na primeira ordem destas pessoas privilegiadas diante de Deos, cuja missão neste mundo he constituir uma familia de adopção com os filhos dos outros, quando não tem mais quem vigie sobre si. Desde 1829, ella recolhia algumas orphãas, e com ellas algumas outras meninas ainda mais infelizes, ainda mais orphãas diremos: porque a imprudencia e o vicio acabavam de abandona-las, e talvez iriam perde-las. Em 1849, em virtude do flagello que parece tão aclimatado entre nós como para augmentar o sentimento da fragilidade humana, ella constitue de uma maneira mais positiva o seu collegio de orphãas; reune a exemplo de M. de Quélen, todas as meninas pobres do lugar que não tinham mais. Seu estabelecimento era o seu unico refugio. Ella faz delle escola, collegio, officina principalmente; porque a officina he um estabelecimento que sustenta tudo o mais. Os 4,000 fr. de renda que possue, quero dizer, que possuia a fundadora, não eram sufficientes. Hoje Madame Baumont conta 26 discipulas, 26 filhas adoptivas que não a deixarão senão para tomarem um bom estado. A autoridade municipal de Boulogne caracterisa a sua dedicação por um modo tão elevado quão tocante. O conselho academico do departamento do Pas-de-Calais chama-a sublime. Nada mais temos que deliberar. Esta palavra fixará o valor moral de nossas medalhas.

Medalhas de 500 francos.

Dezesete medalhas de 500 francos irão advertir a outras tantas pessoas designadas á nossa justiça que a academia honrou-as com os seus suffragios, em virtude de terem praticado acções da mesma natureza daquellas que acabamos de referir, ainda que em gráos differentes.

Pelos annos de serviços de alguns destes criados que dedicam-se a seus amos até ao tumulo e ainda depois, não por causa dos lucros e dos gozos, porém pela miseria, pela ruina, pela morte, por causa dos meninos abandonados que devem ser alimentados e educados, por causa dos velhos, dos doentes, dos idiotas, algumas vezes mesmo por causa dos ebrios e dos depravados, para não deixar morrer da miseria suas infelizes familias; criados incomparaveis, mais numerosos do que se poderia esperar, a julgarmos pelas propostas que se nos fez de todas as partes:

Margarida Jacquot, de Sapois, departamento dos Vosges, idade de quarenta annos; vinte e cinco annos de semelhantes serviços, nos quaes foi necessario que a caridade publica viesse em seu soccorro, para ajuda-la a chegar até ao fim.

Victoria Roulin, no Pecq, departamento de Seine-et-Oise, idade de sessenta annos; conservou-se durante o espaço de trinta annos na mesma casa, mostrando nos ultimos dezoito annos uma abnegação e sacrificios que só Deos póde recompensar sufficientemente.

Cleonice Lacroix, em Foigny, departamento de Aisne na idade de sessenta e um annos, dedicou os seus cuidados aos cinco filhos de seu antigo amo, filhos nascidos em tristes condições, os quaes são por ella regenerados por meio de uma educação excellente que os fez religiosos, honestos e laboriosos, os quaes ha 24 annos para cá bem dizem a sua ternura e sua solicitude maternaes.

Peyronne Marechal, de Crohat, departamento de Puy-de-Dome, assistindo em Paris, idade de 51 annos, perseverança durante 35 annos em uma beneficente e piedosa resolução. Entrou para a casa de seus amos, na idade de 17 annos, seus amos eram então ricos, porém sua fortuna arruinou-se depois e como a quizessem despedir em virtude desta circumstancia, ella entendeu que não era essa a occasião propria para separar-se delles; ficou e ainda existe nessa mesma casa. Somente os seus amos não existem mais. Ella cuidou delles na occasião da morte da mesma sorte que cuidava em sua vida, e presentemente os substitue junto de uma orphãa que chama *sua mãi* e a quem ella chama *sua ama*. Um dos nossos companheiros, o illustre autor da ultima Historia da Convenção, he uma das testemunhas e um dos abonadores deste tocante quadro que deve consola-lo entre todos aquelles que sua pena tem tão fortemente reproduzido. O Sr. cura São Sulpicio chama heroica a resignação de Peyronn Marechal. A expressão admiraria a esta piedosa e santa mulher; porem não nos admira a nós. Agradecemos ao veneravel pastor por tê-la empregado: o sentimento publico a ratificará. (*Continuar-se-ha.*)

PERNAMBUCO.

CAMARA MUNICIPAL DO RECIFE.

Sessão extraordinaria de 3 de janeiro de 1855.

Presidencia do Sr. Barão de Capibaribe.

Presentes os Srs. Dr. Sá Pereira, Rego, Mamede, Barata e Gameiro, faltando com causa participada o Sr. Vianna, e sem ella os mais senhores, abrio-se a sessão e foi lida e approvada a acta da antecedente.

Foi lido o seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Exm. presidente da provincia, enviando approvadas provisoriamente em 23 de dezembro ultimo, menos a parte do artigo 16, que manda numerar os carros particulares, as posturas que acompanharam ao officio desta camara de 9 do dito mez.—Mandou-se publicar e executar.

Outro do Dr. chefe de policia, dizendo ter expedido as precisas ordens ao subdelegado da Boa Vista, para proceder com empenho ás convenientes indagações acerca do facto praticado no cemiterio publico, na noite do 13 do mez findo, posto que da participação do respectivo administrador, que esta camara lhe remetteu, nenhuma circumstancia consta que possa orientar a policia á respeito do mesmo facto, observando que talvez o mesmo administrador prolongando os seus exames, podesse descobrir alguns dados por onde se encaminhasse a policia.—Que se mandasse o officio por copia ao administrador.

Outro da commissão de hygiene publica, feito ao governo da provincia, e por este remettido á camara para informar, pedindo que S. Exc., não aprovasse o projecto de posturas desta camara sobre animaes e cavallariças, sem que dissesse afinal a mesma commissão.—Que se respondesse.

Outro do fiscal de Santo Antonio, contando o facto de ter apparecido na portaria do convento do Carmo no dia 24 de dezembro ultimo, o cadaver d'um parvulo, para cuja conducção ao cemiterio, tendo dado as providencias necessarias, tocou ella por distribuição á Francisco Lucas Ferreira, que mandando conduzir o cadaver no dia seguinte, o não achou, declarando o reverendo provincial do referido convento o ter mandado sepultar á vista do seu estado de corrupção.—Mandou-se recommendar ao fiscal que fizesse effectiva a disposição do art. primeiro, tit. primeiro das posturas em vigor.

Outro do juiz de paz do segundo anno do primeiro districto da freguezia de Muribeca, participando que no ultimo de dezembro findára o tempo do seu exercicio, afim de que providenciasse a camara ácerca de sua substituição.—Mandou-se responder que officiasse ao terceiro juiz de paz, que se acha juramentado, passando-lhe a jurisdicção.

Outro do amanuense, servindo de contador, apresentando a relação das lettras, que se venceram no ultimo de dezembro, afim de serem tiradas do cofre e recebidas, na importancia de 8:406$617 rs.—Inteirada, por já assim se ter feito.

Outro do fiscal da Boa Vista, communicando acharem-se arruinadas algumas linhas da ponte da rua d'Aurora, junto a fundição de Starr, em estado de serem substituidas.—Que mandasse fazer os reparos precisos.

Outro do fiscal de S. José, scientificando a camara do incendio que se manifestou na fabrica de distillação de Joaquim Lobato Ferreira, na rua do Caes, á margem do rio Capibaribe.—Inteirada.

Outro (2) do mesmo, remettendo os mappas do gado morto para consumo, nas semanas de 18 á 24 e de 25 á 31 de dezembro ultimo (1073 rezes).—Que se archivassem.

Outro do administrador do cemiterio, communicando que a guia n. 8196 deixou de acompanhar o conhecimento de haver Francisco Lucas Ferreira pago a taxa do artigo 60 do regulamento, sendo elle quem fez a conducção, em carro de primeira classe do cadaver do parvulo á que se refere a mesma guia.—Que se respondesse, que dos livros de talões consta que o dito Lucas pagara dita taxa.

Outro do mesmo, communicando que no dia 28 de dezembro ultimo, fizera entrega ao inspecter do arsenal de marinha, de 2 africanos livres, que trabalharam na obra da capella do cemiterio, Silvestre e Saul, por se terem portado mal, ficando somente um occupado na mesma obra.—Inteirada, e que se communicasse a S. Exc. o Sr. presidente da provincia.

Outro do mesmo, expondo a conveniencia de serem substituidas por florões, as figuras de anjos que a planta das catacumbas do cemiterio, manda collocar nos espaços entre as mesmas.—Que se officiasse ao Exm. presidente da provincia para autorisar a alteração da planta neste sentido.

Outro do mesmo, dizendo que o conhecimento de que fallou em seu officio de 27 do mez passado, (já foi mencionado acima) fôra remettido ao cemiterio seis horas depois de feito o dito officio. Igualmente remettia a declaração escripta, que perante elle fez o pai do parvulo, a que se refere á guia 8196, e o mencionado conhecimento de haver Francisco Lucas Ferreira illudido a disposição dos artigos 55 e 57 do regulamento do cemiterio, fornecendo ao declarante um carró de terceira classe, em lugar de um de primeira, como havia contratado, e até recebido adiantada a quantia de 40$000 rs.—Inteirada, quanto a primeira parte, e quanto a segunda, que se remettesse ao advogado para proceder como for de direito.

Outro do mesmo, pedindo em vista do 5 § do art. 7 do regulamento do cemiterio, permissão para se lavrar termo de consumo dos objectos constantes da relação que remettia, que se inutilisaram no serviço daquelle estabelecimento.—Autorisou-se.

Outro do mesmo, dizendo ter deixado de ser recolhida ao cemiterio a guia n. 8181, (he a mesma do cadaver exposto na portaria do convento, de que já se fallou) distribuida á Francisco Lucas Ferreira.—Que se officiasse ao dito Lucas para recolher a guia, assim como quaesquer outras que possa ter, ficando certo de que não deve demorar a entrega dellas, quando houver de fazer a conducção de cadaveres.

Outro do fiscal de S. Lourenço da Matta, dizendo em resposta a portaria que lhe foi expedida, que dirigindo-se ao engenho Penedo de baixo e a outros lugares, não encontrara embaraço algum no rio, privando o cursé das aguas, e se algum existe, he devido aos bancos de areias, formados pelas enchentes.—Inteirada.

Não achando o senhor vereador Barata regular a planta d'uma trapeira, que apresentou Domingos José Ferreira Guimarães, fez o seguinte requerimento que foi approvado:

Requeiro que se recommende mui terminantemente aos senhores fiscaes e cordeador desta camara o fiel cumprimento do artigo 16 do titulo 7 das posturas municipaes, afim de que não continuem os abusos, que frequentemente apparecem na execução do dito artigo.—*Barata.*

Despacharam-se as petições de Anna Joaquina do Espirito Santo, do bacharel Francisco de Assis de Oliveira Maciel, de João Luiz Ferreira Ribeiro, de Manoel Jacques da Silva, de Thereza de Jesus das Neves, de Theotonio Felix de Mello; e levantou-se a sessão.

Eu João José Ferreira de Aguiar, secretario a subscrevi.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—*Gameiro.—Vianna.—Oliveira.—Sá Pereira.—Barata de Almeida.—Rego.*

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 12 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que foram presos:

Pelo juizo de direito da primeiaa vara, João Gonçalves da Silva Bastos, por não haver cumprido com o fiel dever de depositario.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, o preto escravo Paulo, por furto.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, o preto José Ferreira, por suspeito de ser escravo.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, Paulino Hilario de Araujo, para correcção.

Pela subdelegacia da freguezia dos Afogados, o preto escravo Joaquim, por tentar afogar-se.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 12 de janeiro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueredo, presidente da provincia.—O chefe de policia *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

CORRESPONDENCIAS.

Senhores Redactores.—Tendo sido inserta em seu *Diario* de 9 do corrente uma carta do Sr. Dr. Lobo Moscoso, a mim dirigida, e que em nada o honra pelo modo desabrido com que me acommette, e entendendo que a ella não devo responder, dirijo-me ás columnas de seu bem conceituado *Diario* para cumprindo um dever, fazer algumas considerações.

Ou o Sr. Loubo Moscoso se achava offendido á ponto de com razão exigir de mim uma satisfação, ou não: se achava-se, deveria exigi-la pessoalmente e como homem, porque então lhe dariamos a divida resposta; e se não achava que merecedor fosse eu de uma tal violencia, compria-lhe tratar-me de outro modo, segundo as regras da civilidade e da moderação. E tanto mais que a experiencia tem mostrado, que por tal guisa principiando uma justificação qualquer, o resultado he sempre cahir no charco impuro das injurias, que só cabem no homem mal educado. E quão *bello* não seria ver dous medicos metamorphosiados em duas rameiras, a se baterem, por amor de um erro scientifico e de quem fosse seu auctor? Muitas seriam as gargalhadas do publico, ao contemplar-nos, depois de morta ja' estar a victima, e na mais perfeita putrifação!

O facto de que trata essa carta do Sr. Moscoso he bem simples, Senhores redactores, e passo a expo-lo, por ora, o mais laconicamente possivel, com algumas considerações que mais convenientes julgar.

Para acudir a uma mulher, que a tres dias se achava de parto, fui chamado na noite do dia 23 de dezembro proximo passado. Examinando-a vi que o braço esquerdo da criança se achava de fora, e por consequencia atravessada ella na posição *occiput iliaca esqerda dorso para trás*, isto he, a cabeça para o lado esquerdo da mãi e o dorso correspondendo a columna vertebral da mesma.

Ora, he regra estabelecida em partos, que em cazos taes se passe um laço no braço que estiver de fóra, e se procurem os pés para a extracção da criança; e quando isto não se possa por maneira alguma conseguir, attentas as contracções fortes e spasmodicas do utero, que senão violente; visto que as violencias dão quasi sempre a morte, senão immediatamente por meio de uma ruptura do utero, ao menos poucos dias depois em consequencia de inflammações, etc. Então aconselha a arte, o uso de banhos, sangrias, fomentações e bebidas fortemente laudanisadas, com o fim de conseguir o relaxamento do utero, e assim melhor a mão poder penetra-lo para a extracção. De maneira que o esperar em taes casos he uma vantagem. E tanto que a este respeito fallando um dos mais acreditados parteiros da França (Jacquimier, tomo 2.°, p. 109) diz o seguinte:...... *Les obstacles a la version sont encore plus grands, et si on insiste avec une persistance et une force irritationnelles, on cause des douleur très vives, e on s'expose à déterminer, des ruptures de l'utérus, du vagin, aux quelles l'irritation, l'inflammation, les distensions partielles dont ils sont souvent le siége predisposent. Il est encore plus important que dans le cas de retraction simple de ne pas essayer de passer la main ou d'entrainer les pieds de vive force. Il faut renoncer a toute violence et toute précipitation, car il n'ya a rien à perdre au délai qui seul, ou aidé des moyens relachants, peut amener des changements tels que la version devienne une operation mediocrement difficile.* E continua o sabio parteiro.... *En effet, la rétraction simple, accompagnée de contractions vives et rapprochées, est frequemment suivie de relachement, et de repos pedadant lesquels l'uterus semble dans l'inertie la retraction spasmodique peut elle-même céder spontanément. La pratique offre des cas assez nombreux dans lesquels la version, d'abord impraticable, devient ensuite si facile, qu'on a de la peine à se défendre de la crainte d'une rupture de l'uterus.*

On obtient le relachement de l'uterus par les bains, les emissions sanguines, les opiaces...

Fundado nestes principios, como muito bem sabem os Srs. doutores Pitangas, introduzi a mão, e, com aquelle grão de força compativel com a organisação de uma mulher, posta assim em um estado anormal, e mediante todas as regras da arte—procurei fazer a versão; mas vendo que indubitavelmente as contracções eram por demais fortes a empedirem a introducção da mão para além do estreito superior, e depois de por varias vezes tentar, assentei em deixar a doente, e submette-la ao uso de banhos e calmantes, para o que receitei.

O facto de não ter logo extrahido a criança, senti que desagradou á familia, e dera lugar a que ella pedisse uma conferencia, por mais que a animasse eu, e mostrasse a desnecessidade; mas tanto insistiram que me resolvi a mandar chamar os Srs. Drs. Pitanga e Praxedes (irmãos). Com a chegada d'elles, expuz eu o caso, e fiz ver logo as difficuldades que tinha encontrado, asseverando-lhes que havia procurado os pés para fazer a versão, e como não o tivesse conseguido pelo estado terrivel do utero, me havia resolvido a esperar deixando a parturiente no uso de banhos e calmantes. Mas o Sr. Dr. Praxedes, não acreditando em nossas palavras, procura fazer o que eu não tinha podido; e introduzindo a mão, depois de uma luta horrivel, he vencido, e retira-se, ao tempo que seu irmão — moço prudente, cavalleiro e habil — introduz tambem a mão, e vendo logo que lhe havia eu dito, concorda comigo no emprego dos calmantes, etc.

O meu exame, que não deixou-me na menor duvida ácerca da existencia do estado spasmodico do utero, e que só uma violencia o poderia vencer, e o facto das tentativas vigorosas, e repetidas do Sr. Dr. Praxedes, (quasi uma hora de relogio) e de seu irmão, justificam a existencia da impossibilidade em se fazer a versão, e que outros recursos se deviam empregar. Sendo certo, e como não he possivel que nos deixem mentir o mesmo Sr. Dr. Praxedes e seu irmão, que sempre me oppuz a que se puchasse a criança pelos braços; e tanto que disse—em conversa— ao mano do Sr. Dr., que um tal proceder daria lugar ao augmento das difficuldades, e que mais facil seria arrancar os braços do que melhorar a sorte da triste enferma; como que o facto de se cortar os braços além de ser hoje impraticavel nada se conseguia; e que pelo contrario a presença dos ferros poderia occasionar males. Outro sim: que a introducção do forceps e dos ganchos, estando o utero contrahido por tal modo, poderia rompe-lo em uma menor de suas contracções. De maneira que sempre o meu fim foi extrahir, mediante a versão, pelos pés; e não podendo, esperar, sujeitando a enferma aos banhos e calmantes. Não he verdade, Sr. Dr. José de Souza Pitanga? E ahi está o Sr. coronel Chaby, meu amigo, a quem S. S. disse que a extracção se fez naquella hora contra seu voto. E não só a elle disse, como a mim mesmo por varias vezes.

Mas emfim o que succede? Receitada assim a doente, e aconselhada por mim a, com paciencia, supportar mais algumas horas de incommodos e dores, no uso de seus remedios—retirei-me com o mano do Sr. Dr. Praxedes depois de termos convencionado de voltar pela manhãa; ficando porém o Sr. Dr. Praxedes, dizia elle, que para não deixar a mulher sem quem a assistisse.

Depois de estar em casa, quatro quartos de hora se não tinham passado, que, para augmentar a dóse do laudano, voltei á casa da parturiente.

Não sei o que houve, ou não quero dize-lo: o certo he que ao entrar ouço gritos, e no quarto vejo o Sr. Lobo Moscoso violentando o utero, com o fim tambem de fazer a versão. Digo, Srs. redactores, que violentando, porque a doente mal tinha tomado um banho depois de minha sahida, e apenas algumas colheres do calmante; e tempo não havia de se poder contar com os resultados dos remedios, e a força empregada pelo Sr. Dr. Lobo Moscoso não era força racional, era o maximo da força de todo o seu corpo. E note-se mais que, quando entrei, disse-me o Sr. Dr. Praxedes que na minha ausencia as dores e contracções da infeliz haviam augmentado; e se mais fortes eram ellas, razão de mais para se não consentir no trabalho, visto que quando menores, nós nada tinhamos podido conseguir quanto mais augmentadas.

Depois de muito lutar, (seguramente um quarto de hora) o Sr. Lobo Moscoso retira a mão, e dá-se por cançado; nisto chamo de parte o Sr. Dr. Praxedes, e faço-lhe ver o perigo que havia, e que tudo aquillo era contra as regras da arte; que não arriscassem a mulher a uma roiura do utero ou a uma morte certa. Não he tambem verdade, Sr. Dr.? Nisto acompanho o Sr. Dr. Praxedes que entra para o quarto da parturiente, e vejo de novo o Sr. Moscoso se preparando para uma nova tentativa. O homem suava por quantos poros tinha no corpo, era um athleta lutando contra um gigante.

Então agacha-se o Sr. Moscoso, com o braço esquerdo, e com toda sua força, se apoia sobre o ventre da infeliz, e com o direito violenta de novo: nova luta, novo desespero, mais gravidade do erro; e n'um vai-vem transpõe a resistencia, e agarra um pé que, ao trazer á vagina, foge de novo; nova luta até agarra-lo, e passar-se o laço. Nisto tira a mão o Sr. Moscozo.... e suado, e esbaforido, não como um parteiro cançado, mas como um gigante vencedor, aconselha-me de procurar o outro pé, e acabar o parto; ao que respondi, que não o faria, visto tudo aquillo ser feito fóra de tempo, e não me convir carregar com a responsabilidade. Srs. redactores, não minto; he isto uma pura verdade, e ahi está o Sr. Dr. Praxedes. Com esta minha resposta zanga-se o Sr. Dr. Moscoso, e arranca a criança!

Calei-me, e retirei-me; ha poucos dias soube que a minha infeliz doente se achava sepultada! E seria possivel, senhores, que um corpo humano podesse resistir á semelhantes manobras e aos erros mais crassos da arte de partejar? Será possivel, á vista da resistencia que havia a ponto de tres homens trabalharem, como eu, e os senhores Pitangas, e nada tendo podido fazer, e quando as contracções, como se disse, eram inda mais fortes, e tudo se tinha feito contra as regras da arte, e segundo ensina o Sr. Jacquimier—que se attribua á outra cousa, senão á violencia empregada pelo Sr. Dr. Moscoso, a morte da desgraçada Flamina? O publico, e os medicos do paiz para quem appello que me respondam.

Tenho visto partejar, os mais celebres parteiros da França; os Srs. Paulo Doubois, Caseau, e Pajeau, trabalharem por muitas vezes, e em casos bem graves, e nunca empregarem força semelhante, e em casos identicos! Partejei a muitas mulheres nos hospitaes de Paris; e quem souber da disposição daquelles trabalhos me ha de acreditar.

E aqui mesmo partejei a uma doente bem perigosa, e que me a deu o nosso collega o Sr. Dr. Dornellas, e que mora na rua Direita n. 18, e assim conhecedor da força necessaria a empregar-se em taes casos não podia estranhar o procedimento do Sr. Moscoso. E se para ser parteiro, ou se o partejar depende de uma força irracional, bem mal está o Sr. Dr. Mavignier, e outros homens debeis e doentes.

E á vista de factos da ordem d'esse praticado pelo Sr. Dr. Moscoso, e de outros semelhantes poderá alguem conter-se a ponto de nem mesmo conta-los a seus amigos, e em particular avalia-los? E ha de se, Srs. redactores, no mundo medico abafar erros de semelhante natureza em prejuizo da humanidade e da sociedade? Não será por ventura um bem revela-los para que mesmo seus autores se reservem praticando-os? Quanto mais que eu nem tenção tinha de dar-lhe publicidade, temendo suas consequencias, e neste paiz onde as injurias chovem constantemente nos prelos, e he a unica defeza de importancia. Eu quizera que o Sr. Dr. Moscoso, depois de ter estudado esta questão, se revestisse de dignidade, largando o seu sacco de injurias, com o qual pretende fazer-se respeitar, e viesse mostrar minhas faltas, e meus erros; eu me alegraria muito em ver meus erros publicados, eu quizera emfim ter occasião de scientificamente defender-me.

Mas não, com o Sr. Dr. Moscoso não descutirei; cumpre fugir-lhe que he vencer, que he dar garantia á meu bem estar. Com outro a ultima gotta de tinta gastaria para triumphar em uma semelhante questão, com o Sr. Lobo Moscoso, não, e não.

Sou, Srs. redactores, criado respeitador.

Dr. Carolino Francisco de Lima Santos.

Srs. Redactores. — Ao ler a sua respeitavel folha de 12 do corrente, deparei com uma correspondencia assignada pelo Sr. Manoel do Amparo Cajú, tratando sobre uma sedula de 2$000 em que falla no meu nome: declaro primeiramente que não foram minhas intenções offender ao Sr. Cajú, o facto foi este: Entrando-me no dia 9 do corrente em minha taberna um balceiro de lenha para me fazer compras apresentou-me uma sedula de 2$000 falsa e novinha, perguntando-lhe quem lhe dera essa sedula, respondeu-me que fora um homem que tem olaria, passando os Remedios, e como se chama, lhe perguntei eu, não me lembra o nome; digo-lhe, venha commigo, vamos ver se ella he boa, levei-o a casa do Sr. subdelegado Dourado, que logo foi a thesouraria, e lá se verificou a falsidade da mesma, e retirei-me para minha casa; depois constou-me que o dito Sr. sub delegado dera as providencias precisas afim de ver se descobria o introductor de sedulas falsas, se o balceiro me diz que a tinha recebido do Sr. Cajú, eu lhe diria que a fosse levar e receber outra, porque em abono da verdade, o Sr. Manoel do Amparo Caju não he homem suspeito nem a voz publica o accusa disso, estranhando ao mesmo tempo no Sr. Caju por se enfadar da policia dar as buscas necessarias para descobrir os introductores de sedulas falsas, quando todo o bom cidadão deve coadjuvar a policia para ella poder descobrir o criminoso. Eu desejaria, Sr. Caju, que a policia corresse a minha casa e a de outro, todos os dias se possivel fosse, e desse as minuciosas buscas afim de ver se acabava como flagello das sedulas falsas. Eu, Sr. Caju, tenho a minha residencia em Pernambuco ha vinte e tantos annos (na policia consta do meu assento.) se alguma pataca tenho ganho tem sido licitamente, a minha casa he uma das que commercia forte, e deste commercio resulta interesses.

Dignem-se, Srs. Redactores, dar publicidade as presentes linhas no seu conceituado jornal, do que lhe ficará obrigado o seu assignante.

Antonio Domingues de Almeida Poças.

Srs. Redactores: — Não posso deixar de, valendo-me de sua muito conceituada folha, fazer sciente ao respeitavel publico, o quanto he intrigante e exaltado o actual ajudante desta colonia de Pimenteiras, o Sr. tenente reformado João Marinho Cavalcanti de Albuquerque, querendo desconceituar-me perante o muito digno actual director da mesma colonia, o Sr. capitão Antonio Francisco de Souza Magalhães, endereçando ao mesmo senhor uma parte contra mim, da qual me resultou 39 horas de prisão, me classificando em dita parte de brusco, incivil e esquecido de meus deveres; o que nada mais he do que chamar-me de bruto, de malcreado e de relaxado. Ah! Srs. Redactores, doe-me o ver-me assim effendido e só por se haver gratuitamente rixado comigo o Sr. ajudante da colonia, e só porque hei fugido de sua amizade, attendendo o quanto se tornava prejudicial e contraria ás minhas economias. Agora propala o dito Sr. ajudante ser quem —me arrancando da miseria— arrumou-me nesta colonia com o vencimento, que percebo, de 2$500 rs. diarios, como mestre da officina de carapina, conforme o contrato que fiz com o governo da provincia, e diz que vai fazer com que S. Ex., o Sr. presidente, me retire daqui, e consequentemente me desempregue, como gaba-se ja o haver feito com o Sr. major José Antonio Barbosa, ex-director e antecessor do Sr. capitão Magalhães, a quem intenta fazer o mesmo, por ver que este senhor capitão, segundo me parece, ainda não lhe convem; porque em fim, não he possivel que um homem honrado, sendo aqui director, sirva aos caprichos e exigencias as mais illegaes do supra dito Sr. ajudante. A' vista, pois, do exposto, e para que o publico sensato saiba do facto, que teve lugar entre mim e o mencionado Sr. ajudante, faço a presente, rogando encarecidamente a Vmcs., Srs. redactores, que dignem-se inseri-la nas columnas de seu *Diario*, seguida dos documentos primeiro e segundo, que a ella acompanham.

E para que todos saibam a quem somente agradeço o beneficio de me achar nesta colonia empregado, como presentemente estou; isto he, de mestre da officina de carapina, o declaro em alto e bom som, que unicamente á S. Ex., o Sr. conselheiro Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo, actual presidente desta provincia, e a mais ninguem devo a minha gratidão por tamanho favor.

Eu sou, Srs. Redactores, de Vmcs. respeitador e humilde criado.— *Diogo Machado Portella.*

Colonia militar de Pimenteiras 3 de janeiro de 1855.

Sr. capitão director.—Diz Diogo Machado Portellella, mestre da officina de carpina, que tendo com a maior attenção lido a parte que contra elle supplicante enderessou ante hontem a Vmc. o Sr. tenente ajudante desta colonia, forçoso he que elle supplicante levante sua voz e faça chegar a Vmc. as precedencias que levaram o mesmo senhor ajudante á crimina-lo tão falsamente, tachando-o de brusco, incivil, e esquecido de seus deveres; cousas essas que o mesmo senhor ajudante jámais as poderá provar; porque todos os factos ácerca da dedicação e zello á bem do serviço de sua officina comprovam autenticamente a inexactidão de toda a parte que contra o supplicante compoz inadvertidamente o dito senhor ajudante. O supplicante, senhor capitão director, não ignora estar segundo o contrato que fez com o governo da provincia sugeito a disciplina militar, e isso seria mais uma razão para o fazer restrictivo quando tivesse de explicar-se com o senhor ajudante, mui principalmente sobre cousas do serviço publico; porque o conhece como sufficiente para activar os trabalhos etc. Porém o senhor tenente ajudante crê não deixar olvidar intrigas as mais vergonhosas para querer tirar proveito com sua autoridade em detrimento do supplicante. Digne-se Vmc. attender por momentos a declaração que o supplicante, posto que com pejo, tem a honra em sua defeza de narrar a Vmc.; a qual motiva ver-se hoje o supplicante credor indevidamente de todo odio e desprezo que em sua parte o mesmo senhor ajudante fez recahir sobre o supplicante. Conservava o supplicante alguma amisade particular com o senhor ajudante, e tendo por vezes e em demasia sido importunado pelo senhor ajudante em pedidos de bolachas emprestadas, assucar, sapatos, e botas de montaria, e afinal em carne de sol que o supplicante havia comprado e trazido de Capoeiras para manter-se, assentou o supplicante não mais o servir em negocio dessa ordem, porque sempre era o supplicante o paciente: essa he uma das maiores precedencias. O supplicante confessa peranto toda a colonia sem receio de errar, que desde que aqui se acha ainda não presenciou o senhor ajudante occupando-se com os deveres de seu emprego, ao menos vigiar quanto mais activar o serviço em parte alguma desta colonia, mui principalmente o da sua officina, e antes pelo contrario seguindo o mesmo Sr. ajudante praxe controversa a estabelecida por Vmc., abstrahe constantemente da sua officina qualquer operario sem o supplicante ter ao menos um mero aviso disso, e o empreza a seu bel prazer em serviços para sua particular e domestica utilidade; e tambem as suas ordens e até em serviço de puro criado, ou escravo, mando sellar cavallos, pegar nos mesmos e dar comer a cães: já não fallando no tempo que leva o dito senhor ajudante deitado em um carrinho de mão ou mesmo em alguma pranxa inteiramente suja, destrahindo com conversas os operarios, esperando reconciliar somno, e até em censuras contra Vmc.!! Ah! senhor director o supplicante espantou-se ao lembrar-se do que dito fica com juncção ao segundo periodo da parte do senhor ajudante; porque naquelle periodo o senhor ajudante como que lastima como dissipação os dous mil e quinhentos reis que o supplicante percebe, e não se lembra que os de mais operarios tambem são pagos, não para servirem a seu capricho, mas sim ao serviço publico?!!!. Vmc. talvez muito bem saiba que o senhor ajudante até abstrahio da faxina geral alguns serventes, e o mesmo sargento que a dirige para caçarem sua propria escrava, e depois servirem de carrascos e a surrarem!....entretanto quando o supplicante reprehende algum dos seus officiaes he isso motivo para resentimento? ex mais uma precedencia. Afinal, senhor capitão director, o supplicante confessa a Vmc. que seria um nunca acabar se elle supplicante narrasse todos os factos de que se lembra, que servem em sua defeza e todos sem excepção. O supplicante submissamente pedé a Vmc. que sirva-se mandar que o ponham em liberdade, attendendo ao menos o quanto he susceptivel e colerico o senhor ajudante, que até findando sua parte, fez exigencias á Vmc., e porque parece razoavel não dever estar preso o supplicante só por satisfazer raivas, paixões, rixas do senhor ajudante. O supplicante intimamente convencido da justiça que caracterisa a Vmc., não receia esperar remedio á seus males: portanto

Pede a Vmc. que attendendo as razões que o supplicante, com o maior respeito, vem de ponderar em sua defeza, lhe deffira com justiça.—E. R. M.

Diogo Machado Portella.

Colonia militar de Pimenteiras 30 de dezembro de 1854.

N. B. Este documento he copiado da minuta que tenho em meu poder, porque o original acha-se no arquivo desta colonia. *Portella.*

Sr. capitão director.—Diz Diogo Machado Portella, mestre da officina de carapina, que estando conscienciosamente convencido de não haver tratado descortezmente ao Sr. tenente-ajudante desta colonia, e que Vmc., talvez mal informado, ordenasse, que elle supplicante fosse preso e recolhido no corpo da guarda; e para que possa fazer chegar ao conhecimento de Vmc. a innocencia, que o assiste, roga a Vmc. mande que o sargento-escrivão, lhe passe por certidão o theor da parte, que contra o supplicante ha endereçado a Vmc. o dito Sr. tenente-ajudante. Portanto: pede a Vmc., que digne-se conceder que elle supplicante se possa decriminar, lhe deferindo favoravelmente. E. R. M.—Diogo Machado Portella.

Colonia-de-Pimenteira, 30 de dezembro de 1854.

Como requer.—Directoria da colonia militar de Pimenteiras, 30 de dezembro de 1854.—Magalhães, capitão director interino.

Em consequencia do despacho supra certifico que, revendo no archivo desta colonia os massos de officios, achei a parte de que faz menção o requerimento retro, qual he do theor e formaa seguinte.—Tendo eu hoje pelas 2 horas da tarde mandado tocar faxina pelo corneta, com previa licença de Vmc., como he de costume em todos os pontos militares, e obtida esta, o corneta cumprio a minha ordem; e chegando eu ao barracão onde está collocada a officina de carpina, o mestre della Diogo Machado Portella estranhou-me não ser ainda 2 horas; e isto de uma maneira brusca e incivil; respondendo-lhe eu que não só eram 2 horas, como ate ja passava destas horas: elle disse-se que elle bem sabia o que eram horas, e que duvida alguma tinha em comigo apostar pelo seu dito; mandei logo buscar um relogio, e este se achando parado não o pude contestar, como queria, por me faltar este meio de conhecer das horas.

Pergunto eu agora, se ainda que não estivessem completas as 2 horas, se seria elle competente para assim inocular a insobordinação e falta d'amor ao trabalho?! Pergunto mais, se elle deixa de receber os dous mil e quinhentos réis nos dias innumeros em que não ha serviço nesta colonia? Sim, recebe-os, e então não faz reflecções, e as faz só para não cumprir com seus deveres. A' vista pois do que tenho expendido, espero que o referido Diogo receba uma pena igual a falta de respeito, que comigo praticou; não me podendo dar por satisfeito, se elle não for pelo menos suspenso por quinze dias.

Deos guarde a Vmc., subdirectoria da colonia militar de Pimenteiras, 28 de dezembro de 1854.—Sr. capitão director desta colonia.—João Marinho Cavalcanti de Albuquerque, subdirector. E nada mais se continha em dita parte, que fielmente copiei, e a qual me reporto; e por assim ser verdade passei a presente, que assigno.

Colonia militar de Pimenteiras, 30 de dezembro de 1854.—João Theodoro dos Santos, particular sargento e escrivão.

— *Srs. redactores.*—Tendo eu no *Diario de Pernambuco* n. 266 de 20 de novembro de 1854 rogado a inserção de uma correspondencia em resposta aos ataques feitos no *Liberal Pernambucano* contra os accionistas e subscriptores do Gabinete Portuguez de Leitura, a que tenho a honra de pertencer, fui por essa minha correspondencia chamado á responsabilidade perante o juiz municipal da segunda vara desta cidade pelo chanceller do consulado o Sr. Miguel José Alves. Conscio do que afirmei então, folgo de ter occasião de exhibir as irrefragaveis provas do quanto disse sem tenção mais do que desafrontar a tantos socios portuguezes e conspicuos subscriptores cidadãos brasileiros. Fique, pois, o Sr. chanceller sabendo que não me aterra, porque a questão ha de ser decidida por juiz que não he o Exm. Jervis e Rodrigo, e por isso com brevidade se conhecerá por parte de quem está a verdade. Rogo-lhes a inserção destas linhas, pelas quaes me responsabiliso em juizo e fóra delle.—*Thomaz Pereira de Mattos Estima.*

LITTERATURA.

I.

A leitura attenta e reflectida do escripto intitulado *Forma dos Governos* deixou-me a convicção de que he o primeiro livro que desde 1834 sahio dos prelos portuguezes.

Acostumado a ver as nojentas versões de romances ainda mais nojentos cahirem sobre a litteratura e a moralidade portuguezas como uma saraivada que destroe e arrasa tudo. Vendo as officinas typographicas occupadas a lançar todos os dias sobre a população jornaes politicos pela maior parte atiçando odios e guerra civil, em phrase muitas vezes descomposta e quasi sempre espuria; ou vertendo a calumnia sobre um cidadão, que no dia seguinte vão expor ás adorações dos blasphemadores da vespera; ou lançando a terra as sementes de erros, que não mui distante hão de produzir fructos mais venenosos, do que são amargos aquelles que estamos hoje forçados a comer, e que nasceram das sementes anteriormente semeadas, cultivadas com cuidado, e regadas com o sangue de milhares de homens; causou-me uma sorpreza agradavel, mais do que isso, uma esperança bem doce, a leitura deste livro.

He um livro que faz pensar pois excita as mais nobres paixões do homem, appella para os mais generosos sentimentos de seu coração, para os seus mais elevados instinctos. Um livro que faz pensar, abrindo aos olhos ao leitor as mais bellas, como as mais melancolicas paginas dos tempos remotos, e dos mais proximos — um livro que faz pensar, traçando em rapidas, mas vivas côres os factos contemporaneos, e chamando ao tribunal da consciencia de cada um ja esses factos, ja as pessoas que os praticaram — um livro que faz pensar, levantando uma ponta do véo que esconde o futuro, e fazendo-nos aperceber entre as nevoas do porvir o que provavelmente sera em poucos annos ja passado. He um livro, que mostra a perenne solidariedade entre o que he e o que foi, e entre estes e o que ha de ser; e refuta de antemão victorisa e irrespondivelmente o paradoxo que ha poucas semanas um jornalista do Porto escreveu de que em politica, o presente não responde pelo passado, nem pode servir de indicação para o futuro: e um livro assim (repito) he um uma novidade, he acontecimento. Como novidade esperançosa, como acontecimento de rehabilitação da imprensa, eu o saudo; e estou bem certo de que nesta saudação me acompanham centenares de vozes.

Depois disto, quasi que me arrependo de não ter ainda mencionado o Sr. D. José de Lacerda, a cuja penna rica de talento e de sciencia se deve este escripto, cheio de philosophia e de erudição: e a quem devia mais especialmente caber a gloriosa tarefa de o fazer, que ao veterano de nossas lides na imprensa, e na tribuna, que tem visto fazer, desfazer e refazer instituições que se alcunhavam de eternas, e gastar-se tantos homens que se criam immortaes?

II.

O Sr. D. José apontando-nos para Deos, origem da sociedade, e fonte da sua soberania; e conseguintemente o principio religioso fundamento e vida das nações, abrio um vasto horisonte diante dos publicistas portuguezes, que até aqui só tinham as combinações mecanicas, quando não eram alheias, dos publicistas francezes; e as utopias, materialisadas de mais, do Sr. Silvestre Pinheiro, por onde se guiassem no estudo da politica.

Quando o seu livro não tivesse outro merito, que tem muitos e de grande alcance, este era bastante para lhe assegurar entre os cultores da sciencia social um lugar superior ao daquelle illustre publicista, cuja perda lamento com tão sincera dôr, quanto he pungente a vergonha que sinto ao ver a desconsideração que ha pela memoria de um sabio, que de tamanha gloria abrilhantou, nestes ultimos tempos, o nome portuguez.

Foi um grande arrojo o do Sr. Lacerda, arrojo feliz, arrojo a que o seu caracter sacerdotal o obrigava: mas que nem por isso deixa de ser, em face de uma sociedade, que a força e por um trabalho subterraneo de mais de um seculo, se tem procurado descatholisar e materialisar; e em face de homens, que affectam fazer de Deos uma especie de rei parlamentar, que reina e não governa — e que obesos de fatua ignorancia pretendem que o catholicismo carece de uma reforma que o ponha em harmonia com as luzes do seculo; seculo de crimes e de egoismo, como quasi todos os que o precederam, mas que se distingue delles por sua total falta de caracter, por sua impotencia, e por seu sceptismo; pois para me servir das eloquentes palavras de Mr. de Salvandy á academia franceza, na sessão de 24 de agosto ultimo:

« Todos os seculos tem uma missão e um espirito particular: só o nosso não o tem ainda. Chegados a meio da nossa carreira, perguntamo-nos com inquietação qual será o verdadeiro sentido da época contradictoria de que somos os artistas maravilhados. Tem-se visto as gerações presentes perseguirem uns apoz outros os alvos mais elevados deste mundo, alvos de gigante, chegar a toca-los, e desfazer-se tudo. A obra impossivel da monarchia universal pela victoria, a obra difficil e gloriosa da monarchia constitucional pelo direito dos thronos, mais difficil e mais perigosa pelo direito dos povos, tiveram o mesmo destino — successos admiraveis e uma queda repentina! A gloria das armas, a gloria das lettras, a gloria das sciencias, a gloria das artes, a gloria da industria, a gloria da eloquencia, a gloria das conquistas foram-nos prodigalisadas, são—no-lo ainda: e nenhum orgulho nos fica de tantas cousas grandes, nenhuma alegria de tantos dons do Céo. Testemunhas e actores de prodigios inauditos, só ouvimos fallar de *desanimação* e de *impotencia*! »

Este he o molde em que se deve vasar o catholicismo, segundo os taes reformadores! Ainda não sabem o que querem, nem como o hão de querer, e pretendem que a religião que deve dirigir, moderar e reger o seculo, tome as suas paixões, se influa nos seus caprichos, se inspire de suas contradicções! He uma pertenção tão absurda, como a de quem tentasse refazer a sciencia de navegação, tornando-a mobil em suas regras como o elemento em que devem applicar-se, e variada em seus preceitos como as manobras do navio, que regulam e determinam.

III

Quando o autor nos lembra que o principio religioso he a base e o fundamento de todas as sociedades humanas, a que chamamos nações, tambem nos traz á lembrança que o homem não só foi creado por Deos para viver em sociedade com os outros homens, mas que de todos os seres animados he o unico que não pode viver senão em sociedade, pois que della depende tanto para satisfazer as suas necessidades corporaes, como tambem as espirituaes; e que por isso esse estado de isolamento, a que alguns que a si mesmos se chamaram philosophos, pozeram o nome de *estado natural* he pelo contrario um estado de degeneração o anti-natural, pois que evidentemente contraria o divino pensamento e intenção do Creador, e mata ou avilta a sua creatura.

Ora, digo eu, sendo incontestavel, como he, que Deos creou o homem para a sociedade, he por tanto igualmente incontestavel que lhe impoz deveres, a que não pode esquivar-se sem revolta, e deu-lhe direitos que ninguem lhe pode negar sem crime.

Mas muitas vezes, levados pelo desejo natural de nos livrarmos do que nos contraria, offendemos os nossos deveres com relação aos co-associados; e como esses deveres são os seus direitos (assim como os seus deveres são os nossos direitos,) quando os quebrantamos, autorisamos os outros a que quebrantem os seus e que nos privem assim de nossos direitos: o que seria, pois, da sociedade se não houvesse um modo de nos obrigar mutuamente ao cumprimento dos deveres para salvaguardar o gozo dos direitos?

Isto mostra a necessidade do governo. A sociedade não poderia existir se não tivesse em si o meio de poder cumprir os deveres que a ligam a cada um de nós, e de obrigar cada um de nós a cumprir os que o ligam a ella, isto he, aos demais co-associados; esse meio he a soberania que reside em si por effeito desta lei primitiva, pela qual Deos definio os nossos deveres, e deduzio delles os nossos direitos. Devo por conseguinte considerar a sociedade no seu governo, e este um instrumento de que Deos se serve para que ella procure que nenhum dos individuos que a compõe sinta falta do necessario, quer na ordem espiritual quer na do tempo, tanto por fraqueza propria, como por violencia exterior; e que n'ambas essas ordens todos tenham a faculdade de augmentar suas riquezas, segundo a aptidão natural ou adquirida que tiverem.

IV.

Conhecendo assim o que he o governo, e quaes são os seus fins, a forma que reveste pode parecer indifferente para os preencher; e he a essa conclusão que veio o autor, he mesmo a these que procura defender no seu mui instructivo e interessante livro; mas, perdôe-me elle, parece-me que a assentou muito absoluta; e assim que outra havia de ser a sua conclusão se attentasse bem no que he o governo da sociedade. Se me dá licença direi que estou na persuasão de que isso procede de uma confusão, sem duvida involuntaria (e que julgo até muito possivel ao ver que espiritos de grande elevação cahiram nella) entre a forma (contextura exterior) e forma (essencia, modo de ser) dos governos.

O governo para ser tal, ha de ser da sociedade, viver, nella, della e para ella. Não he um ser abstracto que esteja fóra da associação, e que se lhe imponha. Considerado segundo a philosophia do seu ser, ha de estar em communhão de interesses e pensamentos com a sociedade de que faz parte, e que anima; ha de para assim me explicar, ser do seu seculo, inspirar-se de suas idéas, sentir as suas paixões, e representar as suas feições distinctivas e caracteristicas. Neste caso essa forma, essa contextura, o mais ou menos apparato que se mostre no jogo de seu machinismo não influe nada. Pode dizer-se com verdade que a sua forma (exterior) não determina, nem anniquilla a prosperidade dos povos.

Se não he á forma exterior que se dirige; se se refere ás suas qualidades intrinsecas e essenciaes, como por muitas vezes, como sempre, me parece que o illustre publicista o considera; então a forma do governo, o que se pode chamar a sua integridade, influe malignamente sobre os povos, se não estiver em união intima de interesses e de pensamento com elles, quando lhes tiver sido imposto, e não viver de sua vida, na sociedade, e para o seu maior bem: esse governo he um intruso, um estranho, um inimigo: a mesma forma que reveste he prejudicial. Calonne, Brienne, Necker, e Turgot desconheceram estas verdades triviaes, e a França pagou-o com o sangue de perto de tres milhões de seus filhos, devorados pelas guilhotina, ou pelos punhaes da anarchia; e com o desperdicio de 640 mil contos de reis.

Dai-me um governo que respeite o que Deos, a nação e o tempo fizeram; e eu vos asseguro de que a sua forma exterior ha de estar de accordo com os costumes e as inclinações do povo; e que elle ha de fazer a sua ventura, como ella pode existir neste mundo, que he só um lugar de passagem. Mas se em vez de um governo assim, me daes um que só obedeça aos mais maos instinctos, esse governo, qualquer que seja a forma que revista, ha de ser oppressor, ou desmoralisador, ou ambas as cousas juntamente.

Mas quando conheceremos nós que o governo não vive da sociedade, na sociedade, e para a sociedade; pois que nem todos os governos são como esse que em 1581 nos impoz a venalidade e cobardia (e por ventura tambem as idéas visionarias de alguns Portuguezes, mais dignos de lastima que de odio) apoiando-se nos exercitos do duque de Alva? governo cuja forma exterior se não alterou muito, quando estava completamente alterado o seu modo de ser, e foi evidentemente imposto? A resposta he facil.

Quando virmos que levanta uma mão impia contra o que Deos fez; quando virmos que attenta rebelde contra o que a nação quiz; quando virmos que destroe estupido o que o tempo estabeleceu.

V.

Quando o rei D. Pedro II, depois de ter tirado a seu irmão a corôa e a esposa, despojou da autoridade, que com o monarcha compartia, a nação representada em côrtes, mudou a forma de governo na sua essencia; e com tudo ficou quasi tudo como estava d'antes na forma exterior. Foi só no reinado seguinte que essa forma foi obliterada, mas sem assim mesmo se proscreve-la. Affastava-se com pretextos, mais ou menos transparentes, a intervenção do paiz nos negocios do governo; mas não se negava, não se proscrevia. Aquella mudança na forma essencial do governo não tardou com tudo a produzir os seus fructos. A vitalidade que Portugal parecia ter recuperado em 1640, desappareceu completamente, e uma decadencia rapida substituio as tão bellas esperanças de engrandecimento.

Quando o augusto editor, responsavel do marquez de Pombal, deixou que em seu nome se harmonisasse a forma exterior com o que ja eram, ainda que latentes, os principios constitutivos da sociedade portugueza, isto he, as theorias de despotismo de Henrique VIII, e de Isabel de Inglaterra, não só cedeu á pressão do seu terrivel ministro, mas igualmente, sem o saber, ao rigor da logica. Convinha que a contextura do governo se pozesse de accordo com a sua forma intrinseca.

MUTILADO

ILEGÍVEL

Seria tambem sem effeito esta alteração nos accidentes, como na substancia? Se me disserem que esta revolução produzio prosperidade, perguntarei se a resurreição de Lisboa não poderia ter tido lugar com o nosso velho regimen constitucional, e muito mais bella e mais perfeita? Que me provem que não: — se a civilisação se não resentio disso — se a educação publica não se viciou—se a instrucção melhorou — se a vida de centenares de pessoas, se a liberdade e a propriedade de muitas mil não foi barbaramente sacrificada — se a mentirosa conspiração dos fidalgos contra a vida do rei — se as infamias do processo aos falsos regicidas —se a ferocidade da perseguição, se a crueza dos supplicios—se a vandalica extincção dos jesuitas, se os flagicios e calumnias de que foram victimas, se os entaipamentos (n'uma palavra) são cousas de tão pequena monta, que se possam esquecer e perdoar pelo brilhantismo de umas poucas de pedras sobre-postas e outras, e alinhadas e combinadas n'um estylo pesado e monotono— e assim mesmo cimentadas com incriveis violencias...

E he o que se deve dizer, se realmente a forma do governo he indifferente para determinar o bem da sociedade, ou para apressar a sua ruina. E ousará alguem emprehender essa apologia da tyrannia, apologia contra a qual se erguem a razão, a experiencia e a historia? Não; eu não creio que alguem se abalance a tão arrojado commettimento.

Felizmente essa forma de governo acabou; assim como ella tivessem acabado as suas vergonhosas e despoticas tradições! Sou o primeiro a applaudir-se desse acabamento. Nesta parte ainda não tive que arrepender-me dos sentimentos da minha juvenilidade, posto que as causas que os dirigem hoje se dessemelham tanto das que então me dominavam, como o dia he dessemilhante da noite. O que seria de nós se o poder de proscrever a religião catholica, ou matar a nossa nacionalidade fosse igual á vontade de a destruir que anima os coripheus dessa bastarda civilisação, que nos veio da Inglaterra, e que, com a revolta de Luthero, nasceu em Wittemberg, e começou a apontar em Portugal pelos fins do seculo 17? Ninguem o pode dizer, mas todos o podem sentir, entrando um pouco em si mesmos.

VI.

Não; não he verdade que não he a forma do governo que determina a prosperidade dos estados; e que estes podem prosperar e florecer, seja qual for a forma do governo, segundo a qual estiverem constituidos, como pretende o Sr. Lacerda.

He o mesmo senhor quem o diz, quem condemna o absolutismo desta sua sentença, quando pouco depois escreve:

« Nem se presuma que na propria natureza das organisações monarchicas deve encontrar-se resguardo contra mal tão grande. Havia conta somente á idéa hypothetica, ou a theoria deste system, ou antes desta forma politica, talvez podesse em boa fé assim pensar-se; porem são os factos que constituem os governos, são os factos que regem os povos, e que determinam o seu infortunio ou a sua prosperidade; e os factos demonstram o contrario do que a theoria pudera ter parecido affiançar (pag. 103.) »

E logo adiante:

« A monarchia constitucional — ou governo representativo, mixto, parlamentar, ou como queiram que se diga... he a forma politica, segundo a qual a sociedade portugueza está hoje constituida. Estejamos contentes, porque tem de si quanto se ha de mister para que Portugal se mantenha, viva e floreça (pag. 105 e 106). »

Que melhor apoio posso desejar contra a these que combato? Ahi está o seu proprio defendente, dizendo-nos que a forma monarchica he de si prejudicial, na realidade dos factos, com quanto, no vago das theorias, pareça a mais proficua. Ahi está dizendo-nos que a forma parlamentar encerra em si quanto se precisa para fazer florecer uma nação — predicados que nega áquella.

Mas ainda ha mais. Fallando da revolução de setembro diz-nos:

« De origem tão viciosa não podiam senão dimanar crimes, erros, males sem conta... Proclamou-se a mais ampla liberdade, e estabeleceu-se uma dictadura irmã do mais absoluto despotismo (pag. 140). »

Basta. Se eu quizesse amontoar citações acharia fortissimos argumentos a favor da minha opinião, no que o autor diz sobre a necessidade de restaurar-se a carta (pag. 150), e sobre os males causados pela regeneração (pag. 178 e 179); e mais ainda a respeito do governo do Sr. D. Miguel (pag. 133), que, para empregar uma expressão negatoria do Sr. A. R. Sampaio, foi verdade social por espaço de 5 annos, não obstante o que S. S. que hoje exige que as minorias obedeçam a verdade social, e crê que a isso podem ser justamente forçadas, combatia essa verdade, honrava-se com a opposição que lha fazia, e praquejava contra os seguidores della porque puniam aos que a negavam com armas em punho, ou pela revolta.

Que miseravel politica! só tem de mais miseravel as contradicções dos sacerdotes deste Belo da actualidade, que lhe furtam nocturnamente, e devoram entre si, as offerendas dos seus credulos adoradores. Quando apparecerá um Daniel que lhes descubra a impostura?...

Mas voltemos ao assumpto.

VII.

E que forma de governo he essa que o Sr. D. José pretende que encerra em si quanto se ha de mister para que um paiz qualquer se mantenha, viva e floreça?

He uma, de que se não pode deixar de reconhecer e confessar, « ser a corrupção (diz-nos o illustre publicista) o primeiro ou principal instrumento, mediante o qual exerce o seu mister, opera e vive. » De sorte que, se se lhe tirar a corrupção, esse governo perece por lhe faltar a sua principal viscera—o coração! mas então o que se pode esperar de bom de um tal governo? Uma ruim arvore não pode produzir bons frutos:

« Pilriteiro, que dás pilritos,
Porque não dás cousa boa?
Cada qual dá o que tem
Conforme a sua pessoa. »

Continuemos com o Sr. Lacerda, a descripção desta forma de governo, de que devemos estar contentes:

« Inquiri (prosegue) e achareis que a corrupção, circulando pelas vêas e arterias de todo o corpo social, o corroe intimamente. Desce do mais alto, e primeiro até aos infimos degrãos, torneando todos os seus tortuosos seios, e, na mesma razão, volta d'ahi até ao fastigio do edificio... Partindo dos ministros, primeiros motores da machina politica, vai coando por toda a serie dos seus subordinados, e alcança de modo que nenhum pode evadir-se-lhe, a quantos são seus dependentes. Ao depois sobe dos eleitores, victimas inevitaveis da acção infesta d'aquelles instrumentos certos do poder, e, por via dos seus eleitos, consegue accuar no parlamento, o qual diga-se o que se disser, não pode deixar de padecer do mal herdado: qual a arvore, tal o fruto. Desta sorte a corrupção invade tudo.

« E podereis duvidar de que, se a autoridade publica se vê necessaria (!) e haver recurso a meio tão perigoso para cohibir e frustrar as tentativas dos bandos, e domina-los, á sua vez os bandos ferem incançaveis com essa arma destruidora, afim de contrastar a publica autoridade, affronta-la, coagi-la, e usar influxo proveitoso as ambições que nutrem, e aos interesses que representam? (pag. 84, 85.) »

Se eu estivesse convencido de que o governo representativo só vive pela corrupção, da corrupção e na corrupção—que se se tirasse della morreria como o peixe fora d'agua, ou como aquelle a quem se arrancassem as entranhas: não sei se diria ao meu paiz que se não revoltasse contra elle, que não reagisse com violencia contra a morta lenta mas inevitavel que se lhe propina; mas dir-lhe-hia de certo, que se entregasse com zelo e dedicação á eduação de seus filhos e que se servisse da urna para destruir uma forma de governo toxica em grão sublimado. Antes que a minha lingua dissesse aos portuguezes: estae contentes, porque o governo representativo tem de si quanto se ha de mister para que Portugal se mantenha, viva e floreça; eu pediria a Deos que ella me ficasse pegada ao paladar, ou que entorpecido pela paralysia não podesse articular palavras.

Mas não, ainda me não convenci de que o governo representativo seja incompativel com a moral e a virtude, isto he, com a religião catholica, onde sómente acho a verdadeira moral e a verdadeira virtude. Se me convencesse disso, desanimaria completamente; desesperaria da salvação da minha querida patria, que só um milagre poderia arrancar á morte e a dissolução. Entre o Mattos Lobo e o Christiano, he-me impossivel a opção; n'aquelle vejo o emblema do despotismo, como o ageitou o marquez de Pombal, neste o do governo representativo como o retratou o Sr. Lacerda.

Talvez me esteja illudindo a mim mesmo; talvez as idéas que recebi com a educação me tenham illudido, e he por isso que não vejo que o governo representativo exerce uma acção infesta sobre o paiz, e o fere incessantemente com uma arma destruidora; e sómente lhe tenho achado de máo a sua muito facil adulteração, porque abre um facil accesso ás nullidades verbosas e ás ambições clubisticas, ao passo que o difficulta á modestia do merito, da virtude e da independencia; mas esse mal, fruto de tempos anormaes e calamitosos, tambem o tenho encontrado n'outras formas de governo.

VIII.

Estaremos subjugados por uma dessas adulterações? Não he da penna de um homem que se separou da regeneração por não poder concordar com os seus actos e as suas idéas, que póde sahir um juizo favoravel. Guardo portanto o silencio, pois que em minha consciencia não a posso louvar, e não he esta a occasião de argui-la.

Supponha-se, porém, por mera hypothese, (Deos me livre de ter de convencer-me que escrevo historia, quando apenas faço conjecturas) supponha-se que vivemos sôb uma forma de governo, que posto se chama representativo, não passa de ser:

Uma copia irracional e defeituosa da olygarchia ingleza, pela qual os poderosos da fortuna podem impunemente fazer tudo; e os demais não passam de um bando de servos, condemnados a trabalhar, soffrer e morrer para lhe amontoarem riquezas e alargar a esphera de seus gosos?

Que essa olygarchia dividio o paiz arbitrariamente em duas porções: uma minima chamada o paiz legal, a outra a maior que está fóra da lei — está na relação de 31 para 1, e aquella na de 1 para 31, sendo os chamados representantes escolhidos, não d'entre todos os cidadãos, mas sómente d'entre os que constituem o paiz legal; e não eleitos por estes, mas impostos pela corrupção e pela intimidação do poder, ou pela violencia e pela seducção das acções;

Que neste governo assim a religião he insultada, a moral despresada, a educação condemnada;

Que se nega ao povo a verdadeira instrucção, e se abandona a mocidade á exploração dos charlatães protegidos, animados e favorecidos;

Que crescem rapidamente as fortunas colossaes de alguns, e ao mesmo tempo a miseria geral toma proporções gigantescas, horrorosas;

Que a impunidade campeia altiva nos grandes criminosos, e a acção das leis sómente se exerce sobre os réos desvalidos;

Que os deputados feitos como fica dito, em vez de representarem o paiz, não passam de ser um ajuntamento de homens para quem os clubs e a olygarchia « compraram as cadeiras do parlamento como se compram as peças de gado na feira; » que ou representam uma heptarchia dissoluta, ignorante e ambiciosa, que esemeou a corrupção ás mãos cheias por todo o paiz, como se lança o trigo no campo; » ou os desvarios dos clubs ainda mais dissolutos, ignorantes e ambiciosos (porque são irresponsaveis,) que semearam a guerra, a devassidão e o patricidio;

Que a independencia do paiz está jogada aos dados na imprensa, e em leilão nos clubs; ou he indignamente sacrificada nos gabinetes;

Que os chamados ministros da corôa tem substituido ao despotismo da monarchia o despotismo da heptarchia, o mais cruel, mais rancoroso e mais ciumento de todos os despotismos, e tambem o mais torpe....

Isso não seria governo. Seria a negação de todo o governo; e parece-me que haveria grande crime em aconselhar a conservação de um estado de cousas que só acabaria com a morte, pela podridão do paiz em que se estabelecesse e durasse.

IX.

Ainda tinha muito que dizer, mas não he para os estreitos limites de um artigo desenvolver os pontos em que sou forçado a separar-me da opinião de tão abalisado escriptor, e explanar as razões em que me fundo. Isso, que não posso deixar de considerar de maxima importancia em todos os tempos, mas mais especialmente na actualidade, tenho resolvido faze-lo em uma publicação, que está quasi em termos de passar para a imprensa.

No pouco que deixei dito procuro antes offerecer ao Sr. D. José de Lacerda um tributo de respeito, e os meus emboras, pedir-lhe as suas lições e instruir-me com ellas, do que intento censurar um livro, que o seu nome autorisou tanto.

Lisboa, 10 de novembro de 1854.

J. M. de Souza Monteiro.
(Imprensa e Lei.)

ESBOÇO
de um quadro da litteratura ingleza.
(Conclusão.)

M. Tennyson (Alfredo) he o filho de um ecclesiastico do condado de Lincoln. Os seus primeiros ensaios poeticos remontam a 1830 e 1834. Esboços de um adolescente, privados de emoção real, denunciam apenas um culto fervente da forma, que se eleva á exageração pelo luxo das metaphoras e pela superabundancia das imagens. O acolhimento desfavoravel que receberam do publico affastou M. Tennyson da scena litteraria durante dez annos, e foi em 1842 que elle reimprimio as suas obras antigas, augmentadas de novas poesias. Desta vez, o vento tinha mudado e soprou em seu favor. Tornou-se moda considera-lo como o *poeta do seculo*, epitheto hyperbolico em minha opinião, pois que o seculo XIX he uma era de esperança e de progresso, ao passo que o talento de M. Tennyson he essencialmente retrospectivo. As suas melhores producções, *A Princeza, O Cysne moribundo, A vespera do primeiro dia do anno, Lady Godiva, Lady Clara, Vere de Vere*, O carvalho falante, *S. Simeão Stylita, Os Comedores de lodão, Mariana, As Duas Vozes*, mostram-me nelle um artista educado nas doutrinas dos velhos poetas do tempo de Elisabeth, impressionavel aos aspectos diversos da natureza, mas abandonando-se somente ás suas impressões sob a vigilancia de uma razão bem estabelecida; um espirito dotado de suavidade, de ternura, de elevação moral, em quem as faculdades affectivas parecessem dominantes, mas cujo pensamento delicado e refinado he impalpavel e privado de precisão e realidade. Apezar da graça, da abundancia, da elegancia e precisão nos seus versos, M. Tennyson, interprete quasi passivo, vago, indeciso no pensamento, he mais trovador de palavras do que de idéas, um fazedor de estrophes e um creador somente quanto ás particularidades do estylo. De balde procuraremos, nas elegias que consagrou a um amigo perdido, sob o titulo de: *In memoriam*, esses assentos tragicos e sublimes que a dor inspira, ainda aos espiritos mais ordinarios. Encontraremos neste trabalho um coração amante, habituado todavia a estudar-se, que os desgostos não tem perturbado de maneira alguma, e que evita com cuidado qualquer exageração que o poeta poderia renegar no dia seguinte.

Como pensador e philósopho, M. Tennyson, que procede da escola metaphysica, he completamente nullo. He partidario de uma autoridade benigna e forte, de uma liberdade prudente e moderada. Algumas vezes, falla em paz universal, em caridade, em fraternidade, em benevolencia, mas nelle estas palavras soam mal e não passam de lugares communs na bocca de um homem que não sabe o que quer, o que deve querer, o que crê, nem o que devera crer. Por outro lado he cheio de tolerancia para com os outros, e dirige-lhes conselhos de resignação e paciencia verdadeiramente evangelica.

Oh! quão longe de ti estão estes sonhadores, meu pobre Thomaz Hood! A ti que a natureza fizera poeta, delirante e melancolico, a sociedade condemnou-te a rir e a fazer rir! Quantas vezes, relendo as tuas rimas facetas, admirando os teus debuxos extravagantes no *Comic-Annual*, no *Punch* ou no *Magazine* que tinham o teu nome, lembrei-me desta scena terrivel de *Um grande homem de provincia em Paris*, na qual o nosso Balzac pintou Luciano de Rubempré, compondo á noite, ao pé grabato em que jaz o cadaver de Coralie sua amante, canções chulas para pagar as despezas do enterro! Tu, he para manter tua mulher e teus filhos que te fizeste divertidor do publico, rimador de folias, que disfarçaste com mascara de clown o poeta e o pensador grave e convencido! Mas sob o teu riso inexoravel reside uma melancolia que dilacera o coração, mas entre um epigramma e um equivoco de palavras tu causas uma sensibilidade exquisita, mas ás tuas facecias se alliam aos mais graves pensamentos; assim, és para mim um nobre coração e um grande poeta; não te importes com esses espiritos correctos, delicados e bem regulados, incapazes de comprehender o alcance poetico e philosophico dessa mistura de tristezas profundas e de alegrias levianas, desse contraste, dessa antithese e dessa bravata, deste desafio que encontro em qualquer parte das tuas obras!

Thomaz Hood nascera enthusiasta, amante, sympathico; a cruel necessidade somente foi que lhe inspirára este papel de bufão que lhe pesava, e cujo amargo resentimento o tornara nervoso, caprichoso e irritavel. Foi debaixo da influencia desta odiosa escravidão que elle zombou dos ridiculos e das miserias humanas, que escarneceu dos mais graves infortunios, que motejou das nossas enfermidades physicas ou moraes com um cruel sangue frio, uma ironia implacavel, e ao mesmo tempo manifestando uma sensibilidade tão fervorosa, uma melancolia tão verdadeira, transportes de paixão, enthusiasmo tão sincero, que ninguem talvez nunca o igualou como humorista energico, cheio de audacia e de vehemencia. Com que estro inesgotavel de facecias, de idéas comicas, de parodias felizes, de caricaturas excentricas tem elle achincalhado,—nos *Caprichos e Phantasias, Sobre o Rheno*,—as virtudes soberbas, os vicios insensatos, a belleza altiva de si mesma, a fealdade que se ignora, a simplicidade grosseira, a algaravia politica que orna idéas interesseiras, a hypocrisia religiosa que occulta as fraquezas mais vulgares, a ostentação da riqueza, do saber, da probidade, o charlatanismo despejado, as modas e as preoccupações passageiras do publico! Dahi, depois de ter tirado do seu odio, da sua indignação pessoaes tudo quanto podiam ministrar, Hood foi beber inspirações em uma fonte mais generosa: O povo e os seus soffrimentos. He então que elle levanta a voz em favor « dos escravos da civilisação, » do operario « que vive, não, que morre de trabalho, » do filho do povo « que nunca parece ter sorrido, » e que alça um grito de agonia, um grito sublime que fez estremecer e chorar um povo inteiro: *A Canção da Camisa*. Pesa-me não poder citar este poemeto, formula energica dos soffrimentos das classes operarias na Inglaterra, e ante o qual empallidecem todas as declamações, petições, broxuras, maldições em prosa ou em verso dirigidas contra os felizes e os poderosos da terra. Th. Hood entrou no coração do assumpto com uma crueza lugubre, e os soluços se manifestam em cada verso e a cada palavra que sahe da bocca da pobre operaria. Apezar das suas qualidades reaes, *O sonho da nobre dama, O Relogio da casa de trabalho, O Cantico do trabalhador* são-lhe inferiores, mas em opposição a esta queixa da miseria, vem collocar-se mui felizmente a zombaria da riqueza estupida e insolente, na epopéa burlesca de *Miss Kilmansegg e a sua perna preciosa*, satyra extraordinaria semeada por Hood de versos patheticos, de passagens poeticas e facecias delicadas.

As obras sérias de Hood protestam altamente contra a posição que lhe fizeram o capricho e o gosto do publico. *A prohibição das sortes em a noite de S. João* revela os thesouros da sua rica imaginação. *A Casa frequentada*, e o *Sonho de Eugenio Aram* provam recursos tragicos eminentes, e Hood soube imprimir nestas duas composições o cunho do horror verdadeiro e da fascinação ao mesmo tempo real e phantastica dos melhores contos de Hoffmann. As alegrias da familia tambem encontraram nelle um interprete admiravel, e as poesias que consagrou á sua mulher e a seus filhos são obras primas de sentimento.

Estou longe de partilhar o desprezo que acolheu os seus *Contos nacionaes* e o seu romance *Tom de andrajos*, um poeta de taberna.

Th. Hood teve a honra de ser anathematisado por um ministro protestante, chamado Raw-Willson. Na ode que dirigio sobre este assumpto ao santo homem, Hood, depois de se ter pronunciado com energia contra a intolerancia, a hypocrisia e a aspereza evangelica de certas seitas protestantes, proclamou nobre e intrepidamente a sua profissão de fé religiosa. Theista, acreditava n'uma religião universal, a mesma no intimo do coração de todos os homens, mas cujas formas diversas devem ser completamente indifferentes a Deos.

Hood morreu em 1845, exhausto pelas fadigas e pelas vigilias, torturado pelas molestias e pelo desespero, atacado pelo desanimo e pela mizeria. Poucos dias antes da sua morte, traçou n'um quarto de papel o esboço de um tumulo rematado com a sua propria estatua deitada, de uma semelhança perfeita, e escreveu em baixo o epitaphio seguinte: *Cantou a canção da Camisa*. Na falta daquelle que acabava de traçar a sua mão moribunda, era outro que pertencia por direito a Thomaz Hood: *Oh! pobre Yorik!*

Se Mars. Browning só tivesse publicado o *Drama do exilio, Prometheo libertado* e as poesias fugitivas, peças lyricas, balladas e meditações, que appareceram sob o nome de Elizabeth Barrett, fora-me difficil conceder-lhe um lugar nesta revista dos poetas inglezes da actualidade, apesar do enthusiasmo e da inspiração desenvolvidos por ella, reduzindo a drama os seus proprios sentimentos. Mas o casamento fez sahir Mars. Browning da personalidade e desenvolveu nella uma força e originalidade notaveis. As janellas da casa *Guidi* offerecem uma mistura de enthusiasmo politico e de sentimento materno, de energia e delicadeza femenina digna dos maiores elogios. Foi em Florença, ouvindo um menino cantar *O bella liberta!* que Mars. Browning entrou em communhão com a Italia. A esta voz queixosa, admiravel e pura, sentio o coração palpitar-lhe de esperança e confiança pelo futuro de um povo, cujos filhos cantam de tal maneira a liberdade. A primeira parte do seu poema he consagrado ás esperanças; a segunda pertence ás saudades e ás illusões desvanecidas. Nunca houve mulher alguma na Inglaterra que se elevasse a esta altura poetica.

VI.

Os poetas socialistas ou cartistas, isto he, aquelles que sahidos da classe operaria, hão sido os interpretes da colera ou das esperanças dos proletarios inglezes, em geral são destituidos de originalidade, e apenas possuem um valor relativo. A modo que a occupação constante de uma arte mecanica tem impedido que o pensamento se concentre e isole nelles completamente para operar o desenvolvimento integral da sua individualidade. Com tudo, como são a expressão do movimento intellectual das classes inferiores da Inglaterra, entendi que não os devia deixar em esquecimento.

Ebenezer Elliott, o ferreiro de Sheffield, morto em 1849, he o mais celebre destes poetas. Descende de Crabbe nas pinturas da condição do pobre e de Thomson nos quadros da vida rural. Encontram-se accentos de um sentimento verdadeiro da natureza entre os gritos de furor e das imprecações que compõe pela maior parte as *Rimas sobre a legislação dos cereaes*. Por outro lado he deste sentimento que as poesias não politicas d'Elliot tiram o seu principal merito. Existem algumas das suas odes, por exemplo, a ode dirigida a uma flor, *La Rose des espinhaes*, que permitte suppor que Ebenezer Elliott teria sido um verdadeiro poeta se as leis sobre os cereaes não tivessem existido.

Thomaz Cooper, sapateiro, mestre de primeiras lettras, orador popular, he o autor de um poema singular e confuso que se distingue por certa originalidade. A idéa principal do *Purgatorio dos suicidados* he a seguinte: « Até aqui a sociedade ha sido um inferno que as almas mais nobres se deram pressa em evitar. Assim que desapparecer os governos, as instituições e as religiões do passado, o homem tornará a entrar no desenvolvimento normal, o triumpho sobre as forças materiaes seguirá o curso natural, e se realizará a felicidade universal. » Eis aqui agora o quadro em que Cooper desenvolveu a sua utopia. O poeta assiste em sonho a um conclave das sombras daquelles que desprezavam a vida como um fardo. Todos os suicidados desde Bruto até Condorcet estavam presentes. Successivamente tomam a palavra para debater a existencia de Deos, os mysterios da vida e da morte, as causas do mal na terra, o valor relativo da monarchia e das democracias, entremeando as discussões de anathemas contra a ordem actual e de retratos satyricos dos homens de estado da Inglaterra. As conclusões adoptadas por esta convenção de mortos illustres são: a monarchia deve desapparecer, e a pobreza e a oppressão devem ser exiladas da terra, para que em alma alguma não germine mais este pensamento, esta necessidade de morte voluntaria, fructos de uma sociedade criminosa. Esta obra de um tribuno poeta, exagerada, violenta, emphatica e de uma phraseologia diffusa, ainda repito, não he todavia destituida de valor nem de interesse.

Qual he o nome do autor de *Ernest* ou a *Regeneração social*? Este poema não foi vendido, mas distribuido, e ainda depois retirado da circulação. Manifestação de uma colera cega, tumultuaria, incoherente, respira uma energia selvagem de pensamento que quasi que toca ao genio. O autor, seja quem for, he um poeta, e apesar dos seus defeitos, ninguem poderia, sem injustiça, negar-lhe este titulo. Tomou para theatro um cantinho obscuro da Inglaterra, uma aldeasinha imaginaria. Escolheu os actores nas infimas camadas da sociedade, e sempre popular, sem nunca tornar-se vulgar, illuminou, engrandeceu os seus homens do povo pela elevação potente, a nobreza sublime da alma, e delles soube fazer heroes, em virtude da realidade das paixões e da delicadeza dos sentimentos.

Um joven ministro dissidente, pobre e obscuro, um rendeiro arruinado pelo dizimo, e sua filha, um ladrão de caça, um pastor, um musico ambulante, taes são as principaes personagens deste poema que a colera e a vingança que as anima dá um esplendor indisivel. Irritados pelos soffrimentos, enfurecidos contra as superioridades sociaes, reunem os seus furores e conspiram. Descobertos, batem os *constables*, abrem as cadeias, chamam o povo á revolta, organisam um exercito e proclamam a republica, depois de terem assassinado os fidalgos e repartido as terras.

Não quiz attenuar a atrocidade e a propria pobreza de semelhante concepção. Portanto seja-me permittido fazer justiça á vida, ao interesse espalhados sobre ella pela riqueza, pela belleza, pelo vigor dos promenores,— qualidades que a extensão e as repetições deste poema não lhe poderam tirar. Burns e Cowper não fizeram mais que a pintura do interior mizeravel do rendeiro, o homem do trabalho; mais que os retratos da mulher e da filha Lucy. O ministro dissidente, o homem de intelligencia, contrariado, humilhado, perseguido pela nobreza, tambem he traçado por mão de mestre. Emfim he com accentos de uma poesia admiravel que o autor de *Ernest* pintou a natureza, a aurora, o nascer do sol, e as scenas de carnificina que terminam a obra, exhalam um ardor de matança, e uma ferocidade triumphante incriveis. « A vingança, diz elle, enxugou a espada, rindo-se por ve-la mui vermelha, e amaldiçoando as trevas que a impediam de matar mais. »

Este poema barbaro he comtudo oriundo de uma intelligencia elevada, potente e assignalada com o dedo divino. Assim dos excessivamente ve-lo coroado de sangue e appellar para a desolação afim de alcançar o alvo supremo imposto por Deos á humanidade. Dando como preludio a felicidade universal a ruina universal, o poeta desconhecido cahio n'uma extraordinaria aberração de espirito, aberração ainda maior, se quiz apresentar a matança como o unico meio de chegar á melhor organisação das sociedades. Nunca uma instituição se fundou sobre o sangue, nunca nada estavel se organisará pela destruição. Mas sem duvida me illudo, e este poema não he um excitamento á vingança; he um sonho prophetico destinado pelo poeta, *vates* diziam os antigos, a dispertar a caridade e a boa vontade dos ricos em favor dos pobres, apresentando-lhes o painel terrivel dos actos que o desespero poderia inspirar um dia e fazer commetter a infelizes que chamariam justiça ao homicidio.

VII

A Inglaterra teve a inapreciavel honra de dar nascimento ao maior engenho dramatico conhecido, a Shakspeare, e o notavel destino de ver desde então o seu theatro decrescer, perder-se e aniquilar-se, de sorte que hoje ainda toda a sua litteratura tragica e comica se resume em um unico nome, o do autor de *Hamlet*. E com tudo Shakspeare foi « o creador de um mundo legado por elle aos poetas futuros, que nunca lhe esgotaram as riquezas. (1) Que sorte teve esta herança entre as mãos dos seus sucessores? Perguntemo-lo, — exceptuo os seus contemporaneos Beaumont e Fletcher, estes dous poeticos e esplendidos collaboradores; Massinger, o pintor energico da insaciabilidade da avareza, da tyrannia das leis injustas e dos soffrimentos da miseria; Ben Johnson, cuja analyse microscopica, pedantaria e exageração inspiram-me mediocre admiração; — mas perguntemo-lo, digo eu, ao hyperbolico e dityrambico Dryden; a Otway, que apenas deixou um drama notavel, *Veneza salva*; a Shadwell, cuja affeição pelas extravagancias só tem como igual a sua grosseria; a Wycherly, este frivolo e leviano dileneador dos vicios da sua epoca; a Congreve, que substituio pela immoralidade e libertinagem a poesia de que era destituido; a Goldsmith, que alcançou nas suas duas peças, *O homem Honrado e Ella cede para vencer*, o alvo que assignava á comedia: *fazer rir*; emfim a Sheridan, que revestio com trajos artificiaes, com um dialogo recheado de epigrammas os costumes que pretendia retratar e a quem todo o espirito não póde fazer perdoar-lhe a falta de natureza. Assim a decadencia do theatro inglez não he facto novo. Diversas causas lhe hão sido assignadas, Hazzlitt, Coleridge e Lamb, tendo julgado descobri-las na imitação franceza, procuraram chamar os autores inglezes ao estudo de Shakspeare e dos seus contemporaneos. As primeiras tentativas oriundas do movimento operado por elles quasi que não foram mais do que traducções e imitações de Kotzebue, de Goethe e de Schiller: por exemplo, o *Coetz de Berlichingen* de W. Scott, o *Wallenstein* de Coleridge, e os melodramas de Lewis e de Malurin. Podem-se tambem juntar á influencia do theatro allemão os ensaios individuaes de Byron, cujas admiraveis tragedias são por outro lado antes poemas do que dramas.

Antes de examinar os ensaios mais recentes de reforma dramatica na Inglaterra, seja-me permittido dizer uma palavra ácerca dos esforços louvaveis de M. M. Bulwer e Macready, o romancista e o actor, para fazer desapparecer as causas puramente materiaes que se oppunham ao renascimento da scena ingleza. Elles purificaram os theatros, expellindo as mulheres de vida dissoluta que nelles se apresentavam vergonhosamente e affastavam a boa companhia. Depois M. Bulwer chegou a conseguir que o parlamento adoptasse modificações importantes ás leis que regiam a propriedade dramatica. Outr'ora, o manuscripto uma vez pago ao autor, todos os lucros revertiam em favor do director. Hoje, em virtude dos esforços de M. Bulwer, os interesses do poeta são respeitados. He admittido na partilha das recitas, e se acha dest'arte pessoalmente interessado na prosperidade do theatro. Os homens que tributo aqui aos serviços prestados aos escriptores dramaticos são tão sinceros, que em consciencia não posso deixar de considerar as suas obras dramaticas senão como ensaios, — sem duvida respeitaveis, — mas não felizes. Vi representar, em 1837, a duqueza de la Valliere, e a leitura da *Dama de Lyão*, de *Richelieu*, etc., confirmou depois a impressão que a noite que passei em Covent-Garden me havia deixado ácerca do valor de M. Bulwer, como autor dramatico.

Actualmente tres escolas dividem entre si o theatro em Inglaterra: a escola sentimental, a escola metaphysica e a escola archaica.

Sheridam Knowles he o representante mais brilhante da primeira. Discipulo de Hazzlitt e de Lamb, depois de ter bebido as suas inspirações em Shakspeare, chegou a não ser mais que o reflexo do drama lacrimoso que remonta a Fletcher e Beaumont, passando por Otway. Knowles, homem de talento sem duvida, que dramatisa e dialóga habilmente assumptos mais ou menos interessantes, quasi que só produzio melodramas elegiacos em que faltam o estudo da vida, a analyse dos caracteres, a variedade das observações e a verosimilhança dos planos. As suas obras são marcadas com uma cor uniforme que nem reproduz a verdade da natureza, nem a das paixões. Com tudo Knowles goza na Inglaterra de uma preeminencia popular que deve não ao lyrismo, á ternura, ao tragico que attingio algumas vezes, mas simplesmente á profunda sympathia que consagra á vida de familia, tão chara aos Inglezes. Os seus melhores dramas, *Virginio*, — que de romano só tem o titulo, os trajos e as decorações, — *O Amor*, a *Filha* e a *Esposa*, são baseados sobre affeições naturaes, e tiram o principal interesse dos sentimentos domesticos, á cuja pintura Knowles consagrou um estylo muitas vezes ridiculo, posto que repassado de eloquencia e de certo pathetico burguez.

M. Henrique Taylor póde, com razão, ser reputado o chefe da escola metaphysica. Foi elle, como já disse precedentemente, que em 1834 arvorou o estandarte contra Byron, Shelley, e contra o que se chama poetas *do imaginação*. Quer que esta faculdade divina seja modificada pela sciencia e pela observação, e exige antes que tudo que o poeta seja um homem circumspecto. Tem a pretenção de dar uma poesia aos pensadores, a aquelles que leem e praticam as realidades, aos sabios, aos historiadores, aos philosophos; e as suas obras deixam presentir uma theoria completa acerca da psychologia, da esthetica, da politica e da philosophia da historia. Os estudos dramaticos de M. Taylor, *Isacc Comnêne, Philippe de Arteveld e Edwin Formoso*, concebidos e executados segundo estes principios, são frios e sem interesse. Dimanam de um escriptor observador, pittoresco, e colorista, mas tambem de um rhetorico sem imaginação e sem paixão.

M. Browning, incomparavelmente superior a M. Taylor como poeta e como philosopho, não existe mais do que elle como dramaturgo. *Paracelso, Strafford, uma nodoa sobre o escudo, el-rei Victor e el-rei Carlos, a volta dos Drusas*, são creações sem futuro. Nullas como ensaios dramaticos, constituem notaveis analyses psychologicas e moraes, nas quaes a poesia das imagens cobre ás mais das vezes a subtileza dos pensamentos. M. Browning, metaphysico como Words Worth, plastico como Goethe, sceptico como Byron, afoga as suas qualidades, a energia, o pathetico, a profundeza, em divagações inuteis e dissertações de uma esthetica nublada de que só tem sabido tirar o nada. *Sordella*, entre outros, he um verdadeiro inigma proposto aos leitores devotados á poesia mystica. Não deve causar espanto a ausencia de peripecias, de catastrophes, de acção vizivel nas obras que acabo de citar, pois que M. Browning procurou retratar nellas, não o que se passa entre os homens, mas os dramas que as suas idéas formaram ou representaram em sua presença, e as emoções que experimentou. E com tudo possue um verdadeiro poder de generalisação; sómente á força de contemplar as acções humanas sob o aspecto da significação respectiva, chega a não saber de que servem os factos e os incidentes que, na vida, determinam ou manifestam as nossas sensações.

Sinos e Granadas revelam em M. Browning uma completa mudança de proceder, uma tendencia em alliar a poesia á eloquencia e um retrocesso á sensação. As suas faculdades impressionaveis, sem duvida, se revoltaram contra o dominio absoluto da reflexão, e posto que as persenagens sejam sempre entes particulares compostos de elementos geraes, elle representa-os hoje por meios e maneiras que se dirigem aos sentidos. A impotencia de M. Browning em produzir obras scenicas he para mim um facto irrecusavel. O seu espirito, a quem o estro dramatico e a paixão não faltam completamente, vive mui exclusivamente na reflexão para se abrir ao sentimento da realidade. Todavia farei observar que a severidade do meu juizo, póde provir de que M. Browning se dirige a uma faculdade desconhecida e não nomeada em França, e que se chama na Inglaterra o *sentido da admiração*.

Posto que a reflexão ainda domine a acção na *morte de Christovão Colombe* no *Cosme de Medicis*, de M. R.—H. Horne, o elemento dramatico ahi apparece um pouco mais pronunciado do que em M. Browning. Dóe, que M. Horne, homem de talento, abuse da metaphora, da allegoria e da antithese.

Dei o nome de archaicas, — perdoe-se-me o emprego deste vocabulo que a Academia não admitte, mas que he o unico que traduz o meu pensamento. — ás tragedias de M. Noon Talfourd, concebidas segundo as idéas classicas francezas, e cuja forma desusada traz á lembrança Ben Johnson, Dyden, e Addison. A originalidade de M. Talfourd reside no recolhimento e na aspiração á belleza moral. Tomou somente a Euripides o titulo e a situação principal da sua primeira tragedia, *Ion*, pois nada he menos antigo do que os caracteres e as personagens convencionaes de M. Talfourd, cujos sentimentos modernos, envolvidos em trajes gregos, se revoltam cantra semelhante disfarce. Criminalista distincto, orador e poeta nos momentos desoccupados, M. Talfourd, dotado de sensibilidade e de alma, só reproduz na realidade as formas e as praticas da antiguidade. Os seus heróes não são homens taes como os vio em torno de si, ou taes como no-los representa a tradição; mas creaturas, idéas, sem paixões, sem carne, sem ossos, que não teem vida em tempo algum e não pertencem a especie alguma humana definida. *Ion*, segundo diz o proprio M. Talfourd, não he propriamente fallando, se não o phantasma de uma tragedia. Na *Captiva atheniense e na Matança de Glenc*, — que de moderno só tem o assumpto, — a ausencia de calor que anime a sua primogenita deixa completamente nú o esqueleto, isto he, o facticio, a emphase e o systema.

M. Marston tem o merito de nem imitar os Gregos nem Shakspeare. Espirito aventureiro, avido de emoções e de estro inteiramente juvenil, a paixão domina nelle, e, como as naturezas infantes, colocou o seu ideal na energia que affronta o impossivel, e no sacrificio. He destituido de moderação; he sem duvida exagerado; mas em breve virá a idade applacar-lhe o enthusiasmo e o ardor, por isso não lh'os exprobrarei aqui. *A Filha do patricio; O Coração e o Mundo, e Strathmore* repousam sobre uma antithese, sobre a luta de dous principios, e M. Marston procurou dar a estes tres dramas simplicidade e unidade, tornando apenas sensivel uma unica figura, um unico sentimento. Não receia beber os seus assumptos nos costumes modernos, e sustentar que a nossa vida concentrada tambem tem dedicações, angustias e heroismos mais diversos que no passado, e tambem dignos das preoccupações da poesia. M. Marston he abundante e poderoso; interessa e seduz; e posto que seja um poeta lyrico, antes moralista apaixonado do que verdadeiro engenho dramatico, não hesito em considera-lo como o primeiro campeão do theatro inglez.

Acabo de demonstrar que a arte dramatica está falsificada na Inglaterra por tres influencias perniciosas: a affeição sentimental, a analyse metaphysica a emphase epica. Lá os poetas reformadores da scena se esquecem mui voluntariamente que pertence á ode-cantar, á philosophia meditar, e que o theatro exige antes que tudo a acção. Assim não será em Covent-Garden, em Drury-Lane ou nas obras que acabo de examinar, que convem procurar o drama real e vivo. Este será somente encontrado no romance.

Não devo fallar aqui nas innumeraveis imitações dos dramas e vaudevilles francezes que fornecem aos theatros inglezes a parte mais importante do seu repertorio scenico, e cujos autores tem adquerido ante o publico ignorante de Londres certa celebridade, offerecendo-lhe como productos inglezes puras falsificações que só differem dos originaes por uma simples mudança de titulos ou por algumas modificações insignificantes na disposição das scenas. Semelhantes obras não pertencem á litteratura. Deos permitta que a convenção litteraria de 3 de novembro de 1851 livre a Inglaterra para sempre deste mal!

VIII.

A historia está fora dos limites que eu tracei. Com tudo julgo dever fazer justiça ao talento, de M. Henrique Hallam, autor de um *Quadro do estado da Europa na idade media*, de uma *Historia constitucional da Inglaterra, desde a ascenção de Henrique VII até a morte de George II*, e de uma *Introducção á litteratura dos seculos XV, XVI, e XVII na Europa*, na qual todavia não posso deixar passar sem protesto a censura dirigida por M. Hallam a Molière, *de não ter graça*;—de M. Archibald Alison, que consagrou espirito precioso e recto, estylo claro e animado a escrever uma *Historia da Europa* mui completa e mui curiosa, desde 1789 até 1815;—de Lord Mahon, autor de uma *Historia da Inglaterra*, desde a paz de Uthrecht, e de uma *Historia da guerra de successão na Hespanha*; de M. Macaulay, que, depois de ter publicado na *Revista de Edimbourg* alguns *Ensaios criticos e historicos* notaveis, entregou aos admiradores do seu rapido juizo, do seu estylo colorido uma *Historia da Revolução* de 1688, que M. Eugenio Pelletan analysou e apreciou dignamente no *Siecle*.

Os innumeraveis viajantes ou toristas inglezes dos dous sexos que, todos os annos, publicam impressões de viagem, indagações e estudos conscienciosos,—ou futeis,—entram todos n'uma das cathegorias de viajantes enumeradas por Sterne. Depois de maduro exame, o torista *sentimental* foi o unico que me pareceu ter direito de hospitabilidade neste bosquejo, e com grande pezar meu descobri, M. Kinglake que, em virtude das suas facecias delicadas, possue algum laço de parentesco com Yorik. O bom acolhimento que obteve em França *Eothen* dispensa-me que me estenda sobre o merito deste livro e do seu autor.

As revistas periodicas teem exercido mui grande influencia sobre a litteratura na Inglaterra, por isso ser-me-ha permittido esboçar rapidamente a respectiva historia. A primeira collecção deste genero, o *Gentleman's Magazine*, appareceu em 1731. Fundada por um impressor, M. Ed. Cave, ao principio limitou-se a offerecer aos seus leitores um resumo das discussões e das noticias publicadas nos jornaes do mez, mas depois de alguns annos abrio suas columnas a artigos de litteratura e de archeologia. Foi então que o vocabulo *magazine*, applicado até então a collecções de extractos de jornaes, se estendeu ás miscelaneas litterarias mensaes. Como a empreza de M. Cave teve bom exito, appareceram os concurrentes, e o Literary-Magazine de Chambers (1735), o *London-Magazine*, o *British-Magazine*, o *Tow and Country-Magazine* foram mais ou menos felizes nos reinados de George II e de George III.

A *Monthly-Review*, foi a primeira que se occupou de critica litteraria. Estabelecida em 1749 sob a protecção dos whigs, provocou da parte dos torys o nascimento do *Critical-Review*, que, durante alguns annos, foi dirigida por Smollett.

Estas diversas publicações, de mediocre valor, gozavam de uma popularidade mui limitada, quando em 1802 Sidney Smith, Jeffrey, Murray e Brougham lançaram ao publico o primeiro numero da *Edimbarg Review* e abriram nova estrada a este genero de publicações. A esta época he que remonta a existencia da critica ingleza actual. Como a *Revista de Edimburg* defendia a politica dos whigs, os torys lhe oppozeram, em 1809 a *Quarterly-Review*, e, em 1834, os radicaes tambem conseguiram crear, sob a direcção de Bentham, a *Revista de Westminster*, que tem hoje o tiluto de *London and Westminster-Review*.

O Blackwood-Magazine (1817) servio de ponto de partida e de modelo aos *New-Monthly, Frazer's, Tait's, Metropolitan*, etc. *Magazines* que não tiveram difficuldade em lançar no esquecimento os seus tristes predecessores.

Toda a litteratura ingleza emigrou para as revistas, e todos os talentos notaveis da época tem contribuido para a redacção dellas. Bentham, Mac Culloch, Croker, Hazlitt, Ch. Lamb, W. Scott, Southey, Coleridge, Campbell, Jeffrey, Sidney Smith, Th. Moors, Carlyle, Dickens, Thackeray, Brougham, Macaulay, todos vieram pedir-lhes uma publicidade mais extensa, mais rapida. As Revistas tem invadido tudo, historia, poesia, o proprio romance, e tornaram-se verdadeiros resumos das opiniões e dos progressos da Inglaterra desde o começo do seculo XIX. Por ventura o desenvolvimento que hão adquirido não terá prejudicado as grandes obras? Não terão contribuido para o enfraquecimento intellectual da litteratura, absorvendo toda a força de idea, toda a fluidez de estylo, toda a habilidade de discussão? Os espiritos que não tem podido libertar-se do patronato dellas, não se terão extinguido e agorentado, habituando-se a produzir sómente bosquejos? Deixo a juizes de competencia melhor estabelecida do que a minha o cuidado de resolver semelhantes duvidas; todavia sou obrigado a estabelecer que, se, em virtude das Revistas, o talento se tem tornado mais geral na Inglaterra, pelo contrario as fortes individualidades, as obras poderosas la' tem desapparecido,—com poucas excepções. No proprio seio destas compilações, a massa dos talentos cada vez mais se tem disseminado, os artigos notaveis se teem tornado mais raros, e os artigos soffriveis ou interessantes mais numerosos. Os productos se teem multiplicado, mas em compensação, as capacidades parecem ter-se enfraquecido; e as intelligencias nivelado.

As revistas inglezas, em que se encontram mais gravidade, factos novos, bosquejos esthelicos, do que creações e poesia, tem commettido um erro grave, em minha opinião, o de representar um partido politico, e não dirigir-se por este modo se não a uma classe especial de leitores. W. Scott tinha notado este inconveniente, e havia pedido que se desse na *Revista de Edimburg*, uma parte mais ampla a' litteratura. Jeffrey respondeu-lhe: « A Revista caminha sobre duas pernas; a litteratura he uma, sem duvida, mas a politica he a perna direita. » Dahi resulta que a critica ingleza não he imparcial, e censura ou louva uma obra segundo a respectiva tendencia, fazendo-se abstracção do seu merito intrinseco. Semelhante parcialidade torna-se flagrante a respeito dos autores francezes. Assim algumas Revistas não temem desapreciar o talento de Lamartine, V. Hugo, G. Sand, Balzac, Lamennais, L. Blanc, etc. cujas tendencias os desagradam, e pôr na linha dos nossos primeiros escriptores M. Paulo de Kock, pela razão peremptoria de que elle *exprime apenas uma allegria inoffensiva*.

Os anathemas lançados contra os nomes illustres que acabo de citar, não tem nada por outro lado que devam sorprender ou molestar aquelles a quem se dirigem. Deos me livre de prolongar por meio de citações numerosas este bosquejo, já demasiado longo, posto que incompleto! — Mas se a memoria me não falha, li, — na *Revista de Edimburg*, uma queixa eloquente contra aquelles que ousavam apresentar como modelo do espirito inglez o *misero palavrorio de Sterne*; e este juizo profundo sobre Byron: « A poesia do nos o joven lord he da classe daquella que nem os deoses nem os homens toleram. As suas inspirações são tão insipidas, que poderiam ser comparadas á agua estagnada... Entre dez estudantes, nove podem fazer outro tanto ou melhor que L. Byron... Aconselhamos-lhe que abandone a poesia para empregar melhor o seu talento; » e na *Quarterly-Review*, esta amavel appreciação de Charles Lamb: « Não creio dever nomear uma especie de idiota que caminha á cauda dos reformadores, e que tem feito sonetos dignos da sua prosa, e prosa digna dos seus sonetos. »

Tenho para mim que um dia as revistas e as criticas da Inglaterra hão de comprehender e praticar este seguinte principio estabelecido por V. Hugo: « Um escriptor deve ser de todos os partidos pelo seu lado generoso, e não ser de nenhum pelo seu lado máo. O seu poder resulta da independencia. »

IX.

Neste bosquejo litterario fui obrigado a não tratar das publicações politicas, socialistas, cartistas, economicas, destinadas, — umas á propaganda dos principios radicaes, dos systemas de reforma social (planos de educação, projectos de associação, modelos de governo), — outras á exposição da situação material da Inglaterra. Entretanto os romancistas e os poetas, cujas obras tive de julgar, pareceram-me com raras excepções, imbuidos nas idéas reformadoras. O sentimento que escapa dos livros delles he moderno, a moral nova, os principios tambem novos. Estabelecem questões que nunca preoccuparam a sociedade ingleza, ou que ella tinha suffocado e recusado obstinadamente examinar. E o que nos dizem elles? O que pregam em prosa, em verso, no formato de in-octavo ou de in-doze? « Dispamos o homem velho, abandonemos a tradição, sejamos do seculo XIX e não do XVIII e XVII, tenhamos o espirito de justiça em relação com o nosso tempo, o espirito de caridade em relação com os soffrimentos da nossa época. » Releva confessar que estes sentimentos vão exercendo um imperio real e profundo na Inglaterra. O passado tende a desapparecer, e a negação dos velhos preconceitos se vai estendendo todos os dias. Uma vida nova começa a despontar, e parece que lá a sociedade assiste ao levantar da aurora de costumes e de opiniões religiosas e politicas differentes das de hontem e de hoje. A hora das affirmações ainda não he chegada, mas tudo indica que não tardará a soar.

Em presença da situação intellectual deste nobre paiz, as palavras seguintes do bispo Berkeley me vieram á memoria: « Quatro actos da tragedia humana estão representados, a fundação, a luta, o engrandecimento, a civilisação; resta o ultimo a ser representado: a fraternidade. » E perguntei a mim mesmo se estava reservada á Inglaterra a missão de realisar o reino de Deos no mundo.

(Alfredo Hedouin.)
(Revue de Paris.)

(1) Lamenais, *Esquisse d'une philosophie*.

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 12 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Assucar branco baixo—1$940 a 2$050 por arroba.
Dito mascavado escolhido—1$630 por arroba.
Dito dito especial—1$700 por arroba.
Desconto de lettras—a 10 % ao anno.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 11.	122:139$637
Idem do dia 12	19:502$245
	141:641$882

Descarregam hoje 13 de janeiro.

Barca ingleza—*Meteor*—bacalhão.
Barca ingleza—*Belle*—idem.
Brigue inglez—*Ann Porter*—carvão.
Brigue inglez—*Everton*—idem.
Escuna ingleza—*Arrow*—cerveja.
Escuna ingleza—*Kennet*—o resto.
Barca americana—*Conrad*—mercadorias.
Barca americana—*Elisabeth*—farinha de trigo.
Brigue hamburguez—*Olaca*—cemento.
Brigue portuguez—*Laia II*—sal.
Patacho portuguez—*Destino*—diversos generos.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 11.	16:608$798
Idem do dia 12	2:143$219
	18:752$017

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 11	981$547
Idem do dia 12	79$661
	1:061$208

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 11	2:580$631
Idem do dia 12.	1:481$728
	4:062$359

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 11.	26:255$100
Idem do dia 12	2:008$941
	28:264$041

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 12.

Assú—6 dias, hiate brasileiro «Angelica», de 82 toneladas, mestre José Joaquim Alves da Silva, equipagem 6, carga sal e mais generos; a Antonio Joaquim Seve.

Philadelphia—54 dias, barca americana «Elisabeth», de 167 toneladas, capitão Eduard Kenny, equipagem 10, carga farinha de trigo e mais generos; a Matheus Austin & Companhia.

Terra Nova—38 dias, barca ingleza «Elisa», de 192 toneladas, capitão John Clement, equipagem 12, carga 2,500 barricas com bacalhão; a Mc. Calmont & Companhia.

Navios sahidos no mesmo dia.

Maranhão—Galera ingleza «Fatima», em lastro. Suspendeu do lameirão.

Idem—Barca ingleza «Cambria», em lastro. Suspendeu do lameirão.

Portos do norte—Brigue de guerra inglez «Express», commandante Boys.

Bahia—Galeota hollandeza «Curação», capitão A. Ouwchand, com parte da carga que trouxe.

Rio Grande do Sul—Barca brasileira «Santa Maria Boa-Sorte», capitão Joaquim Dias de Azevedo, carga sal e assucar. Passageiro, João Francisco.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda convidar aos proprietarios abaixo mencionados, a entregarem na mesma thesouraria no prazo de 30 dias, a contar do dia da primeira publicação do presente, a importancia das quotas com que devem entrar para o calçamento das casas dos largos da Penha e Ribeira, conforme o disposto na lei provincial n. 350. Advertindo, que a falta da entrega voluntaria será punida com o duplo das referidas quotas na conformidade do art. 6º do regulamento de 22 de dezembro de 1854.

Largo da Penha.

Ns. 2. Bernardo Antonio de Miranda. . .	60$000
4. Viuva e herdeiros de Manoel Machado Teixeira Cavalcanti	54$400
6. Maria Joaquina Machado Cavalcanti. .	25$200
8. Joaquina Machado Portella	21$600
10. André Alves da Fonseca.	36$000
12. Francisco José da Silva Maia.	12$600

Largo da Ribeira.

Ns. 1. Viuva e herdeiros de Maralino José Galvão	30$000
3. Ignacia Claudina de Miranda.	25$200
5. Anna Joaquina da Conceição.	41$400
7. Joaquim Bernardo de Figueiredo . . .	21$600
9. O mesmo	21$600
11. Viuva e herdeiros de Caetano Carvalho Rapozo	21$600
13. Os mesmos	21$600
15. Caetano José Rapozo	60$000
17. José Pedro da Silva do Espirito Santo	25$200
19. João Francisco Regis Coelho	52$500
21. Antonio Machado de Jesus	10$800
23. José Fernandes da Cruz.	19$000
25. Joaquim José Baptista	14$800
	574$800

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 8 de janeiro de 1855. O secretario,
Antonio Ferreira d'Annunciação.

DECLARAÇO'ES.

— Cartas seguras existentes na administração do correio para os senhores: Carlos Augusto Ferraz Abreu, D. Francisca Senhorinha Mello Albuquerque, D. Getrudes Francisca de Miranda, Gaspar Soares Vianna, cadete Henrique Eraldino Bitancourt, tenente José Antonio Ferreira Adrião, José Dornellas Corrêa, Ludgero Gonçalves Silva, ausente Antonio Gomes Leal Reis, Lino José de Castro Araujo, Miguel Antonio Malheiros Junior, Manoel Felix da Silva, Perseverana Maria Wanderley, Severino Facundo Gonçalves.

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

Pela secretaria do tribunal do commercio desta provincia se faz publico, que se matriculou neste tribunal na qualidade de commerciante de grosso trato, a firma social franceza dos Srs. Leon Lecomte Feron & Companhia, domiciliada nesta praça. Secretaria do tribunal do commercio da provincia de Pernambuco 11 de janeiro de 1855.—No impedimento do secretario, *João Pinto de Lemos.*

— Tendo-se de proceder a matricula dos pretos residentes nesta freguezia, que occupam-se no serviço de ganhadores, segundo as instrucções da presidencia para regularisação de auxios prestado no caso de incendio ultimamente publicadas, convida-se aos referidos individuos para que, por si ou por seus senhores os que forem escravos, apresentem-se nesta subdelegacia dentro do prazo de oito dias, á contar desta data. Subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, 12 de janeiro de 1855,—O subdelegado supplente em exercicio, *A. F. Martins Ribeiro.*

— De ordem do Exm. Sr. director geral da instrucção publica, faço saber a quem convier, que está á concurso a cadeira de instrucção elementar do segundo grão de Pao-d'Alho, com o prazo de 50 dias, contados da data deste. Directoria geral 9 de janeiro de 1855.—*Candido Eustaquio Cesar de Mello*, amanuense archivista.

COMPANHIA DE SEGUROS.
EQUIDADE.
ESTABELECIDA NA CIDADE DO PORTO.
AGENCIA EM PERNAMBUCO, RUA DO TRAPICHE N. 26.

O abaixo assignado, agente nomeado desta companhia, e formalmente autorisado pela direcção, aceitará seguros maritimos em qualquer bandeira, e para todos os portos conhecidos, em vasos ou mercadorias, e sob suas respectivas condições; o elevado credito de que tem gosado esta companhia e as vantagens que offerece, fará convencer aos concurrentes da sua utilidade, o seu fundo responsavel he de mil contos de reis fortes: a quem interessar ou convier effectuar ditos seguros, poderá dirigir-se á rua ácima citada, a *Manoel Duarte Rodrigues.*

— Pela delegacia do 1.º districto do Recife foi preso e recolhido á cadeia desta cidade o preto Boaventura, que diz ser escravo de José Antonio Comes, morador na cidade de Nazareth. Outro sim foi apprehendido a um preto da Costa um relogio de ouro com corrente igualmente de ouro: quem fôr seu dono compareça munido de documentos legaes, que lhe será entregue. Delegacia deste 1.º districto do Recife aos 9 de janeiro de 1855.—O delegado,
F. B. de Carvalho.

AVISOS MARITIMOS.

PARA O CEARA'

segue nestes dias o hiate *Correio do Norte*, ainda recebe carga: a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

PARA O RIO DE JANEIRO

o hiate *Venus*, recebe carga e escravos a frete: trata-se com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

— A barca «Gratidão» segue viagem impreterivelmente no dia 19 para Lisboa: quem na mesma quizer ir de passagem, para o que tem bons commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

MARANHA'O E PARA'.

Segue em poucos dias o hiate nacional «Adelaide», ja' tem a maior parte da carga engajada: para o resto e passageiros trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior rua do Vigario n. 4.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para o Porto, segue impreterivelmente viagem no dia 17 do corrente, a veleira galera *Braharense*: quem nella quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem os mais aceiados commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Espera-se do Assú por estes dias a barca brasileira *Imperatriz do Brazil*, a qual seguirá para o Rio de Janeiro um dia depois da sua chegada, e só recebe escravos a frete e passageiros, para o que tem excellentes commodos: a tratar na rua do Trapiche n. 14, com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior.

— Para o Porto pretende sahir com a maior brevidade o brigue portuguez *Bom Successo*, de primeira marcha: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o Sr. Manoel Gomes dos Santos Sena, capitão do mesmo, na praça.

— Para a Bahia segue em poucos dias por ter a maior parte da carga a bordo, a veleira e bem conhecida sumaca «Hortencia», da qual he capitão Sebastião Lopes da Costa: para o resto da carga trata-se com seu consignatario Domingos A. Matheus, na rua da Cruz n. 54.

PARA A BAHIA

Sahira' impreterivelmente no dia 14 do corrente o patacho « Alfredo », pode receber alguma carga para completar o seu carregamento: trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

RIO DE JANEIRO.

O brigue nacional «Damão» segue no dia 14 do corrente, só recebe escravos e passageiros: trata-se com Machado e Pinheiro na rua do Vigario n. 19 segundo andar.

— Para o Rio de Janeiro sahe com muita brevidade o muito veleiro brigue «Recife» o qual ja' tem prompta a maior parte do seu carregamento, para o restante e passageiros trata-se com Manoel Francisco da Silva Carriço na rua do Colegio n. 17 segundo andar, ou com o capitão Manoel José Ribeiro.

PARA O ARACATY,

Segue em poucos dias o bem conhecido hiate *Capibaribe*, de primeira marcha, pregado e forrado de cobre: para o resto da carga, trata-se na rua do Vigario n. 5.

Para o Rio Grande do Sul,

segue viagem até o dia 20 do corrente o veleiro patacho nacional «Santa Cruz», capitão Manoel Joaquim Lobato: para passageiros, trata-se no escriptorio de Eduardo Ferreira Baltar, rua do Vigario n. 5.

LEILO'ES.

— O agente Borja, de ordem do Illm. Sr. Dr. juiz do civel e commercio, Custodio da Silva Guimarães, a requerimento do curador fiscal da massa fallida de Victorino & Moreira, fara' leilão da loja de miudezas, que foi daquelles senhores, sita na rua dos Quarteis n. 22, e não tendo lugar quarta feira 10, fica transferido para sabbado 13 do corrente, as 10 horas em ponto, pelo maior preço que for offerecido.

— Timm Mousen & Vinassa farão leilão por intervenção do agente Oliveira, de grande sortimento de fazendas ultimamente importadas e despachadas, e as mais proprias do mercado: segunda-feira, 15 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, largo do Corpo Santo.

AVISOS DIVERSOS.

— TROCA-SE uma imagem de San Sebastião de tres palmos para cima, ainda mesmo não estando perfeita: na travessa de San Pedro casa do pintor Antonio Firmo.

— Precisa-se de um caixeiro que tenha pratica de taberna, e que saiba ler, de idade de 10 a 15 annos: na rua da Senzalla Velha n. 46.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

Hoje, pelas 10 horas da manhãa, andam as rodas da loteria a beneficio da cultura d'amoreira, no consistorio da igreja da Conceição dos Militares: os bilhetes de cem mil reis para cima serão pagos na thesouraria das loterias, os mais são pagos na Praça da Independencia loja n. 4 do Sr. Fortunato Pereira da Fonseca Bastos.—O thesoureiro, Francisco Antonio de Oliveira.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima Mello avisa ao respeitavel publico, que sabbado 13 do corrente as 10 horas andam as rodas da presente loteria no consistorio da igreja de N. S. da Conceição, e por isso quanto antes venham comprar o resto dos seus bilhetes e cautelas que estão nos lugares seguintes: rua da Cadeia do Recife n. 11, rua larga do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, dita estreita do Rosario n. 17, travessa do Queimado n. 18 c, aterro da Boa Vista n. 58, e na povoação do Monteiro, e na sua loja da rua Nova n. 4, aonde poderão vir receber qualquer premio que sahir, logo que haja a extracção das listas.

— O remedio contra a hydrophobia, conservado em segredo pela familia do finado padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, e com o qual esta tem curado a um infinito numero de pessoas nesta provincia, o que he geralmente sabido, não só pela sua eficacia, como pela antiguidade de sua aplicação, continúa a existir na mesma familia, e a ser por esta aplicado: as pessoas que delle tiverem precisão dirijam-se a qualquer das sobrinhas do dito finado padre Miguel nesta cidade e no lugar da Capunga, e fóra da cidade no lugar das Candeias em casa do annunciante—João Sergio Cezar d'Andrade.

MUTILADO

ILEGÍVEL

CASA DE COMMISSA'O DE ESCRAVOS.

Na rua Direita sobrado de 3 andares defronte do becco de S. Pedro n. 3, recebem-se escravos de ambos os sexos para se venderem de commissão, não se levando por esse trabalho mais do que 2 por cento, e sem se levar cousa alguma de comedorias, offerecendo-se para isto toda a segurança precisa para os ditos escravos.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque mudou a sua aula para a rua do Rangel n. 11, onde continua a receber alumnos internos e externos desde ja' por modico preço como he publico: quem se quizer utilisar de seu pequeno prestimo o, pode procurar no segundo andar da referida casa a' qualquer hora dos dias uteis.

HOTEL
DE
JABOATAÕ.

Sufficientemente se tem demostrado que não ha sido exagerada a descripção que se tem feito deste estabelecimento: por tanto o respeitavel publico he convidado a passar o dia domingo 14 do corrente no hotel do aprazivel Jaboatão, para o que se acha elle decentemente preparado.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer todo mais serviço de uma casa: no largo do Terço n. 27, segundo andar.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, que saiba cozinhar e engommar: na rua Bella n. 12.

— Precisa-se de officiaes de calça: na rua Nova esquina da ponte.

— Precisa-se de dous caixeiros para padaria e deposito e que dêm fiador a sua conducta, quem se achar habilitado dirija-se ao pateõ do Terço n. 10, que achará com quem tratar.

— No dia 9 do corrente desappareceu uma preta da Costa, de estatura regular, secca do corpo, no rosto e nas costas marcas de nação, riscos muito finos, de idade de 20 annos pouco mais ou menos, levou no corpo camisa de algodãozinho e duas saias uma branca e outra preta, consta que anda vendendo fructas nesta praça, quem a pegar leve a estrada de João de Barros defronte da cascata que será gratificado.

— Não se tendo reunido em tempo os credores dos fallidos Victorino & Moreira, são de novo convidados á comparecerem terça-feira 16 do corrente, ás 10 horas da manhãa, na casa de residencia do Illm. Sr. Dr. juiz de direito do commercio, Custodio Manoel da Silva Guimarães, na rua da Concordia, sobrado n. , para verificação dos creditos e nomeação de administrador ou administradores, ficando os mesmos credores advertidos, que não serão admittidos procuradores, se estes não apresentarem procuração com poderes especiaes para o acto, e que a procuração não póde ser dada a pessoa que seja devedor aos fallidos, nem um mesmo procurador póde representar por dous diversos credores. Cidade do Recife 12 de janeiro de 1855. — O escrivão, *Santos*.

— Desappareceu da cidade de Goianna na noite do 10 do corrente, uma escrava crioula, de nome Rita, de idade 18 de annos, cor fula, altura e corpo regular, cara comprida, nariz afilado, olhos razos, bocca grande, peitos em pé, pés um tanto apalhetados e grandes, tem uma tortura em uma das pernas por ter sido quebrada e mal encanada, cujo defeito não se descobre pelo andar, e só vendo-se-lhe as pernas; quando falla fecha os olhos e fica como dormindo; roga-se portanto, as autoridades policiaes, capitães de campo, e especialmente as pessoas encarregadas do registro da barra, inspeccionem as barcaças, canoas, etc., vindas daquelle porto, porquanto ha bem fundadas suspeitas de que ella vem para esta capital embarcada, talvez intitulando-se forra ou conduzida por alguem para ser vendida aqui; esta escrava pertence ao abaixo assignado, e ficam encarregados de fazer qualquer despeza para sua captura, e tomarem posse os Srs.: Rocha & Lima, na rua da Cadeia Velha, ou o Sr. João José Gomes Pinheiro, na rua do Queimado casa n. 38, os quaes generosamente gratificarão se lhe apresentarem a dita escrava.—*José Joaquim Tavares.*

— Na pracinha do Livramento loja n. 1 se dirá quem dá dinheiros a juros em piquenas quantias sobre penhores de ouro e prata.

FESTA DE SANTO ANTAO' NA CIDADE DA VICTORIA.

A commissão encarregada de festejar o glorioso Santo Antão, padroeiro desta cidade da Victoria, faz sciente a todos os devotos do mesmo santo, que a festa por poderosas circumstancias foi transferida para o dia 28 do corrente mez. Esta solemnidade se fará da maneira seguinte: no dia 18, as horas do costume, será a bandeira, collocada esta sobre esplendida charola, e conduzida por 4 meninas ricamente ataviadas e ornadas com brilhantes faixas de setim, precedidas de outras, correrá algumas ruas desta cidade. As noites da novena, que foram distribuidas pelas pessoas de differentes classes e estados, serão desempenhadas com toda pompa, havendo em cada uma dellas pratica, fogo de vista, e além de musica de orchestra duas bandas de pancadaria: no fim, depois de decorada primorosamente a igreja, será a festa, que se fará com vesperas, terça, procissão a tarde e Te-Deum a noite, e com sermões. A commissão roga a todos os moradores das ruas por onde tem de passar a bandeira e procissão, queiram limpar as frentes de suas casas: isto pede a decencia destes actos. A mesma commissão emprega todos os esforços afim de apresentar uma solemnidade digna do seu padroeiro. Nas tardes dos dias 26 e 27 haverão cavalhadas, corridas pelos insignes cavalleiros desta cidade.—Padre *Joaquim dos Prazeres Brayner Lins, Manoel da Costa Ventura, Francisco de Amorim Lima, Alexandre José de Hollanda Cavalcanti.*

— Amanhãa, domingo, haverá a muito superior carne de vitella, defronte do quartel que foi da policia n. 13.

— Na rua estreita do Rosario n. 11 ainda existe o resto da bella maçãa, por preço commodo.

— O Dr. Carolino Francisco de Lima Santos mora na rua das Cruzes n. 18, primeiro andar, onde, no exercicio de sua profissão de medico, dá consultas aos pobres das 7 as 9 horas da manhãa.

— Roga-se ao autor do annuncio do *Diario* n..... em o qual convida a João Cancio para comparecer á rua da Cruz n. 60, se digne declarar se o referido annuncio se entende com o abaixo assignado.

João Cancio Prospero Montanha,

— Os Srs. abaixo declarados tenham a bondade de vir á rua da Senzala Velha n. 94, concluirem o negocio que não ignoram, do contrario passar-se-ha a usar dos meios que a lei nos faculta, para o que lhes são concedidos 30 dias a contar da data deste: Joaquim da Silva Mourão, Antonio Alves de Lima Gadut (que teve casa de pasto), Manoel Lopes Guimarães, Henriques Payante, José Martins do Rego de (Porto Calvo), Antonio José Gomes, Manoel Figueira da Silva de (Goianna), Antonio Barbosa de Freitas, Antonio Bernardo de Lemos e Silva.

— Aluga-se uma das melhores e mais bem afreguezadas lojas da rua do Queimado n. 57, com uma nova e mui fina armação para miudezas: quem a pretender, dirija-se ao pateo do Collegio n. 6, primeiro andar.

— Tendo-se ausentado do Recife, em 22 de maio do anno proximo passado 4 escravos, como consta dos annuncios então impressos nos jornaes desta cidade, destes apenas se recolheram 2, e acham-se ainda ausentes os outros 2, sendo os mais desejados porque foram os autores da fuga de todos; pede-se portanto a apprehensão do preto José, de alta estatura, idade mais de 30 annos, com falta do olho esquerdo, côr bastante negra, e muito prognostico. Jorge, côr fula, alto, tambem de boa figura, idade de 25 a 30 annos, com um pequeno talho em um dos cantos da bocca; ambos estes escravos são crioulos e filhos do sertão, e ha muito pouco tempo estavam nesta praça; pelo depoimento dos chegados consta que seguiram os fugidos pela estrada do Limoeiro até Cariri-Velho, alli se separaram, e depois continuaram para Pajeú de Flores, d'onde José he natural, dizendo que ia ver os parentes, e depois provavelmente seguiriam para o Sobral, ás Catingas de Piauhy, d'onde Jorge he natural; he o mais que se póde indicar a quem possa delles tirar partido: pede-se, portanto, a todas autoridades policiaes e capitães de campo a apprehensão dos referidos escravos, e se offerece a quantia de 100$000 por cada um, ou 250$000 vindo ambos juntos, a quem os trouxer a esta praça a viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45; na Parahiba aos Srs. José Luiz Pereira Lima & C.ª; no Rio Grande do Norte ao Sr. Theotonio Coelho de Cerqueira; no Ceará ao Sr. Manoel Caetano de Gouveia; e no Maranhão ao Sr. Caetano Cesar da Silva Rosa.

— Fugio da casa do abaixo assignado, na madrugada de 3 do corrente, um seu escravo, crioulo, de nome Amaro, official de sapateiro, de idade 30 annos, pouco mais ou menos, altura regular, barba pouca, dentes limados, os olhos enfumaçados, anda calçado, tem as mãos calejadas do fio de sapateiro, tem a testa com os cantos descobertos, he bem fallante; este escravo quando fugio levou comsigo um cavallo castanho, arreiado com um sellim inglez comprido e muito estreito, cabeçada tambem ingleza, o cavallo tem 10 annos, pouco mais ou menos, andador de baixo a meio, frente aberta, com um calombinho no espinhaço e roncolho: o dito escravo foi do Sr. Manoel Pinto Borba, morador no Gamela: quem o pegar ou delle der noticia, dirija-se á rua da Senzala Velha, cocheira n. 114, que será generosamente recompensado. — *Joaquim Paes Pereira da Silva.*

— José Pestana da Silva, subdito portuguez, retira-se para o Ceará.

— Precisa-se de uma escrava para uma casa: na rua do Trapiche Novo n. 28.

— Uma mulher se incumbe de lavar e engommar roupa com toda a perfeição: no principio da rua de Santa Thereza n. 7.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.			
Ditas 36	ditos	a	20$000
Ditas 48	ditos	a	25$000
Ditas 60	ditos	a	30$000
Ditas 144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos			1$000
Frascos de meia onça de tinctura			2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptá-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia emfrancez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes.	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica.	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica.	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas.	6$000
Jahr, molestias da pelle.	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos.	10$000
A Teste, materia medica homeopathica. .	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia. . . .	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . .	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro andar.

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.
THESOURO HOMEOPATHICO
OU
VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la á mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por	10$000
» » encadernados	11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

J. JANE, DENTISTA,
continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.
Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.
Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camarà municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicolão, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE VAPORES.

O conselho da direcção, de conformidade com o art. 4.º, tit. 1.º dos estatutos da companhia, convida aos senhores accionistas a realisarem mais 15 % sobre o numero de acções que subscreveram até 15 de janeiro de 1855, afim de serem feitas com regularidade para Inglaterra as remessas de fundos com que tem de attender os prazos do pagamento do primeiro vapor em construcção; os pagamentos devem ser feitos em casa do Sr. F. Coulon, rua da Cruz n. 26.

— Na rua das Cruzes n. 40, taberna do Campos, ha das melhores e mais modernas bichas hamburguezas para vender-se em grandes porções e a retalho, e tambem se aluga.

— O abaixo assignado, professor particular de instrucção elementar do segundo grão, residente no terceiro andar da casa n. 58 da rua Nova, participa ao respeitavel publico e maxime aos senhores pais de seus alumnos, que abre sua aula a 15 do corrente, e nesse mesmo recinto lecciona tambem a lingua latina e franceza a alumnos internos e externos. Declara portanto que tem sempre prodigalisado esmero no adiantamento de seus discipulos, como póde provar com o termo de exames, tanto do anno proximo passado como dos anteriores.

José Maria Machado de Figueiredo.

— Precisa-se de uma ama para comprar e cozinhar para uma casa de pouca familia: na travessa da Concordia, indo para a cadeia nova, n. 17.

— Precisa-se de uma preta escrava, de boa conducta, para tratar de uma criança: quem a tiver e quizer alugar, dirija-se ao sobrado n. 8 da rua de S. Francisco, ou ao porteiro da alfandega desta cidade, na mesma repartição.

Casa de educação.

Jeronymo Pereira Villar, devidamente autorisado, abrio de novo em 8 do corrente a sua aula de instrucção primaria, na rua larga do Rosario n. 16, á qual reunio outra de lingoa latina, dirigida pelo Sr. Profiro da Cunha Moreira Alves, professor publico do bairro da Boa-Vista, e um curso de lingoa francesa, professado pelo Sr. Dr. José Soares de Azevedo, lente cathedratico do lyceu.

— Precisa-se alugar uma preta captiva para uma casa de pequena familia, que cozinhe: na rua do Sebo n. 42.

VISPORA, DOMINO', E DAMAS.

Chegou á loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, um sortimento de jogos de vispora, dominó e damas, que se vende muito barato para acabar.

— Precisa-se alugar por arrendamento de 3 annos um sitio que seja perto da praça; na rua da Gloria n. 85.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

Bilhetes	5$500	recebe por inteiro		5:000$000
Meios	2$800		»	2:500$000
Quartos	1$500		»	1:250$000
Oitavos	800		»	625$000
Decimos	700		»	500$000
Vigesimos	400		»	250$000

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

— O Sr. João Nepomuceno Ferreira de Mello, que mora para o Salgadinho, queira mandar receber uma encommenda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

NO GELLO,

existe 5 barris com maçães, os quaes se abrem á vista do comprador.

ARMAÇÃO E LOJA.

Traspassa-se a chave e armação de uma casa propria para fazendas, miudezas, outro qualquer negocio, na rua da Cadeia do Recife. Vende-se tambem a armação e balcão de uma taberna, tudo isto trata-se no Recife, rua da Cadeia, ns. 18, 23.

— Na rua estreita do Rosario n. 11, ainda existe o resto das bellas maçães, preços commodos.

FABRICA DE SABA'O.

Continua no seu trabalho e acha-se aberto um deposito na rua da Senzala velha n. 140, aonde acharão sempre do muito acreditado sabão amarello, cinzento e preto, os preços serão sempre o mais commodo possivel: trata-se com Delfino Gonçalves Pereira Lima no mesmo deposito.

— O escripturario da companhia de Beberibe encarrega-se de comprar e vender acções da mesma companhia: na rua Nova n. 7 primeiro andar.

— Deseja-se fallar ao Sr. Alexandre Maclou Tessier, vindo de Lisboa no anno de 1841, pouco mais ou menos, ou a alguem por elle, e consta ter estado no engenho Saué: na rua do Vigario n. 7.

— L. Delouche faz saber ao respeitavel publico, principalmente aos seus freguezes, que acaba de comprar a relojoaria de Mr. Lacaze, na rua Nova n. 22, para onde já transferio o seu estabelecimento, convidando-os a que ahi o procurem, na certeza de terem-no sempre prompto a desempenhar o seu trabalho de maneira a satisfazer a confiança nelle depositada.

— Precisa-se de uma ama com bom e bastante leite, e seja fóra: na rua larga do Rosario n. 16, sobrado de um andar, junto a padaria do Sr. Manoel Antonio de Jesus.

— Aluga-se uma casa terrea na Boa-Vista, na rua dos Coelhos, com 6 quartos, 2 salas, cozinha fóra, concertada e pintada de novo; quem a pretender, dirija-se á rua do Queimado, loja n. 10.

— A viuva de Fortunato Correa de Menezes roga a todos os seus devedores tenham a bondade de virem satisfazer seus debitos na praça da Independencia n. 17. A mesma declara que a unica pessoa encarregada do dito recebimento he seu mano Thomaz José Marinho.

— Do primeiro andar da rua do Cabugá n. 1 B, furtou-se um relogio de ouro de vidro, horisontal, n. 9823; quem o achar, leve-o á sua do Cabugá, loja de 4 portas n. 1 B, que será bem recompensado.

— Offerece-se um rapaz brasileiro para caixeiro de qualquer estabelecimento, excepto taberna ou padaria, o qual dá fiador de sua conducta: quem o pretender, annuncie por este jornal.

Agencia de passaportes, titulo de residencia e folhas corridas.

Claudino do Rego Lima, despachante pela repartição da policia, despacha passaportes para dentro e fóra do imperio, titulo de residencia e folha corrida, por preço commodo e com presteza: na rua da Praia, primeiro andar n. 43.

— Uma pessoa habilitada a' ensinar primeiras lettras se offerece a dar lições em casas particulares: quem quizer utilisar-se do seu prestimo pode dirigir-se a esta Typographia que se dira' quem he.

— Precisa-se de um preto escravo, de meia idade, e boa conducta, que entenda de compras de rua e de serviço de casa: quem o tiver e quizer alugar, dirija-se á rua Direita n. 12, segundo andar, ou no aterro da Boa-Vista, sobrado de um andar n. 80.

— A pessoa que se achar doente e que se queira tratar, fazendo as despezas, dirija-se á rua da Senzala Velha n. 88, para ajustar com a pessoa que o tem de tratar, com toda perfeição e amor.

— O padre João Capistrano de Mendonça, professor de geographia, chronologia e historia do lyceu desta cidade, pretende abrir no 1. de fevereiro um curso particular de rethorica, e outro de geographia para todo o anno lectivo: os senhores estudantes que os quizerem frequentar, poderão dirigir-se a casa n. 51 da rua Nova, a qualquer hora, afim de darem seus nomes á matricula.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua da Senzala Velha n. 68; a tratar no segundo andar do mesmo.

— Ainda está fugida a negra Francisca, já velha e magra, falla muito fanhosa, e tem nos pes signaes de ter estado nos ferros: roga-se, portanto, as autoridades policiaes e capitães de campo a captura da dita escrava, e levem-a a rua da Senzala Velha n. 68, que serão recompensados.

— Diz o abaixo assignado, que tendo de retirar-se para fóra desta provincia, faz sciente a quem tiver penhores em seu poder, queira resgata-los no prazo de 16 dias.—*José Pinto Ribeiro.*

— Quem precisar de uma ama escrava, que sabe cozinhar o diario de uma casa e fazer o serviço da mesma, a qual tem muito boa conducta, dirija-se á rua do Queimado n. 14, loja.

— Lava-se e engomma-se com toda perfeição e aceio, e entrega-se a roupa todos os oito dias; na loja do sobrado n. 40, rua da Aurora.

— O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, cabalmente convencido que os seus bilhetes e cautelas hão de alcançar a mais brilhante victoria nos deus primeiros premios grandes, na loteria d'amoreiras e bicho de seda, que ha de correr indubitavelmente sabbado 13 do corrente a's 10 horas da manhãa; a' elles, que estão-se acabando.

— Lava-se e engomma-se roupa de toda a qualidade por preço commodo: no becco do Quiabo numero 5.

— Perdeu-se no dia 9 do corrente, das 7 para as 8 horas da noite, desde o Recife seguindo pelo aterro da Boa-Vista, Ponte Velha, rua da Gloria até o Mondego, uma carteira de algibeira, presa por um laço de borracha, e contendo 70$000 em sedulas e um soberano, moéda ingleza; tendo consciencia quem a tiver achado, e querendo restitui-la, póde dirigir-se á rua do Vigario n. 3, dando-se a metade de alviçaras.

O BRASIL MARITIMO.

Até o dia 15 deste mez acha-se aberta nesta typographia a renovação de assignatura do segundo anno deste interessante periodico, dedicado unicamente á propagação dos conhecimentos maritimos, organisação e administração etc. da marinha de guerra e mercante nacional, sendo redigido pelo Sr. tenente da armada Euzebio José Antunes, auxiliado pela collaboração de algumas pessoas illustradas da mesma corporação. Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados, contendo 12 paginas em quarto, sendo 8 destinadas ás materias do programma, e 4 exclusivamente á publicação das regras internacionaes e diplomacia do mar de Ortolan, obra esta assás importante e necessaria á todos que sulcam es Oceanos. O custo da assignatura he de 5$000 annuaes pagos adiantado, e de 8$000 para os senhores subscriptores que quizerem possuir quasi todo o primeiro volume da obra referida, já annexa ao primeiro anno do periodico.

LEITURA REPENTINA.
METHODO CASTILHO.

A escola se acha transferida para a rua larga do Rosario n. 48, principia a leccionar no dia 8 de janeiro. As lições para as pessoas occupadas de dia serão das 7 a's 9 da noite.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer as compras para uma mui pequena familia: na rua da Conceição n. 9; prefere-se escrava.

— São convidados os senhores accionistas da companhia para o estabelecimento da fabrica de tecidos de algodão nesta cidade, para comparecerem na casa do banco desta mesma cidade, pelas 11 horas da manhãa do dia 15 do corrente mez de janeiro, para se tratar, não só da nomeação provisoria da directoria da mesma companhia, como da commissão, para organisação dos estatutos e da petição a S. M. o Imperador, para se pedir a encorporação da mesma companhia e confirmação dos seus estatutos.

— Dão-se a fazer caixilhos de empreitada: na obra da rua do Crespo.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5.00$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que a loteria corre indubitavelmente sabbado, 13 do corrente mez, as 10 horas da manhãa, no consistorio da igreja da Conceição dos Militares. Os seus afortunados bilhetes e cautelas estão isentos do imposto de oito por cento nos tres primeiros grandes premios, e estão á venda nas lojas seguintes: rua da Cadeia do Recife n. 24, loja de cambio do Sr. Vieira; lojas de miudezas n. 31 de Domingos Teixeira Bastos, e n. 45 de José Fortunato dos Santos Porto; na praça da Independencia, loja de calçados n. 37 e 39 de Antonio Augusto dos Santos Porto; rua do Queimado, lojas de fazendas de Manoel Florencio Alves de Moraes n. 39, e de Bernardino José Monteiro & Companhia n. 44; rua do Livramento, botica de Francisco Antonio das Chagas; rua do Cabugá n. 11, botica de Moreira & Fragoso; rua Nova n. 16, loja de fazendas de Jose Luiz Pereira & Filho; e no aterro da Boa-Vista n. 72 A, casa da Fortuna de Gregorio Antunes de Oliveira.

Bilhetes	5$500	recebera por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	«	2:500$000
Quartos	1$500	«	1:250$000
Oitavos	800	«	625$000
Decimos	700	«	500$000
Vigesimos	400	«	250$000

— Avisa-se ao respeitavel publico, que na rua da Gloria n. 106 ensinam-se meninas com toda perfeição, a ler, escrever e contar, não só as quatro operações fundamentaes de arithmetica, mas tambem juros, quebrados, regra de proporção, e a grammatica da lingoa nacional; e igualmente ensina-se a bordar, marcar de todas as qualidades, e a fazer labyrintho, por preço commodo.

ATTENÇAO'.

A taberna nova do barateiro, na povoação de Santo Amaro de Jaboatão.

acha-se com um completo sortimento de bebidas de todas as qualidades, cerveja em meias garrafas e garrafas, licores francezes, vinho tinto e branco, queijos novos, sardinhas de Nantes, manteiga ingleza e franceza, da melhor que se póde encontrar no mercado, chá da India e de S. Paulo, dito preto, chocolate, assucar de todas as qualidades, bolachinha ingleza, dita de araruta, charutos para os amigos do bom gosto, das melhores marcas, S. Felix, Figueiredo Rocha, e outros muitos que se pedirem, aletria, macarrão, talharim para sopa; pedimos tambem aos senhores de engenho mais proximos que nos queiram honrar nosso novo estabelecimento com suas freguezias, achando tudo pelo preço da praça e a satisfação do comprador.

— O padre João José da Costa Ribeiro, substituto das cadeiras de latim desta cidade, abre a sua aula particular no dia 1 de fevereiro.

CAIXAS PARA COSTURA.

Chegou á loja da rua do Collegio n. 1, um rico sortimento de caixas para costura, pelo diminuto preço de 3, 4, 5 e 6$000 rs.

— Perdeu-se da cocheira defronte do porto das canoas da rua Nova até a rua Direita, uma manta de cavallo de panno azul ainda nova, que um preto conduzia em cima de um sellim que trazia na cabeça, d'onde cahio, a qual manta além do circulo de ourello preto tem uma fita de casemira encarnada, e por cima da mesma um enfeite de trança; quem a achou, querendo restitui-la, póde entregar na rua Direita n. 17, que se recompensará.

— Precisa-se de uma ama de leite sadia, de boa conducta: na rua do Vigario armazem de cabos numero 1.

— Roga-se a todas as autoridades policiaes da capital desta provincia ou de qualquer outra comarca de fora a captura de um escravo cabra, fugido do engenho Caluanda, freguezia da Luz e termo de Páo d'Alho, no dia 17 de setembro do proximo passado anno, visto que se presume, que dito cabra tenha procurado se occultar em algum lugar com o titulo de forro, illudindo a boa fé de alguem. O referido cabra por nome Antonio Francisco tera de idade em rigor 18 annos, de pouco corpo e estatura mediana, olhos pequenos e um tanto papudos, nariz aquilino, bocca e beiços salientes e conserva uma cicatriz entre um peito e outro, procedido de um signal que arrancara; este he um signal que tirará a todos de qualquer duvida: tambem presume-se que elle tenha procurado occultar-se no Recife, onde á residio por algum tempo, ou nestes arrabaldes: igualmente se recomenda a todos os capitães de campo, a quem o conhecimento deste annuncio deva interessar, promettendo-se uma paga generosa a quem o prender e leva-lo ao dito engenho Caluanda ao seu senhor Francisco Xavier Carneiro da Cunha Campello; fugira com bonete de panno, calça de riscado e camisa de madapolão.

— D. Bernarda Maria dos Prazeres legalmente autorisada com aula particular na rua do Sebo n. 13, participa aos pais de suas alumnas que tem de reabrir a sua aula no dia 15 de janeiro corrente, e que continuará a fazer todos os esforços para bem corresponder á confiança que nella depositam; assim como faz sciente áquellas pessoas que lhe quizerem encarregar o ensino de suas meninas, que estas serão tratadas com todo o esmero e melindres, e aprenderão a ler, escrever, contar, coser, labarintar, marcar, bordar de matiz, ouro, prata, etc., e todas as de mais minuciosidades proprias da idade e sexo.

COMPRAS.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54.

— Compra-se toda porção de prata velha ou nova, que possa apparecer, a peso conforme sua qualidade: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar, se dirá quem compra.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, tendo boa figura; paga-se bem: na rua Direita n. 66.

— Compra-se um negro cozinheiro e comprador, não se olha a idade nem a nação; quem o tiver, dirija-se á rua do Crespo, loja n. 3, proxima ao arco de Santo Antonio.

VENDAS.

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se em casa de Brunn Praeger & Companhia: na rua da Cruz n. 10 por modico preço.

— Vende-se a casa que foi incendiada no dia 2 do corrente, com a frente para o rio, contendo varias casas, e juntamente o terreno com varios pés de fructeiras, o terreno tem 1,500 palmos de comprido e 160 de largo; vende-se junto ou em separado, livre e desembaraçado: para tratar, na rua da Senzala Velha n. 110.

— Vende-se uma morada de casa de um andar e sotão, sita na rua Augusta desta cidade, com 40 palmos de frente: quem a pretender, dirija-se á rua do Collegio n. 10, primeiro andar.

— Vende-se a muito afreguezada taberna da rua do Mondego n. 68, com poucos fundos, ou só a armação: a tratar na mesma, ou na rua de Apollo, com o Sr. Francisco de Paula Dias Fernandes.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN. NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇAO

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

PANORAMAS PARA JARDIM.

Brunn Praeger & C., na rua da Cruz n. 10, receberam e vendem um sortimento de globos de espelho de diversos tamanhos e cores, que formam o mais lindo panorama, postos em uma columna no meio do jardim, como se usa hoje na Europa, nos jardins de bom gosto.

Brunn Praeger & C., na sua casa rua da Cruz n. 10, teem a venda.
Pianos tanto horizontas como verticaes, dos melhores autores.
Obras de ouro de 18 quil. do mais apurado gosto.
Pinturas em oleo, paisagens e com moldura dourada.
Vistas de Pernambuco, geraes e especiaes.
Cadeiras e sofa's para terraços e jardins.
Oleados de ricas pinturas para mesas.
Vinho de Champagne.
Licores de differentes qualidades.
Presuntos.
Genebra em frasqueiras.
Instrumentos para musica.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores

NOVAS INDIANAS DE SEDA
ESCOCEZA A 800 RS. O COVADO
Na rua do Queimado, loja n. 40.

CAÇAS ESCOCEZAS
A 460 RS. O COVADO
Na rua do Queimado, loja n. 40.

—Vende-se cognac em caixas de duzia: no armazem de Brunn Praeger & C., rua da Cruz n. 10.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzala Nova n. 42.
Sellins inglezes.
Relogios de ouro, patente inglez.
Chicotes de carro e de montaria.
Candieiros e castiçaes bronzeados.
Cobre de forro.
Chumbo em lençol, barra e munição,
Farello de Lisbôa.
Lonas inglezas.
Fio de sapateiro.

— Vendem-se dous escravos moços de bonitas figuras: na rua Direita n. 3.

CAL VIRGEM.

a mais nova que ha no mercado, a preço commodo; na rua do Trapiche n. 15, armazem de Bastos Irmãos.

— Vende-se a casa terrea da rua da Paz ou antiga rua do Canno n. 38; a tratar na rua das Trincheiras n. 19, segundo andar.

— Vende-se um carro americano, novo, de 4 rodas, chegado ultimamente da America: os pretendentes dirijam-se á rua de S. Francisco, cocheira do Sr. Raymundo.

— Vende-se o sitio denominado Genipapeiro, no lugar da Embiribeira, confronte a caixinha das almas, contendo grande quantidade de coqueiros deitando fructo, e algumas outras arvores, quatro viveiros e proporção para mais outros, terreno para plantações de capim, mandioca etc., grande extenção de terreno proprio para criação de gado por ser muito fertil, casa de vivenda ainda nova, com uma rua de outras casas menores, e um grande armazem com grande estribaria proprio para rancho, tudo quasi novo: a tratar com Francisco Rodrigues Cardoso de Barros, dono do mesmo, no lugar mencionado.

— Vendem-se excellentes cavallinhas de Lisboa, em barris de 175 cada um, a 5$000 o cento: na rua da Praia n. 4.

— Vendem-se saccos com gomma com 4 ½ arrobas a 9$000: no Forte do Mattos n. 20, em frente ao trapiche do algodão.

— Vende-se superior vinho muscatel de Setubal, em ancoretas de 2 ½ canadas e 5 cada uma; na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Vende-se uma preta de nação, de meia idade, pelo preço de 350$000; o motivo he por querer vender na rua, e não o querer servir em casa: a tratar na rua estreita do Rosario n. 11.

MADAPOLAO' COM TOQUE DE AVARIA
A 2$, 2$500, 3$, e 3$500 a peça!!!
A dinheiro á vista.

Vende-se na rua do Queimado n. 17, loja ao pé da botica, madapolões finos com toque de avaria de agua doce.

— Vende-se cal virgem de Lisboa, a mais nova e melhor que ha no mercado, a 4$000 a barrica: na rua do Collegio n. 21.

— Vende-se a loja de calçados da rua do Livramento n. 42, a qual he bem afreguezada, e com poucos fundos: a tratar na mesma rua n. 29.

— Vende-se uma negrinha de 10 annos, muito linda e esperta, uma mulatinha com 8 annos, tambem muito linda, e dous molequinhos de 8 a 10 annos: na rua larga do Rosario n. 22, segundo andar.

AOS NEGOCIANTES.

Vende-se na villa de Mamanguape a melhor casa que alli existe, tanto pela mão d'obra e tamanho, como pela posição para commercio, tendo sido feita para este fim, e por modico preço: quem a pretender, dirija-se ao seu proprietario, na capital desta provincia, o thesoureiro da alfandega João Carlos de Almeida e Albuquerque, e nesta villa ao Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque.

Para senhoras.

Superiores chapeos de palha e seda para passeio, fazenda inteiramente moderna e de bom gosto, por preço muito commodo: na praça da Independencia n. 24, 26, 28 e 30.

PULCEIRAS.

Chego á loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, um rico sortimento de pulceiras da ultima moda, que se vende muito barato.

— Vende-se uma preta, crioula, de algumas habilidades, com uma cria; na rua de Copiares, sobrado n. 3.

SEDAS ESCCOEZAS
A 1$000 RS. O COVADO.
Na loja da rua do Queimado n. 40.

BAREGE DE SEDA DE LINDAS CORES A 700 RS. O COVADO.
Na rua do Queimado, loja n. 40.

RISCADOS ESCOCEZES A 260 RS. O COVADO.
Na rua do Queimado, loja n. 40.

NA RUA DO APOLLO N. 19,

vendem-se saccas com farinha de mandioca, superior qualidade por preço nunca visto; sendo porção faz-se todo o negocio.

FARINHA DE MANDIOCA.

Na loja n. 26 da rua da Cadeia do Recife, esquina do beco Largo, vendem-se saccas com superior farinha da terra por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vende-se muito bom doce de cajú secco, por preço commodo: nos Quatro Cantos da Boa-Vista numero 1.

—Vende-se 1 habito do cruzeiro; na rua larga do Rosario n. 17, junto ao quartel.

— Vende-se um sitio grande na estrada de Belem passando a pontezinha o primeiro a direita, o qual tem uma grande casa com sotão de pedra e cal, dous viveiros e muitas arvores de fructo, terra para plantar, etc.; os pretendentes dirijam-se ao abaixo assignado na rua do Torres casa n. 19, terceiro andar, ou na rua do Brum armazem n. 14.

Luiz Antonio Barbosa de Brito.

— Nos Quatro Cantos da Boa-Vista n. 1, vende-se boa linha de novelo a 3 por 40 rs. de todos os numeros e em libras da mesma numeração por barato preço, porção de palitos de dentes finos e o masso a 120 rs., tudo isto he pechincha.

— Na rua de Apollo n. 19, vende-se potassa muito nova, chegada ultimamente do Rio de Janeiro, por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar

RUA DO CRESPO N. 12.
Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia. a 1$000.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas muzicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Reduzido de 640 para 500 rs. a libra

Do arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundiçao' d'Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum logo na entrada, e defronte do Arsenal de Marinha ha' sempre um grande sortimento de taichas tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas, e fundas; e em ambos os logares existem quindastes, para carregar canoas, ou carros livres de despeza. O preços sao' os mais commodos.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão.*

POTASSA BRASILEIRA.
Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

— Vende-se um excellente sitio muito perto da praça, com casa de vivenda soffrivel, murado em toda a frente, com alicerces para uma casa de 40 palmos de frente e 110 de fundo, com cacimba de agua de beber, assim como um poço com agua igual a do Capibaribe, differentes fructeiras de boas qualidades, muito boa baixa para capim com camboa no fundo, que pode-se bem fazer 2 optimos viveiros etc.: a fallar com M. Carneiro, ou na entrada da estrada dos Afflictos, primeiro sitio á direita.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

FRASCOS DE VIDRO DE BOCCA LARGA COM ROLHAS.

Novo sortimento do tamanho de 1 a 12 libras.

Vendem-se na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36, por menor preço que em outra qualquer parte.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

Na rua da Cadeia do Recife n. 24 loja de cambio, acham-se a venda bilhetes a 5$500, meios 2$800, quartos 1$500, oitavos 800, decimos 700 e vigesimos 400 rs., da loteria da primeira parte das amoreiras. Esta casa tem sempre sido feliz com os bilhetes e cautelas do cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, e paga os tres primeiros premios sem o disconto dos 8 por cento.

— Vendem-se duas cabras, bicho, de muito boa qualidade, e muito mansas: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 20.

— Vende-se papel pintado, envernisado, com a particularidade de se poder lavar, e sempre esta' novo, decorações mui lindas e modernas, e preço razoavel quanto a qualidade: vende-se na rua da Cruz do Recife n. 27, armazem de Victor Lasne.

CEMENTO ROMANO.
A 11$000 a barrica.

Vende-se cemento romano em barricas de 12 arrobas, as maiores que ha no mercado, e chegado ultimamente de Hamburgo: no Recife, rua da Cruz, armazem n. 13.

— Vende-se uma propriedade na Passagem da Magdalena, porque o proprietario muito deseja cumprir deveres ponderosos; quem pretender compra-la fará o especial favor dirigir-se á rua estreita do Rosario n. 30, segundo andar.

SAL DO ASSU'

vende-se abordo do hiate «Adelayde» fundeado defronte do Trapiche do algodão: a tratar com J. B. da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

PALHA DE CARNAUBA

vende-se a bordo do hiate «Adelaide»: a tratar com José Baptista da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

— Vendem-se caixas com velas stearinas de superior qualidade, meias latas e quartos de sardinhas, cognac em barris, gigos com garrafas e meias de champagne da ja' bem conhecida marca estrella, e quartolas com o verdadeiro vinho de Bordeaux: na rua do Trapiche n. 11.

— Vende-se uma bonita casa terrea com optimos commodos para familia, quintal cacimba e chãos proprios, sita na rua do Padre Floriano: a tratar na rua do Vigario casa n. 7.

A BOA PITADA.

Na rua do Queimado, loja da quina do becco da Congregação n. 41, vende-se rapé novo de Lisboa, a 40 rs. a oitava.—

O FREQUEZ VELHO.

Saccas de farinha.

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada; vendem-se tambem saccas com arroz na rua da Cadeia do Recife n. 18 e 23.

— Vende-se uma morada de casa de 3 andares, com um grande sotão, sita na rua do Vigario n. 8: os pretendentes dirijam-se á loja da esquina da rua do Crespo, voltando para a do Queimado, que se dirá quem vende.

— Vende-se um escravo preto, moço e de bonita figura, e proprio para todo serviço: na rua do Queimado, loja de Manoel Florencio Alves de Moraes.

— Vende-se uma escrava preta, moça e bem parecida, engomma com perfeição, cose bem, cozinha e faz doces, pão-de-ló e bolinhos: na rua Direita, no terceiro andar do sobrado n. 36.

— Lonas da Russia, de boa qualidade, e por preço commodo; vendem Novaes & Companhia em seu escriptorio, rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Vende-se um carro novo inglez de 4 rodas, recentemente chegado, para um ou dous cavallos, feito em Londres: para ver na cocheira do Sr. Poirier no aterro da Boa-Vista n. 55; e para tratar na rua da Cruz n. 42 no escriptorio de Crabtree & C.

LOTERIA DO BICHO DA SEDA.
Corre no dia 13.

Na casa da Fama, aterro da Boa-Vista n. 48, estão expostos á venda os bilhetes e cautelas desta loteria.

Bilhetes	5$000
Meios	2$600
Quartos	1$500
Decimos	$700
Vigesimos	$400

FARINHA DE MANDIOCA

nos armazens de Paula Lopes, Annes e Cazuza no caes da Alfandega a' preço commodo: trata-se com José Baptista da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra, e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

— Vende-se uma escrava crioula, com idade de 26 annos, sem vicio nem achaque: na rua da Gloria n, 69.

FARINHA DE MANDIOCA.

Saccas com superior farinha de mandioca: no armazem de Tasso Irmãos.

Champagne da superior marca Cometa: no armazem de Tasso Irmãos.

OLEO DE LINHAÇA

em barris e botijões: no armazem de Tasso Irmãos.

GARRAFAS VASIAS

em gigos de groza e de 110 garrafas: no armazem de Tasso Irmãos.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— No dia 10 do corrente fugio da povoação do Monteiro uma preta crioula, por nome Izabel, com os signaes seguintes: baixa, e alguma cousa grossa, braços bem grossos, as duas orelhas rasgadas no lugar dos brincos, quando anda puxa por uma perna, os pés apalhetados, e um mais que outro, tem marcas de vacinas em ambos os braços; levou tres vestidos, um de chita escura, outro de cassa de quadros, e outro de chita de assento branco com flores encarnadas, um chales amarello: quem a pegar, leve-a no Monteiro, em casa do major Sebastião Antonio do Rego Barros, que gratificará.

— Fugio no dia 27 de outubro do anno passado, uma escrava de nome Clementina, crioula, idade 25 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: olhos grandes, orelhas pequenas, boa estatura e pouco corpo, tem na perna direita o signal de uma ferida, e com alguns signaes de cipoadas pelas costas; talvez ande para as partes do Recife ou engenho S. Paulo: quem a pegar e levar a seu senhor Caetano Martins dos Santos, morador no engenho Pimentas, freguezia do Cabo, será recompensado do seu trabalho.

— No dia 30 de dezembro proximo passado, as 5 horas da tarde, se ausentou o preto Domingos, de nação Costa, idade 50 a 60 annos, aleijado de uma perna em consequencia de um tumor que á tempos teve no joelho; levou calça de algodão trançado de listra e camisa do mesmo, tudo novo; o qual escravo he pertencente ao casal do finado Francisco Dias Ferreira: quem o pegar ou delle tiver noticia, dirija se á rua do Cabugá ao inventariante Manoel Duarte Ferrão, ou á rua da Roda n. 9, a Manoel José Soares de Avellar, que será recompensado.

— Desappareceu hontem, 9 do corrente, a negra Felicidade, de nação Cassange, de 30 annos, pouco mais ou menos, com falta de dentes na frente, altura regular, falla pouco explicada, levou um vestido preto e outro rôxo, ambos velhos; roga-se, portanto, as autoridades policiaes e capitães de campo a captura da mesma, e levem-a ao becco do Espinheiro, em casa da viuva do tenente Estevão da Cunha Mendes, que será gratificado.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1855

MUTILADO

ILEGÍVEL